



Dalila Coelho Silva

Novas narrativas de amor

uma análise de conteúdo da coluna *Modern Love*
sobre a pandemia de Covid-19

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

DALILA COELHO SILVA

Novas narrativas de amor: uma análise de conteúdo da coluna *Modern Love* sobre a
pandemia de Covid-19

São Paulo
2023

DALILA COELHO SILVA

Novas narrativas de amor: uma análise de conteúdo da coluna *Modern Love* sobre a pandemia de Covid-19

Versão original

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Ciências da Comunicação

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Nassar de Oliveira

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Silva, Dalila Coelho

Novas narrativas de amor: uma análise de conteúdo da coluna Modern Love sobre a pandemia de Covid-19 / Dalila Coelho Silva; orientador, Paulo Roberto Nassar de Oliveira. - São Paulo, 2023.
160 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão original

1. Novas narrativas. 2. Análise de conteúdo. 3. Pandemia de Covid-19. 4. Relacionamentos amorosos. I. Roberto Nassar de Oliveira, Paulo. II. Título.

302.2

CDD 21.ed. -

Nome: SILVA, Dalila Coelho

Título: Novas narrativas de amor: uma análise de conteúdo da coluna *Modern Love* sobre a pandemia de Covid-19

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Aprovada em:

Banca examinadora:

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

à minha mãe.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Deixo primeiramente registrado meu agradecimento à Instituição pelo investimento contínuo no desenvolvimento científico do país, mesmo durante o período de desmonte que o país enfrentou. Acreditar e investir na ciência brasileira é o caminho para a construção de um país melhor.

Ao Prof. Dr. Paulo Nassar, pela atenção, apoio e suporte durante todo o processo de orientação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

Aos colegas e professores do Programa, pelos saberes compartilhados e trocas valorosas, especialmente durante o período de distanciamento social e de aulas virtuais. O acolhimento recebido das pessoas que compõem o Programa foi essencial para tornar a experiência do mestrado mais humanizada, principalmente em um período em que só nos comunicávamos através de telas. Em especial à colega Maria Rita Mazzucatto, por todas as trocas, contribuições e suporte durante todo o processo do mestrado.

À minha família, por todo o apoio e dedicação. Em especial à minha mãe, por tudo; ao meu pai, pelo incentivo e confiança; e aos meus irmãos, pelo companheirismo.

Às amigas e amigos, pelo apoio, companhia, boas trocas e distrações para tornar a caminhada mais leve.

Resumo

SILVA, D. C. **Novas narrativas de amor:** uma análise de conteúdo da coluna *Modern Love* sobre a pandemia de Covid-19. 2023. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Iniciada em 2020, a pandemia de Covid-19 impactou globalmente não só a saúde pública, mas a economia, a cultura, a educação e as relações sociais. Para evitar a disseminação do vírus causador, denominado coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), entidades governamentais e de saúde do mundo inteiro incentivaram as populações a diminuir o contato social ao estritamente necessário, implementando medidas como: distanciamento social, fechamento de estradas e fronteiras, suspensão de atividades não-essenciais e isolamento dos casos suspeitos e confirmados de infecção. Todas essas medidas, além de afetarem os modos de vida, de trabalho e de estudo de boa parte da população, impactaram também a vida íntima e os relacionamentos amorosos dos viventes desse período, que tiveram que restringir o contato com outras pessoas, se voltar para o espaço doméstico e transpor muitas das dinâmicas de interação para o ambiente virtual. Partindo deste cenário, o presente estudo pretende analisar a forma como a vida afetiva e os relacionamentos amorosos foram transformados pela pandemia de Covid-19, tomando como objeto de análise as narrativas publicadas na coluna *Modern Love*, do jornal *The New York Times*, que discorrem sobre impactos causados pelo período pandêmico à vida amorosa. O referencial teórico é organizado em dois eixos, abordando as consequências da pandemia de Covid-19 na saúde pública, política, economia, cultura e vida social, e o papel do amor e dos relacionamentos romântico-afetivo-sexuais na vida do sujeito contemporâneo, a fim de verificar se esse tipo de relação teve um papel importante para os indivíduos no enfrentamento da pandemia. É utilizada a metodologia de análise de conteúdo, levando em consideração aspectos quantitativos e qualitativos do *corpus*. Por fim, é feita uma interpretação do material coletado, organizando os sentidos presentes nos textos em cinco categorias: a função social de abordar a pandemia em *Modern Love*; a pandemia e os mecanismos de enfrentamento da solidão; a pandemia como evidenciador de problemas no relacionamento; a pandemia como terreno fértil para descobertas e novas experiências; e a pandemia como pano de fundo do cotidiano.

Palavras-chave: Novas narrativas; Análise de conteúdo; Pandemia de Covid-19; Relacionamentos amorosos.

Abstract

SILVA, D. C. **New love narratives:** a content analysis of the *Modern Love* column about the Covid-19 pandemic. 2023. Dissertation. (Master in Communication Sciences) – School of Communications and Arts, University of São Paulo, São Paulo, 2023.

Initiated in 2020, the Covid-19 pandemic globally impacted not only the public health, but the economy, culture, education and social relations. To prevent the spread of the virus that causes it, called severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2), the government and health entities around the world have encouraged populations to reduce social contact to the strictly necessary, implementing measures such as: social distancing, closure of roads and borders, suspension of non-essential activities and isolation of suspected and confirmed cases of infection. All these measures, in addition to affecting the ways of life, work and study of a large part of the population, also impacted the intimate life and love relationships of those living in that period, who had to restrict contact with other people, turn themselves to the domestic space and transfer many of their interaction dynamics to the virtual environment. Based on this scenario, the present study intends to analyze how affective life and love relationships were transformed by the Covid-19 pandemic, taking as an object of analysis the narratives published in the column *Modern Love*, of *The New York Times*, which discuss about impacts caused by the pandemic period on love life. The theoretical framework is organized into two axes, addressing the consequences of the Covid-19 pandemic on public health, politics, economy, culture and social life, and the role of love and romantic-affective-sexual relationships in the life of the contemporary subject, in order to verify whether this type of relationship played an important role for individuals in coping with the pandemic. The methodology used is content analysis, taking into account quantitative and qualitative aspects of the corpus. Finally, an interpretation of the collected material is made, organizing the meanings present in the texts into five categories: the social function of addressing the pandemic in *Modern Love*; the pandemic and coping mechanisms for loneliness; the pandemic as evidence of relationship problems; the pandemic as fertile ground for discoveries and new experiences; and the pandemic as a backdrop to everyday life.

Keywords: New narratives; Content analysis; Covid-19 pandemic; Loving relationships.

Sumário

1. Introdução.....	11
2. A pandemia de Covid-19.....	16
2.1. Três anos de pandemia de Covid-19: o que vivemos.....	16
2.2. Outras pandemias na história: o que elas revelam.....	29
2.3. A pandemia de Covid-19 enquanto acontecimento.....	33
3. O amor romântico na contemporaneidade.....	46
3.1. Do que falamos quando falamos de amor: conceituação.....	46
3.2. Uma história de amor no Ocidente.....	58
3.3. Amor: uma questão de gênero.....	67
3.4. Amor em tempos de coronavírus.....	76
4. Análise.....	81
4.1. Objeto de análise.....	82
4.1.1. <i>Modern Love</i> em tempos de pandemia.....	87
4.2. Metodologia.....	90
4.3. Pré-análise.....	91
4.4. Exploração do material.....	98
4.5. Tratamento dos resultados, inferências e interpretação.....	100
4.5.1. Análise qualitativa.....	108
<i>A função social de abordar a pandemia em Modern Love.....</i>	<i>108</i>
<i>A pandemia e os mecanismos de enfrentamento da solidão.....</i>	<i>115</i>
<i>A pandemia como evidenciador de problemas no relacionamento.....</i>	<i>122</i>
<i>A pandemia como terreno fértil para descobertas e novas experiências.....</i>	<i>129</i>
<i>A pandemia como pano de fundo do cotidiano.....</i>	<i>140</i>
5. Considerações finais.....	143
Referências.....	147

1. Introdução

Em janeiro de 2020, o mundo foi surpreendido por um novo vírus altamente contagioso: o coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), responsável por causar a doença infecciosa Covid-19. Propagado pelo ar, através de gotículas de secreções do corpo, o vírus rapidamente se espalhou pelo mundo e culminou em uma pandemia, tendo infectado pelo menos 10,5 milhões de pessoas e provocado mais de 500 mil mortes apenas no primeiro semestre de 2020 (ECODEBATE, 2020). Para além de afetar gravemente a saúde pública e superlotar hospitais, a pandemia de Covid-19 provocou um impacto global significativo na saúde pública, na economia, na cultura, na educação e nas relações sociais. Para conter a disseminação do vírus causador da pandemia, entidades governamentais e de saúde do mundo inteiro incentivaram as populações a diminuir o contato social ao estritamente necessário e implementaram medidas de distanciamento social e de isolamento dos casos suspeitos e confirmados da infecção (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021a). Essas medidas, além de afetarem os modos de vida, de trabalho e de estudo de boa parte da população, impactaram também a vida íntima e os relacionamentos amorosos dos viventes desse período, que tiveram que restringir o contato com outras pessoas, se voltar para o espaço doméstico e transpor muitas das dinâmicas de interação social para o ambiente virtual. Em um curto período de tempo, a sociedade enfrentou uma mudança profunda de paradigma e teve que desenvolver novas formas de se relacionar com os outros e com o mundo.

Partindo deste cenário, a presente pesquisa tem o intuito de analisar o modo como a vida afetiva e os relacionamentos amorosos foram impactados pela pandemia de Covid-19, tomando como material empírico as narrativas publicadas sobre o tema na coluna *Modern Love*, do jornal *The New York Times*, a fim de responder ao seguinte problema central: quais testemunhos de caráter afetivo têm sido produzidos por e sobre os viventes da pandemia de Covid-19 e o que essas narrativas revelam sobre como as relações amorosas foram afetadas pela pandemia?

A relevância da pesquisa está no ineditismo de uma pandemia global dessa proporção para a grande maioria dos habitantes da década de 2020. Os modos de vida foram alterados, fomos obrigados a adotar novos hábitos, houve uma aceleração na digitalização dos mais diversos processos e fomos constantemente atravessados pelo medo da morte. A combinação desses fatores provocou alterações na sociedade que tendem a ser duradouras, e por isso torna-se

urgente investigar quais são essas mudanças e como elas se fixaram no cotidiano, a fim de colaborar também com o conhecimento necessário para enfrentar outras pandemias.

Ao acompanhar os relatos publicados na coluna *Modern Love* e em outras mídias, é perceptível que o amor — incluindo a busca por um parceiro, pelos prazeres e os problemas vividos em uma relação, ou o cultivo do amor próprio — teve um papel importante no enraizamento ontológico (MAY, 2012) dos viventes desse período, que encontraram sentido e esperança para a vida através do sentimento. O amor ocupa um espaço privilegiado na vida do sujeito contemporâneo e é considerado “fundamental na constituição da experiência humana” (SIMÕES, 2004, p. 74), sendo um elemento essencial para se alcançar a felicidade. Por isso, é importante investigar as formas como o sentimento foi transformado pelo momento pandêmico e as soluções desenvolvidas pelos viventes deste período ao contarem com o poder do amor para lidar com as sensações de medo, solidão e desamparo que foram intensificadas pela pandemia.

Ao focar nos testemunhos produzidos sobre as relações amorosas — ou a falta delas — durante a pandemia, o que vimos não foram apenas formas de se afirmar enquanto sujeito em um aspecto íntimo, mas um panorama social, ético e psicoafetivo sobre uma situação global. Assim, esta pesquisa procura olhar para a pandemia de Covid-19, não como um problema de saúde pública, mas como um fenômeno de implicações sociais, culturais, relacionais, comportamentais e íntimas.

O objetivo geral desta dissertação é investigar o que as narrativas produzidas pelos viventes da pandemia de Covid-19 revelam sobre como as relações amorosas foram afetadas por esse período e quais transformações nos relacionamentos puderam ser percebidas durante a pandemia, tomando como objeto de análise os textos publicados na coluna *Modern Love*, do jornal *The New York Times*. Os objetivos específicos são:

- Analisar as narrativas de caráter afetivo produzidas por viventes da pandemia de Covid-19 e observar o que esses testemunhos revelam sobre como as relações amorosas foram ou não afetadas durante esse período;
- Construir um diagnóstico abrangente e relevante sobre os impactos da pandemia na vida social e íntima das pessoas, discorrendo sobre a importância das ferramentas digitais para se estabelecer conexões em um mundo modificado pela Covid e sobre as possíveis transformações provocadas por ela no modo como lidamos com os relacionamentos amorosos;

- Compreender quais mudanças a acelerada transformação digital, experimentada durante a pandemia, causou nos relacionamentos e quais serão os resquícios deixados pelo período de isolamento social na forma com que nos relacionamos com o outro;
- Verificar quais problemas foram relatados pelas pessoas em relacionamento, e também pelas solteiras, durante o período de isolamento social, e quais foram os benefícios para a vida amorosa percebidos durante esse momento;
- Colaborar com a produção de conhecimento sobre como a pandemia de Covid-19 causou impactos profundos para além da saúde pública e economia, afetando a vida social e afetiva de boa parte da população.

O referencial teórico que embasa a pesquisa foi construído em dois eixos: a pandemia de Covid-19 e o amor romântico na contemporaneidade. O primeiro abarca o acontecimento da pandemia desde a descoberta de uma nova cepa de coronavírus na cidade de Wuhan, na China, no final de 2019, até a promulgação do fim do estado de emergência internacional, em maio de 2023, abordando os impactos sanitários, sociais, políticos e econômicos da pandemia, e os entendimentos filosóficos sobre as transformações provocadas por este período, passando também por uma concepção histórica de outras pandemias para se compreender as narrativas produzidas durante esses acontecimentos. Para isso, me baseio em autores como John Barry, Ecléa Bosi, Noreena Hertz, Byung-Chul Han, Eloísa Starling, Slavoj Žižek, e em informações publicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), Ministério da Saúde, Instituto Butantan, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), Conselho de Relações Exteriores dos Estados Unidos (CFR), além das divulgadas em grandes veículos de notícias.

O segundo eixo, sobre o amor romântico na contemporaneidade, destaca a história do sentimento através dos séculos, a forma como ele é entendido hoje no mundo Ocidental e as disparidades sociais entre homens e mulheres que estão na base da constituição do amor romântico e são sustentados por ele. Com isso, visou construir entendimentos acerca do sentimento e do papel que o amor ocupa na vida do sujeito contemporâneo, a fim de compreender tanto a importância do amor em um período de crise, como a pandemia de Covid-19, quanto a forma como os relacionamentos amorosos foram afetados por este acontecimento. São usadas como principais referências as autoras bell hooks, Maria Rita Kehl, Eva Illouz, Mary Del Priore, Paula Simões, Adrienne Rich e Monique Wittig, além de autores como Zygmunt Bauman, Erich Fromm, Simon May e Gilles Lipovetsky.

Assim, os dois eixos teóricos são utilizados como embasamento para responder ao problema de pesquisa na análise dos textos coletados da coluna *Modern Love*. Criada em 2004, a coluna semanal publica crônicas da vida real sobre amor e relacionamentos contemporâneos. A escolha pelo objeto de pesquisa foi feita levando em consideração a relevância histórica da coluna, o impacto internacional causado pelas crônicas publicadas e a forma como as histórias tratam do amor contemporâneo de maneira global, sem ter um recorte enviesado em alguma temática ou problemática específica.

Como metodologia, foi optado por trabalhar com a análise de conteúdo, utilizando como principal referência o livro *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin (2011), por ser uma técnica que integra elementos quantitativos e qualitativos e é eficiente para lidar com um *corpus* extenso. Foram coletadas para análise todas as redações publicadas na coluna *Modern Love* desde o dia 27 de março de 2020 (data em que a pandemia foi pautada pela primeira vez na publicação) até 5 de maio de 2023 (data que marca o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à Covid), tomando como recorte os materiais que combinem as temáticas pandemia de Covid-19 e vida amorosa, compondo assim um *corpus* de 55 textos.

Ao propor a pesquisa, parti do pressuposto de que a pandemia de Covid-19 provocou uma mudança de paradigma no mundo contemporâneo, estabelecendo uma realidade pré-pandemia e uma nova sociedade pandêmica, transformada pelos modos de sobrevivência adotados durante esse momento. Por isso, a hipótese investigada é de que a pandemia afetou também os modos de se relacionar romanticamente, devido ao período de isolamento social, às medidas de seguranças adotadas para evitar o contágio da doença e à crescente presença virtual para se manter as interações sociais.

Ao mesmo tempo em que as narrativas analisadas contam experiências pessoais e subjetivas, elas são o retrato de um momento contemporâneo coletivo, que evidencia e dá contornos para as novas formas possíveis de se amar em um mundo pandêmico. Por isso, com esse material, foram investigados os impactos da pandemia na vida romântica-afetiva-sexual de viventes desse período, as mudanças percebidas nas relações amorosas e as transformações nos modos de se relacionar que possivelmente permanecerão após a pandemia – o que torna o estudo necessário, uma vez que, nas próximas décadas, situações como surtos de doenças, grandes perdas de vidas e imposições de isolamento social podem se tornar frequentes.

No próximo capítulo é feita a contextualização histórica da pandemia de Covid-19, abordando os impactos sanitários, sociais, políticos e econômicos desse acontecimento. Em seguida, é feita uma retomada histórica de outras pandemias que impactaram o mundo, com foco especial na Gripe Espanhola, a fim de se compreender o que os relatos de vida privada produzidos sobre aquele período revelam. A pandemia é explanada também pelo viés filosófico, a fim de se compreender como as precarizações provocadas pelo neoliberalismo potencializaram a devastação causada pela pandemia e quais impactos a pandemia deixa na vida pessoal e íntima.

No terceiro capítulo é retratado o amor romântico na contemporaneidade, passando pelas conceituações e pela história do sentimento, desde a criação ocidental do amor até o período contemporâneo, e entrando também em estudos de gênero, a fim de compreender porque o sentimento tem pesos diferentes na vida de homens e mulheres. Por último, o capítulo mergulha nas facetas do amor durante a pandemia.

No quarto capítulo é feita a análise de conteúdo do material coletado, apresentando a metodologia utilizada, o objeto analisado e as fases de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Foi utilizado o software Iramuteq para fazer a análise quantitativa do material coletado e gerar os dados das análises de estatística, gráfico de similitude e nuvem de palavras. Em seguida, cinco tópicos guiam a interpretação dos resultados: a função social de abordar a pandemia em *Modern Love*; a pandemia e os mecanismos de enfrentamento da solidão; a pandemia como evidenciador de problemas no relacionamento; a pandemia como terreno fértil para descobertas e novas experiências; a pandemia como pano de fundo do cotidiano. Por fim, são feitas as considerações finais acerca da pesquisa aqui desenvolvida.

2. A pandemia de Covid-19

Ao finalizar a escrita deste capítulo, em meados de 2023, já é possível olhar para a pandemia com a esperança de que esse período turbulento tenha ficado para trás. Com mais de 70% da população vacinada (OUR WORLD IN DATA, 2023), a pandemia já não é mais uma emergência de saúde pública de importância global e, embora ainda não tenha sido decretado seu fim e casos da doença continuam sendo registrados em todo o mundo, já é possível afirmar que a pandemia de Covid-19 não representa mais uma ameaça fatal para a sociedade.

Entretanto, em três anos e meio de pandemia, o coronavírus contaminou mais de 760 milhões de pessoas e foi diretamente responsável por quase 7 milhões de mortes (WHO, 2023), além de ter provocado milhões de mortes indiretamente ligadas ao acontecimento, devido à superlotação de hospitais e à crise econômica e social ocasionada. Além de causar graves problemas respiratórios nas pessoas infectadas, a pandemia impactou o sistema de saúde pública, a economia, a cultura, a educação e a vida social dos viventes da década de 2020.

A pandemia de Covid-19 induziu transformações profundas na sociedade e marcou o início do que pode vir a ser um século de grandes pandemias virais, como apontam especialistas (AGÊNCIA FAPESP, 2023; NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2023; THE NEW YORK TIMES, 2023). Estudar este período é de grande importância, a fim de compreender os legados deixados pela Covid-19 em diversos âmbitos da vida social e íntima e produzir conhecimento sobre como podemos lidar com situações semelhantes.

Neste capítulo, é feita uma retrospectiva com dados sobre os acontecimentos mais significativos ao longo da pandemia de Covid-19, desde a descoberta da doença, em dezembro de 2019, até o fim da emergência internacional, promulgado em maio de 2023, a fim de contextualizar o período analisado nesta dissertação. Nos subcapítulos seguintes, a pandemia é abordada também pelo viés histórico e filosófico, a fim de compreender os impactos sociais causados por outras pandemias na história e como esse acontecimento transformará a sociedade contemporânea.

2.1. Três anos de pandemia de Covid-19: o que vivemos

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre o surgimento de uma nova cepa de coronavírus em seres humanos que estava causando um

surto de pneumonia na cidade de Wuhan, na República Popular da China (OPAS, 2020). O vírus altamente contagioso, denominado coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), é responsável por causar a doença infecciosa Covid-19 e, já nos primeiros dias de 2020, virou um dos principais assuntos comentados pelos jornais. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o Coronavírus como uma Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional, e em 11 de março do mesmo ano a Organização classificou a contaminação pelo vírus como uma pandemia (OPAS, 2020). No Brasil, o Ministério da Saúde publicou a Portaria Nº 188, no dia 3 de fevereiro de 2020, declarando uma Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2020).

Propagado pelo ar através de gotículas de secreções do corpo, o vírus se espalhou pelo mundo em muito pouco tempo, tendo infectado pelo menos 10,5 milhões de pessoas e provocado mais de 500 mil mortes apenas no primeiro semestre de 2020 (ECODEBATE, 2020). Uma das características que torna a doença tão transmissível é o fato de o vírus se mover e sofrer mutações rapidamente:

Além da variante Alfa, que predominou no primeiro ano da pandemia no Brasil, tivemos outras, como a variante Gama, detectada em novembro de 2020 (em 6 meses passou de uma participação, entre os casos, de 12%, em dezembro de 2020, para mais de 95%, em maio de 2021), a variante Delta, detectada em dezembro de 2020 (em 6 meses passou de uma participação de 0,8% em junho de 2021 para mais de 99% em novembro de 2021) e mais recentemente a variante Ômicron, detectada em novembro de 2021 (com participação entre os casos variando de 42,7%, em dezembro de 2021, para 96,4%, em janeiro de 2022). (FIOCRUZ, 2022, p. 1)

Os sintomas causados pela doença são diversos e variam desde casos assintomáticos a casos críticos. Dentre os principais sintomas dos casos leves estão tosse, dor de garganta, coriza, febre, perda do paladar e olfato, dor muscular, calafrios e fadiga; já os casos graves apresentam a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), com falta de ar, baixa saturação de oxigênio, lesão miocárdica e disfunção da coagulação, que pode evoluir para insuficiência respiratória grave, disfunção de múltiplos órgãos, pneumonia grave e morte (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021b).

No panorama global, após a nova doença ser anunciada pela China ao final de dezembro de 2019, como uma pneumonia de causas desconhecidas que havia afetado pessoas na cidade de Wuhan (CNN EDITORIAL RESEARCH, 2022), em 20 de janeiro de 2020 o país asiático

reportou 139 novos casos da doença e três mortes, e novos casos foram identificados pela primeira vez no Japão, Coreia do Sul e Tailândia, reconhecendo assim a propagação internacional da Covid-19 (CNN EDITORIAL RESEARCH, 2022). No mesmo mês, começam a ser adotadas na China medidas de contenção como cancelamento de grandes eventos e o *lockdown*¹ da cidade de Wuhan, onde a doença foi primeiramente identificada (THE NEW YORK TIMES, 2021a). Com a propagação da doença, no dia 30 de janeiro de 2020 a OMS declarou Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional (THE NEW YORK TIMES, 2021a). No início de fevereiro de 2020, outros países começaram a bloquear a entrada de pessoas vindas da China e, ao mesmo tempo, transmissões locais de Covid-19 e mortes causadas pela doença foram identificadas em outros continentes — no dia 2 de fevereiro aconteceu a primeira morte nas Filipinas, no dia 6, nos Estados Unidos e no dia 14, na França (CNN EDITORIAL RESEARCH, 2022). No dia 11 do mesmo mês, a OMS propôs o nome Covid-19 para a doença — um acrônimo de “*coronavirus disease 2019*”, visando assim não associar o nome da doença a nenhum animal, lugar ou pessoa para evitar estigmas (THE NEW YORK TIMES, 2021a). Na segunda quinzena de fevereiro, após o rápido crescimento do número de infectados, o *lockdown* começa a ser instituído na Europa para conter o surto da doença, a começar pela Itália (THE NEW YORK TIMES, 2021a). Na América Latina, o primeiro caso foi reportado no dia 26 de fevereiro, tendo afetado um brasileiro que havia voltado de viagem para a Itália (THE NEW YORK TIMES, 2021a).

Em 11 de março de 2020, a OMS declarou que o surto global do novo coronavírus se tratava de uma pandemia (CNN EDITORIAL RESEARCH, 2022); no mesmo dia, o presidente dos Estados Unidos Donald Trump anunciou restrições de viagens vindas da Europa, iniciando assim um bloqueio significativo no tráfego internacional para além das limitações já impostas a pessoas vindas da China (CNN EDITORIAL RESEARCH, 2022). Este é o mesmo período em que as primeiras medidas de contenção, antes aplicadas apenas na Ásia e na Europa, começaram a se espalhar pelo mundo, com o governo dos Estados Unidos tendo restringido eventos e fechado escolas, grandes cidades do Brasil aconselharam medidas de distanciamento social², a Venezuela anunciou uma quarentena nacional, o Equador e o Peru

¹ *Lockdown*, ou confinamento, é o termo usado para descrever as medidas de contenção aplicadas pelo governo para diminuir a propagação do vírus. As medidas variam de local para local, indo desde o fechamento do comércio não-essencial, escolas e locais de lazer, ao bloqueio de vias, suspensão de viagens e documentação necessária para transitar pelas ruas.

² Desde o início da pandemia, termos como distanciamento social, quarentena e isolamento foram rapidamente absorvidos no vocabulário cotidiano, mas tendem a ser displicentemente usados como sinônimos. Segundo a Fiocruz, esse é o significado de cada um:

O distanciamento é uma prática centenária na saúde pública. Ela tem por objetivo evitar que pessoas doentes entrem em contato próximo com pessoas saudáveis. Há

implementaram *lockdown* e outros países fecharam as fronteiras (THE NEW YORK TIMES, 2021a). No mesmo mês, a União Europeia tomou sua primeira decisão coordenada de combate à propagação do vírus: decretou o banimento de viagens não essenciais e fechou as fronteiras de 26 países (THE NEW YORK TIMES, 2021a). Ao final de março, os Estados Unidos lideravam mundialmente o número de casos confirmados, com pelo menos 81 mil pessoas infectadas e mais de mil mortes, superando assim os casos reportados pela China e Itália na época (THE NEW YORK TIMES, 2021a). No início de abril de 2020, a pandemia já havia afetado mais de um milhão de pessoas no mundo e causado pelo menos 51 mil mortes (THE NEW YORK TIMES, 2021a).

Além de impactar globalmente os sistemas de saúde, a pandemia causou grande rombo na economia de diversos países. Em maio de 2020, algumas das maiores economias do mundo, como a Alemanha e o Japão, entraram em recessão (THE NEW YORK TIMES, 2021a). No Brasil, a taxa de desemprego chegou a 14,6% (AGÊNCIA BRASIL, 2021), e é estimado que um terço da população tenha recebido o Auxílio Emergencial, programa criado pelo Governo Federal para dar apoio financeiro a pessoas em situação de vulnerabilidade ocasionada pela pandemia (CONTÁBEIS, 2021). Na mesma época, os Estados Unidos e o Brasil ocupavam o ranking de países com maior número de pessoas infectadas por coronavírus: 1,6 milhão de casos nos EUA e 330 mil no Brasil (THE NEW YORK TIMES, 2021a). Após o surto intenso na Europa e Ásia e enquanto a União Europeia reabria as fronteiras para turistas, na metade de 2020 os países do Oriente Médio, América Latina e África eram os mais gravemente atingidos pela doença, tendo o continente africano dobrado o número de infectados, de 100 mil para 200 mil, em apenas 18 dias (THE NEW YORK TIMES, 2021a). Em julho, a Índia decretou a retomada do *lockdown*, após atingir a marca de um milhão de casos e 25 mil mortes e se tornar o terceiro país mais infectado do mundo (THE NEW YORK TIMES, 2021a). Passados dez meses desde que o vírus causador da doença respiratória foi identificado em Wuhan, o número global de mortes causadas por Covid-19 chegou a um milhão (THE NEW YORK

alguns termos correlatos para descrever esta medida, e que muitas vezes são confundidos. O isolamento é a medida adotada para o afastamento de quem está doente pelo Sars CoV-2. Pode ocorrer em casa ou no ambiente hospitalar. É diferente da quarentena, adotada quando as pessoas que tiveram contato presumido com um agente infeccioso, mas não estão doentes, restringem suas atividades e se separam das pessoas não expostas ao microrganismo. Esta medida ficou bastante conhecida quando foi recomendada para pessoas que retornavam de viagens internacionais a partir de locais com alta taxa de transmissão de Covid-19. O distanciamento, finalmente, é a diminuição da interação entre pessoas, principalmente quando há, em uma mesma comunidade, pessoas já infectadas com muitos, poucos ou nenhum sintoma, mas já há circulação do microrganismo (transmissão comunitária) (FIOCRUZ, 2022, p. 21).

TIMES, 2021a), de acordo com os dados oficiais. Em outubro, também foi alcançada a marca de um milhão de novos casos registrados globalmente em apenas três dias, com uma ressurgência de casos na Europa e, conseqüentemente, retorno das medidas de *lockdown* impostas pelos governos (THE NEW YORK TIMES, 2021a).

Junto aos graves impactos causados à saúde pública e à economia, a pandemia de Covid-19 provocou mudanças na vida privada de boa parte da população mundial. Para conter a propagação da doença, entidades do mundo inteiro instauraram medidas de distanciamento social, limitando a circulação de pessoas em locais públicos e incentivando a população a diminuir ao máximo o contato com pessoas não pertencentes ao núcleo residencial. A adesão ao distanciamento foi tão intensa que, segundo notícia publicada pela *BBC*, um terço da população mundial estava sob quarentena ao final de março de 2020 para conter a propagação do coronavírus (*BBC*, 2020a). Essas medidas, além de afetarem os modos de vida, de trabalho e de estudo de boa parte da população, impactou também a vida íntima e os relacionamentos amorosos dos viventes desse período, que tiveram que restringir o contato com outras pessoas, se voltar ao ambiente doméstico e transpor muitas das dinâmicas de interação para o ambiente virtual.

Tais medidas de contenção, juntamente com o furor do ineditismo provocado pelo distanciamento social, alavancaram o surgimento e a popularização de diversas soluções para transpor o social para o virtual, aproximar pessoas, fazer companhia a distância e lidar com a solidão durante o isolamento. As plataformas de videochamadas cresceram em proporções inéditas (*CNN BRASIL*, 2020a); aplicativos de relacionamento passaram a ter novos picos de acesso e liberaram funções para conhecer pessoas de outras cidades (*CNN BRASIL*, 2020b); festas online e iniciativas de encontros virtuais às cegas começaram a se popularizar (*ISTOÉ*, 2020); e a venda de brinquedos eróticos experimentou um crescimento significativo (*CNN BRASIL*, 2020c). Entretanto, o excesso de proximidade entre pessoas que coabitam serviu para expor e ampliar problemas de relacionamento, e houve um aumento considerável no número de separações após o início da pandemia: no segundo semestre de 2020, o Brasil bateu recorde em pedidos de divórcio, totalizando 43,8 mil processos e um crescimento de 15% em relação ao mesmo período de 2019, sendo que a média histórica dessa variação é de 2% ao ano (*BRASIL DE FATO*, 2021). Segundo a *BBC*, um dos maiores escritórios de advocacia do Reino Unido registrou o aumento de 122% nos pedidos de divórcio entre julho e outubro de 2020, em comparação com o mesmo período do ano anterior; nos Estados Unidos, uma das maiores empresas de vendas de contratos jurídicos registrou o aumento de 34% na

venda de acordos de divórcio; na China, a taxa de separação dobrou após o fim da quarentena de 70 dias no primeiro semestre de 2020 (BBC, 2020b). Na Inglaterra, foi notado também um aumento no número de divórcios solicitados por mulheres, que passou para 76% dos casos em 2020, ante a 60% no ano anterior (BBC, 2020b) — fator possivelmente motivado pelo excesso de convivência e de responsabilidades domésticas assumidas por elas uma vez cessada a convivência social com o mundo externo.

Outro fenômeno observado desde o início da pandemia foi a corrida entre países para adquirir os imunizantes que estavam em desenvolvimento. Ainda no primeiro semestre de 2020, a maioria dos países mais ricos já havia garantido o acesso às primeiras doses de vacina após a aprovação, fazendo com que os países mais pobres demorassem a ter acesso ao imunizante (VOX, 2021) — os Estados Unidos, por exemplo, já havia adquirido, em dezembro de 2020, quatro vezes mais vacinas do que o necessário para imunizar sua população total. Países de baixa renda, entretanto, só conseguiram iniciar acordos significativos de compra de imunizantes em janeiro de 2021, evidenciando ainda mais a desigualdade no acesso aos mecanismos de combate à pandemia (VOX, 2021).

Ao final de 2020, um novo marco foi alcançado, agora positivo: as primeiras doses de vacina contra Covid-19 começaram a ser aplicadas (CNN BRASIL, 2021), batendo recorde de menor tempo para criar uma vacina — até então, a vacina mais rápida a ser desenvolvida foi contra a caxumba, em 1967, que levou quatro anos para ficar pronta (MEDICAL NEWS TODAY, 2021). No dia 5 de dezembro, a Rússia se tornou o primeiro país a iniciar a campanha de imunização, aplicando a vacina *Sputnik V*; no dia 8, o Reino Unido também deu início ao processo de vacinação da população, utilizando o imunizante da *Pfizer*; Estados Unidos e Canadá aplicaram as primeiras doses da vacina *Pfizer* no mesmo dia, em 14 de dezembro; e no dia 16 o mesmo imunizante começou a ser aplicado na Arábia Saudita (CNN BRASIL, 2021). Os testes de ambos os imunizantes utilizados pelos primeiros países a iniciar suas campanhas de vacinação ainda não haviam sido finalizados, mas os governantes sancionaram autorizações emergenciais para iniciar a imunização previamente (CNN BRASIL, 2021).

Porém, em 2021 uma nova e mais devastadora onda de Covid-19 afetou o mundo. Apesar da pressa dos laboratórios para desenvolver vacinas eficientes contra a doença, o início da imunização não ocorreu em tempo suficiente para evitar o período mais letal da pandemia, em janeiro daquele ano. No mesmo dia em que iniciaram a campanha de imunização, os Estados Unidos alcançaram a marca de 300 mil mortes, fazendo com que a Covid-19 ultrapassasse a

doença cardiovascular como a principal causa de morte no país (THE NEW YORK TIMES, 2021a). A doença também foi a principal causa de morte na maioria dos países do Leste Europeu e da América Latina e a quarta maior fatalidade no mundo (CFR, 2021). Segundo dados apresentados pela OMS, na semana do dia 18 de janeiro, 102 mil pessoas faleceram por Covid-19 ao redor do mundo, marcando a semana de mais mortes pela doença (WHO, 2022). Segundo a ONU, a expectativa de vida global diminuiu 1,8 anos devido à pandemia; em 2019, a expectativa era de 72,8 anos, e em 2021 esse dado foi para 71 anos de vida (AGÊNCIA BRASIL, 2022). Pela primeira vez desde 1950, a taxa de crescimento populacional mundial ficou abaixo de 1% ao ano (AGÊNCIA BRASIL, 2022). Além disso, a OMS aponta que houve um excesso de mortalidade de 14,9 milhões em 2020 e 2021 devido à pandemia (OPAS, 2022). Esse valor representa o número total de mortes associadas ao coronavírus direta ou indiretamente (devido a impactos no serviço de saúde ou na economia, por exemplo) entre janeiro de 2020 e dezembro de 2021.

Os Estados Unidos tiveram o ano mais letal da história em 2021, alcançando a marca de 3,465 milhões de mortes, 80 mil mortes a mais do que o registrado no ano anterior (PBS, 2022). O dia 4 de fevereiro de 2021 foi a data com mais perdas por coronavírus no país, tendo sido registradas 5.077 mortes por Covid em um único dia (THE GUARDIAN, 2021). No Brasil, a fase mais letal foi vivida nos meses de março e abril, quando o sistema de saúde entrou em colapso com o aumento de casos graves; no dia 8 de abril, o país bateu recorde no número de mortes registradas em 24 horas, alcançando a marca de 4.249 vítimas fatais de Covid-19 (INSTITUTO BUTANTAN, 2021). O número de vidas perdidas no país, de janeiro a abril de 2021, ultrapassou a quantidade de pessoas que morreram da doença durante todo o ano de 2020 no Brasil, marcando a onda mais letal de Covid-19 no país (INSTITUTO BUTANTAN, 2021).

Ao final de março de 2021, mais de 500 milhões de vacinas já haviam sido aplicadas no mundo, porém 86% delas foram usadas nos países de renda alta e média-alta (THE NEW YORK TIMES, 2021b). Com essa divergência, países como o Quênia, por exemplo, esperavam conseguir alcançar a marca de 30% da população vacinada apenas em 2023 (THE NEW YORK TIMES, 2021b). O problema em não ter um esforço coordenado globalmente para combater a pandemia e distribuir igualmente as vacinas é que, além de aumentar a desigualdade entre os países, tornou ainda mais difícil erradicar a doença do mundo, pois a falta de imunização fez com que novas e mais potentes variantes surgissem nos países com menor cobertura vacinal.

Com a ampliação da vacinação, houve também uma melhora nos índices da doença e um desafogamento dos sistemas de saúde. As vacinas se provaram altamente eficientes para proteger a população dos estágios mais graves da doença, evitando hospitalizações e mortes, além de diminuir o risco de infecção, tornando assim a doença menos contagiosa (CFR, 2021). Segundo levantamento feito pelo Conselho de Relações Exteriores dos Estados Unidos, países com os maiores índices de população vacinada, como Holanda e Reino Unido, não experimentaram ao longo de 2021 um aumento no número de mortes como o vivido por países com baixa distribuição de vacinas (CFR, 2021). No Brasil, onde os primeiros a receber a vacina foram os profissionais de saúde, idosos e pessoas com comorbidade, a morte de pessoas com 80 anos ou mais caiu pela metade já no início de maio (INSTITUTO BUTANTAN, 2021).

A adesão à vacinação evidenciou também uma disputa política por trás da doença. Nos Estados Unidos, uma pesquisa realizada em setembro de 2021 mostrou que, ao alcançar a marca de 75% da população adulta vacinada, é perceptível uma disparidade ideológica entre os imunizados: enquanto 92% das pessoas que se identificam com o partido democrático se vacinaram, apenas 56% dos republicanos tomaram ao menos uma dose da vacina, e 23% dos republicanos afirmaram que definitivamente não iriam se vacinar (BROOKINS, 2021). No país, apesar de ser esperada uma disparidade racial e social no acesso ao imunizante, esse dado não se comprovou: segundo a mesma pesquisa, 73% dos adultos brancos e 78% dos adultos não-brancos haviam se vacinado (BROOKINGS, 2021).

No Brasil, um dado semelhante foi notado: uma pesquisa realizada pela Fiocruz em parceria com a UnB mostrou que, apesar de a primeira onda de Covid-19 ter sido marcada pela desigualdade social, a segunda onda da doença foi mais intensa em municípios com alinhamento político pró-Bolsonaro. As cidades que mais apoiaram a eleição do presidente Jair Bolsonaro em 2018 registraram as maiores taxas de mortalidade pela doença em 2021. Segundo os pesquisadores, a segunda onda de Covid no país foi “moldada pela escolha partidária dos municípios” que, nesses casos, promoveram o tratamento precoce e não incentivaram as medidas de distanciamento social e uso de máscara (G1, 2022a). A mortalidade por Covid nas cidades alinhadas ao governo de Bolsonaro foi 44% maior do que nos municípios que não registraram apoio significativo ao presidente (CORREIO BRAZILIENSE, 2022). O então presidente por diversas vezes pronunciou desinformações sobre a pandemia e se posicionou contra as medidas que garantiriam o combate à doença, comportamentos que foram replicados por muitos de seus apoiadores.

Outro fato importante apontado pelas pesquisas feitas sobre os impactos da Covid-19 é que mulheres, pessoas não-brancas, imigrantes e pessoas de baixa renda foram as parcelas da população mais afetadas pela pandemia. Devido à pandemia, “pessoas jovens, de baixa escolaridade, imigrantes, minorias raciais/étnicas e trabalhadores com baixos salários estavam sobre-representados em empregos que não podem ser realizados remotamente e, portanto, foram expostos a um maior risco de infecção ou perda de emprego” (OECD, 2022), como aponta a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Nos Estados Unidos, a morte de pessoas pretas e latinas por Covid foi respectivamente 1,4 e 1,2 vezes maior do que a de pessoas brancas no primeiro ano de pandemia (THE COVID TRACKING PROJECT, 2020). Segundo a agência de notícias *US NEWS*, o “Dr. Georges Benjamin, diretor executivo da American Public Health Association, diz que muitas das primeiras pessoas afetadas pela pandemia não tiveram a opção de ficar em casa, seja por causa do trabalho ou de outras responsabilidades”, e esse fenômeno ocorreu mais entre as minorias raciais, devido às disparidades sociais e econômicas do país (US NEWS, 2023, tradução nossa).

No Brasil, segundo a Oxfam, a pandemia acentuou a crise em curso: após um ano de pandemia, o país alcançou a marca recorde de 14,4 milhões de desempregados, e a perda de renda foi maior entre as mulheres; uma em cada quatro mulheres foi vítima de violência doméstica durante o período, situação que foi intensificada devido ao isolamento social e à precariedade financeira; mulheres e pessoas pretas foram as mais afetadas pela pandemia; a maioria das mortes por Covid-19 se concentrou nas periferias do país, aumentando em até 50% o risco de morte da população dessas regiões; e a população negra teve 150% mais risco de morrer por Covid do que os brancos no país (OXFAM, 2022).

Há ainda uma disparidade geográfica nas mortes ocasionadas pelo coronavírus. Segundo a OMS, em um levantamento sobre o excesso de mortalidade ocasionado pela pandemia, 84% das mortes em excesso ocorreram no Sudeste Asiático, Europa e Américas. Os países de baixa-média renda representam 53% das mortes, enquanto os países de alta renda concentram apenas 15% das perdas (OPAS, 2022) — indício de que o acesso a tratamentos, suporte médico e medidas de segurança foi bastante desigual entre os países e que a população mais pobre não pôde preservar a vida do mesmo jeito. Além disso, o índice global de pobreza extrema aumentou pela primeira vez em 20 anos, enfrentando um crescimento de 7,1% em 2020 (WELLCOME, 2021).

Segundo a Federação Internacional da Cruz Vermelha, imigrantes e refugiados são os menos protegidos e mais afetados: “as medidas de *lockdown* relacionadas à Covid-19 e o fechamento de fronteiras em alguns países impedem que os migrantes acessem serviços essenciais, deixando muitos retidos ou em trânsito sem apoio, e dificultam o acesso a processos internacionais de proteção e asilo” (IFRC, 2020, tradução nossa). Além disso, a pandemia também gerou mais estigma e discriminação sobre imigrantes, o que os tornou mais isolados de assistências médicas e sociais e prejudicou ainda mais os esforços de saúde pública para erradicar a doença, e essa situação foi ainda mais intensificada quando a pessoa estava com documentação irregular.

No segundo semestre de 2021, houve uma queda significativa no número de mortes por Covid-19, mesmo que as ondas de novos casos continuassem variando de acordo com o surgimento de mutações do vírus, evidenciando mais uma vez o bom funcionamento das vacinas desenvolvidas no primeiro ano de pandemia (WHO, 2022). Assim, as populações começaram a retornar à “vida normal”, os hospitais não enfrentavam mais lotações devido à Covid, houve uma retomada de grandes eventos e as pessoas vacinadas passaram a transitar entre os países mais tranquilamente. No Brasil, em 15 de novembro de 2021, 76,2% da população havia tomado pelo menos uma dose da vacina e 59% da população estava totalmente vacinada (OUR WORLD IN DATA, 2023). Na mesma data, os Estados Unidos contavam com 60,3% da população totalmente vacinada (OUR WORLD IN DATA, 2023), mesmo tendo adquirido mais imunizantes e começado a campanha vacinal mais cedo. No dia 1º de janeiro de 2022, 50% da população mundial havia recebido o esquema completo de vacinação (OUR WORLD IN DATA, 2023).

Ao mesmo tempo, e devido ao relaxamento das medidas de proteção, uma nova e mais contagiosa mutação do vírus surgiu e se espalhou rapidamente. Um crescimento vertiginoso de novos casos começou a ocorrer globalmente na última quinzena de dezembro de 2021, coincidindo com o período de férias e festas de fim de ano (WHO, 2022). A nova variante, nomeada Ômicron, foi considerada uma variante de preocupação pela OMS ao final de novembro, e já em janeiro de 2022 era a cepa predominante no mundo (INSTITUTO BUTANTAN, 2022), tendo levado a um recorde mundial de novas infecções notificadas em 24 horas, alcançando a marca de 4,2 milhões de novos casos detectados em 19 de janeiro (G1, 2022b). Houve um aumento no número de mortes, que estava em queda nos últimos meses, mas esta média não cresceu na mesma proporção que o número de infectados, evidenciando assim uma melhoria na imunidade da população (WHO, 2022). Houve um crescimento de 6%

no número de mortes em janeiro em comparação com o mês anterior, mesmo com os novos casos crescendo 353% no mesmo período (G1, 2022b). A média móvel de óbitos em janeiro de 2022 era semelhante à registrada na primeira onda da pandemia, em 2020, com 7,1 mil mortes por dia; porém, na época a média era de 87 mil novos casos por dia, constatando assim uma letalidade significativamente maior (G1, 2022b).

Em meados de 2022, o cenário era mais otimista, refletindo os benefícios da vacinação no combate à pandemia. No Brasil, no dia 1º de maio, 85,9% da população já havia sido vacinada com pelo menos uma dose e 77,2% estava com o esquema vacinal completo (OUR WORLD IN DATA, 2023). Passado o pico da onda de ômicron, a média móvel era de 15 mil novos casos e 123 mortes por dia (OUR WORLD IN DATA, 2023). Já no panorama global, os números no início de maio eram de 66% da população com pelo menos uma dose de vacina, 59,8% totalmente vacinada, média móvel diária de novos casos de 592 mil e 2.508 mortes por dia, apresentando uma melhora do cenário após o aumento vertiginoso de casos no início do ano (WHO, 2022).

Devido à diminuição de casos e aumento de pessoas imunizadas pela vacina, em muitos países as medidas de contenção da Covid passaram de um esforço coletivo para iniciativas individuais: as máscaras deixaram de ser obrigatórias em locais públicos, os comprovantes vacinais deixaram de ser exigidos, a distância de dois metros entre pessoas deixou de ser obrigatória em espaços como filas e salas de espera e as recomendações passaram a se tornar escolhas individuais da população para se proteger como julgar necessário. Ao alcançar um bom nível de imunidade na população, não foi mais necessário manter leis que antes exigiam tais práticas (G1, 2023). Em resumo, a Covid já não representava mais uma ameaça mortal, o que indica que cenários como os ocorridos em 2020 e 2021 tendem a não se repetir com essa doença.

A partir desse cenário, é possível dividir o fenômeno em três fases, como explica o vice-presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações, Renato Kfourri:

“A gente tem três momentos na pandemia. Um momento sem vacina; um momento com vacina antes da Ômicron, em que a proteção era mais elevada, inclusive contra as formas leves da doença; e um momento pós-Ômicron, em que a perda da proteção contra as formas leves aconteceu, mas foi conservada a proteção contra as formas graves da doença. Hoje, os vacinados continuam muito bem protegidos dos desfechos mais graves, mas não conseguem estar protegidos contra a infecção” (AGÊNCIA BRASIL, 2023a).

Em setembro de 2022, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom, afirmou em coletiva de imprensa que o número de mortes semanais registrado era o menor desde março de 2020. Naquela ocasião, Adhanom fez um discurso otimista, sublinhando que o fim da pandemia estava próximo (CNN, 2023). Já ao final de janeiro de 2023, o diretor-geral teria dito que a pandemia finalmente estava chegando ao “ponto de inflexão”, porém reforçou que pelo menos 170 mil pessoas haviam morrido de Covid nos últimos dois meses, devido ao aumento sazonal da doença e à não cobertura vacinal completa (LA TIMES, 2023). Naquele período, o mundo registrava 13,1 bilhões de doses já aplicadas e 90% dos profissionais de saúde e 80% das pessoas acima de 60 anos com o esquema vacinal completo (LA TIMES, 2023).

Em 11 de março de 2023, três anos após a declaração da OMS que decretou o início da pandemia, o mundo estava em um cenário bastante positivo em relação ao vírus. Apesar da marca de 759 milhões de casos e 6,8 milhões de mortes registradas nesse período, o combate ao vírus foi eficiente e a letalidade já alcançava a marca de 0,7% (G1, 2023). Globalmente, 4,5 milhões de novos casos e 32 mil mortes haviam sido contabilizadas no último mês, indicando uma queda de mortalidade de 65% em relação ao período anterior (CNN, 2023). Cerca de 65% da população global havia sido vacinada com duas doses e 30% recebeu a dose de reforço; porém, a disparidade na cobertura vacinal continuava, com menos de 30% da população da África tendo recebido o esquema vacinal completo (AGÊNCIA BRASIL, 2023a). Já o Brasil, devido à atuação do SUS, alcançou uma cobertura vacinal acima da média global, com 82% da população com duas doses e 58% com pelo menos uma dose de reforço (AGÊNCIA BRASIL, 2023a). Entretanto, a aplicação tardia de vacinas no país não conseguiu evitar o desastre, sendo o Brasil o segundo país com mais mortes por Covid-19 (AGÊNCIA BRASIL, 2023a). O primeiro lugar é ocupado pelos Estados Unidos, que ao final do terceiro ano de pandemia registraram o total de 1,1 milhão de mortes (US NEWS, 2023).

Finalmente, com a melhoria constante na diminuição do número de vítimas e infectados por Covid-19 e o aumento na população mundial vacinada, no dia 5 de maio de 2023 a OMS declarou que a doença deixou de ser uma emergência em saúde pública de importância internacional, estado que havia sido decretado em 30 de janeiro de 2020, e passou a ser classificado como um problema de saúde estabelecido e contínuo (AGÊNCIA BRASIL, 2023b). Isso não significa que o vírus tenha deixado de ser uma ameaça à saúde pública mundial, mas que, a partir daquele momento, os países deveriam manejar a Covid junto de outras doenças infecciosas, e não mais em um estado de emergência (OPAS, 2023). A mudança foi um marco no enfrentamento à pandemia, delimitando possivelmente o mais

próximo que chegaremos de uma linha de chegada ou de um ponto final ao período vivido durante quase três anos e meio. Entretanto, as entidades da OMS reforçam que a doença continua sendo considerada uma pandemia, e que uma pessoa morre de Covid a cada três minutos, mas que devido ao sucesso na imunização, é possível adotar outra postura no combate ao vírus (OPAS, 2023).

Passados 1.150 dias desde a declaração da pandemia de Covid e mais de 1.200 dias desde a primeira notificação do vírus, o que fica após anos vividos em estado de emergência é o aprendizado para o enfrentamento de outras pandemias. Diversos cientistas apontam que há uma tendência grande para que novas doenças virais e outros patógenos de risco sejam descobertos e se espalhem em situações semelhantes nas próximas décadas. Para a doutora Margareth Dalcolmo, membra da Academia Nacional de Medicina, a suspensão da emergência global não deve ser vista como uma conquista, mas um alerta: “Tomem isso como um alerta, um momento de começar a se preparar para a próxima pandemia”, disse ela, ‘porque sabemos que os vírus respiratórios vão aumentar’” (THE NEW YORK TIMES, 2023d, tradução nossa). Segundo o médico infectologista Esper Kallás, diretor do Instituto Butantan, a probabilidade de que o mundo enfrente novas pandemias em um curto ou médio prazo é alta (AGÊNCIA FAPESP, 2023). Há, para o especialista, um acúmulo de fatores que levam a esta constatação:

o aumento da população mundial e da mobilidade; o crescimento do número de pessoas vivendo na fronteira da civilização com a vida selvagem; o avanço do número de pessoas com comorbidades e imunodeficiências primárias; a maior ocorrência de desastres causados pela ação humana. E, por último, mas certamente o fator mais importante: as mudanças climáticas (AGÊNCIA FAPESP, 2023).

Em relatório da OMS para a Assembleia Mundial da Saúde, o diretor-geral da organização ressaltou “o perigo da humanidade enfrentar outro patógeno com um potencial ainda mais letal que o Sars-COV 2” e que o mundo deve estar preparado para outras pandemias (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2023). Segundo Adhanom, a Covid-19 teve impactos significativos na elaboração da Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável da ONU, como o de garantir a cobertura médica universal para um bilhão de pessoas em situação de emergência sanitária. “Quando a próxima pandemia bater à porta, e ela vai bater, devemos estar preparados para responder de maneira decisiva, coletiva e equitativa”, ressaltou o diretor da OMS” (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2023).

2.2. Outras pandemias na história: o que elas revelam

Para responder ao problema central da pesquisa é necessário também olhar para trás em busca de momentos históricos semelhantes à pandemia de Covid-19, a fim de entender como a sociedade, em outros períodos, foi intimamente impactada por outras pandemias.

Ao fazer esse levantamento, foi encontrada uma lista da National Geographic Brasil elencando as cinco pandemias mais mortais na história da humanidade. Embora a Covid-19 seja o surto viral mais letal presenciado pelas gerações atuais, sua devastação está longe de ser a pior já registrada: “quando vistos através de um prisma histórico, os números da Covid-19 ainda estão longe de seus concorrentes mais mortais ao longo dos séculos” (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2022), afirma o estudo. A mais devastadora já registrada foi a Peste Negra, que “matou entre 75 e 200 milhões de pessoas no século XIV, o que se traduz numa percentagem entre 30 e 60% da população da Europa” (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2022).

Em segundo lugar está a varíola, com taxa de mortalidade de 30%. Embora suas origens sejam desconhecidas, há registros da doença desde o século III a.C., e ela teve surtos periódicos desde então, tendo se espalhado massivamente a partir da colonização das Américas. “Segundo estimativas, cerca de 400 mil pessoas morreram a cada ano na Europa do século XVIII, e um terço daqueles que conseguiram sobreviver desenvolveram cegueira ou ficaram desfigurados” (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2022). A varíola está erradicada desde 1980, após campanhas globais de vacinação. “No entanto, estima-se que a varíola tenha matado até 300 milhões de pessoas apenas no século XX e até 500 milhões em seus últimos 100 anos de existência” (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2022).

A gripe espanhola ocupa o terceiro lugar na pesquisa, tendo matado entre 40 e 50 milhões de pessoas entre 1918 e 1919. Apesar do nome, acredita-se que os primeiros casos da doença ocorreram nos Estados Unidos em 1918, mas, devido ao contexto de guerra, a Espanha foi a primeira a noticiar a doença.

“A censura e a falta de recursos impediram a investigação do foco letal do vírus. Agora sabemos que foi causado por um surto do vírus influenza A, do subtipo H1N1”, diz o Diário Médico. “Ao contrário de outros vírus que afetam basicamente crianças e idosos, muitas de suas vítimas eram jovens e adultos saudáveis, entre 20 e 40 anos, faixa etária que provavelmente não foi exposta ao vírus na infância e não possuía imunidade natural” (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2022).

Por ser uma pandemia de doença respiratória e com transmissão semelhante, a gripe espanhola foi amplamente comparada à pandemia de Covid-19, mas o impacto causado pelas duas foi diferente, como veremos com mais detalhes.

Em quarto lugar está a Praga de Justiniano, que causou entre 25 e 50 milhões de mortes no século VI, tendo dizimado entre 13 e 26% da população daquela época. Em quinto lugar está a epidemia de AIDS, responsável por matar entre 25 e 35 milhões de pessoas desde a descoberta do vírus HIV em 1976. Por fim, o estudo da National Geographic aponta que “o meio ambiente é a chave para evitar futuras pandemias”, e que “as mesmas forças que levam à extinção de espécies, perda de habitat e mudanças climáticas causarão mais pandemias no futuro” (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2022). Assim, a chave para prevenir novas pandemias está nas mãos da preservação da biodiversidade.

Além de causar danos à vida dos indivíduos, essas doenças impactam a saúde pública e as estruturas políticas, sociais e econômicas, e há similaridades significativas nas diversas epidemias que assolaram a humanidade:

Perante as doenças infectocontagiosas, evidenciam-se não apenas semelhanças no impacto frente à organização do estado, mas também em relação às similaridades culturais em distintas formações sociais, seja essa distinção promovida pelo espaço geográfico ou pelo tempo. O medo, por exemplo, é um denominador comum em todas as epidemias das quais se tem registro, desde a obscura doença que assolou Florença e foi descrita por Giovanni Boccaccio na obra *Decameron* em 1348, a Peste Negra registrada na bibliografia sobre a Idade média, a Gripe Espanhola retratada em jornais em 1918 e até a pandemia recente da COVID-19 causada pelo novo coronavírus (UGALDE et. al., 2021, p. 2).

Nesta pesquisa, nos interessa especialmente a relação entre a Covid-19 e a gripe espanhola, uma vez que este foi o episódio mais fatal de contágio de doença respiratória já registrado (BARRY, 2004), e é importante olhar para trás para entender quais medidas foram efetivas no combate à doença naquele período e quais impactos ela teve na sociedade, como forma de ter mais ferramentas para compreender a Covid-19 em seus diversos aspectos. Ambas doenças respiratórias que se espalham pelo ar e ocorridas em períodos em que havia grandes deslocamentos populacionais pelo mundo, as duas pandemias causaram grandes devastações com a distância temporal de um século, indício de que o legado deixado pela gripe espanhola não foi suficiente para prevenir mais uma crise causada por uma doença respiratória.

Segundo Starling, a gripe espanhola foi “uma gripe esquisita, que infectaria, em mais ou menos 90 dias, um quinto da população mundial e mataria entre 20 milhões e 50 milhões de pessoas” (STARLING, 2020). Devido ao período em que a pandemia aconteceu — ao final da primeira guerra mundial, infectando um continente já assolado pelos anos de conflito —, a doença não foi levada em consideração em um primeiro momento. Segundo a autora, essa “negligência custou caro: a gripe fez, em menos de cinco meses, um número de vítimas superior aos mortos enterrados nesses quatro anos de guerra” (STARLING, 2020). A origem do vírus permanece incerta, mas o rápido espalhamento é ligado aos deslocamentos de tropas durante o período de guerra. “Mas uma coisa é sabida: a doença atacava rápido, contaminou as tropas em terra antes que precauções fossem tomadas e se espalhou pelas populações civis em duas ondas mortíferas, na primavera e no outono de 1918” (STARLING, 2020). A autora explica que a propagação seguiu um plano geográfico, se deslocou pelos navios, chegou aos países pela costa e adentrou outros continentes a partir da Europa, infectando assim boa parte da população mundial em poucos meses.

Com alta taxa de letalidade, a gripe levava à morte em poucos dias: “Era apavorante a rapidez com que a gripe ia da invasão ao apogeu em algumas horas. A vítima sentia uma dor de cabeça lancinante seguida de sufocações; a morte sobrevinha em poucos dias” (STARLING, 2020). Segundo Ugalde, nesse período, “os cadáveres encontravam-se atirados na rua e o odor fétido contaminava o ar da cidade, paisagem nefasta que acometeu até as regiões mais desenvolvidas da época, como o caso do Rio de Janeiro” (UGALDE et. al., 2021, p. 6). Dentre as vítimas fatais no país estão o Presidente da República Rodrigues Alves, que morreu da gripe em janeiro de 1919, antes de assumir o cargo ao qual havia sido eleito (ALVES, 2020).

No início do século passado, os conhecimentos sobre doenças virais ainda eram escassos, o que dificultou o combate à pandemia. “Em 1918, a comunidade científica conhecia pouco sobre a estrutura e a forma de atuação de um vírus e, menos ainda, sobre a origem da nova cepa que deu origem à influenza” (STARLING, 2020), explica Starling. “Os médicos tampouco conseguiam entender que a alta capacidade de mutação do vírus dificultava o seu reconhecimento pelo sistema imunológico da vítima e anulava a chance de imunidade por infecções anteriores” (STARLING, 2020).

Segundo a autora, a pandemia é um período de solidão forçada tanto pelo perigo do contágio, quanto pelo medo.

Surge o perigo do contágio, que, de início, procura-se obstinadamente não ver para escapar de enfrentar a onda ascendente do perigo. Na cidade sitiada pela doença e posta em quarentena, a morte é anônima, as pessoas são separadas umas das outras; confrontada com a situação de isolamento, muita gente se afoga em tristeza. Portas e janelas fechadas, o silêncio opressivo da rua, a distância imposta diante da presença dos outros — tudo isso aumenta o medo (STARLING, 2020).

Entretanto, há poucos relatos de caráter pessoal sobre a vida privada durante a pandemia de gripe espanhola em 1918. Para as historiadoras Heloisa Starling e Lilia Schwarcz, impressiona a ausência de relatos sobre a gripe espanhola.

Vários estudiosos têm chamado a atenção para o fato de que, diferentemente da peste de Atenas, da peste negra e das epidemias de cólera e de tuberculose, a espanhola não inspirou muitos romances, nem motivou biógrafos. Analistas arriscam dizer que o momento estava mais para o elogio da modernidade e do progresso do que para a derrota coletiva impingida pela gripe. Além do mais, vivia-se um período em que a ciência médica, impulsionada pelas descobertas de diversas doenças e dos micro-organismos, também se associava a tal representação triunfante de modernidade. A espanhola teria trincado tanta confiança, e por isso seria melhor esquecê-la. Há quem afirme, ainda, que a Primeira Guerra transformou a epidemia de gripe espanhola numa espécie de desdobramento e anexo do conflito. Ou seja, alguns historiadores alegam que a vigência da doença foi breve, não deixando marcas profundas na lembrança da população, a qual saiu do flagelo sem ter real dimensão do perigo que ele representava (SCHWARCZ & STARLING, 2020, p. 393).

Nos levantamentos feitos nesta dissertação, os relatos encontrados de sobreviventes da espanhola no país (BOSI, 1994) não discorrem sobre aspectos afetivos durante o período, mas narram as calamidades públicas e a forma como o vírus afetou a saúde das pessoas. Já na perspectiva norte-americana, há testemunhos que abordam o quanto a gripe espanhola distanciou as pessoas, suspendeu a vida social e instaurou o medo: “As pessoas tinham medo de beijar as outras, as pessoas tinham medo de comer com as outras, elas tinham medo de ter qualquer tipo de contato, porque é assim que se pegava a gripe... Ela destruiu esses contatos e destruiu a intimidade que existia entre as pessoas” (BARRY, 2004, p. 347, tradução nossa).

Apesar do século de distância entre as duas pandemias e dos inúmeros avanços nas ciências, na medicina e nos direitos, a Covid-19 mostrou que a história se repete em seus pontos fundamentais, como evidencia Ugalde: “Os remédios caseiros, as notícias falsas, a sensação de impotência da medicina, o medo e a vulnerabilidade social são denominadores comuns nos dois contextos, ainda que o século XXI seja reconhecido pelo início de um processo de democratização do acesso à educação e do combate das iniquidades” (UGALDE et. al., 2021, p. 6).

Mas o que os relatos sobre a gripe espanhola também mostram é que, passada a pandemia, houve uma revolução cultural na sociedade ocidental, provavelmente motivada pelos anos de devastação causados pela guerra e posteriormente pelo vírus.

O "depois" da pandemia e da Primeira Guerra foi uma sociedade mais permissiva, mais aberta e hedonista em muitos países. Os loucos anos 20, tão bem retratados pelo escritor norte-americano Scott Fitzgerald, muito provavelmente não teriam acontecido se a pandemia não tivesse existido. Havia uma urgência de viver. E não foi só nos Estados Unidos. Em 1919, o sucesso do Carnaval carioca foi uma música chamada "E o mundo não se acabou". A letra, que é do compositor Assis Valente, fala de um sujeito que "beijou na boca de quem não devia", "pegou na mão de quem não conhecia" (BARREIRA apud FUCUTA, 2020).

Além do surgimento de uma cultura mais liberal, houve também movimentos mais repressivos na política, indicando formas opostas de lidar com o pós-pandemia: “Na política, depois da gripe espanhola surgiu no Brasil o movimento tenentista, que reivindicava mais participação das classes médias urbanas, que desembocaria na Revolução de 30. Na Itália houve o nascimento do fascismo” (BARREIRA apud FUCUTA, 2020). Havia algo em comum entre aqueles que comemoravam o fim da gripe espanhola: “enquanto as pessoas comemoravam a vida, havia também o receio de que o flagelo pudesse começar de novo, com a morte” (SCHWARCZ & STARLING, 2020, p. 407). Esses relatos sobre o passado dão o tom do que poderia ser esperado para a sociedade atual passada a pandemia de Covid-19.

2.3. A pandemia de Covid-19 enquanto acontecimento

Todas as transformações vivenciadas durante a pandemia e descritas neste capítulo apontam para uma mudança de paradigma provocada por esse período: podemos pensar em um mundo pré-pandemia e um novo mundo transformado pela propagação da Covid-19. Por isso, busco em Zizek para classificar a pandemia como um acontecimento. Resumidamente, o autor define o acontecimento como uma ruptura, “uma mudança no enquadramento pelo qual percebemos o mundo” (SILVA, 2021). Em seu livro *Acontecimento: Uma viagem filosófica através de um conceito*, Zizek discorre sobre as várias facetas que um acontecimento pode assumir e as leituras filosóficas, psicanalíticas, religiosas e culturais do fato. Dentre as muitas definições e exemplos dados aos eventos acontecimentais, o autor define o acontecimento em

seu estado essencial como “algo chocante, fora do normal, que parece acontecer subitamente e que interrompe o fluxo natural das coisas; algo que surge aparentemente a partir do nada, sem causas discerníveis, uma manifestação destituída de algo sólido como alicerce” (ZIZEK, 2017, p. 8). Para Benzaquen (2017, p. 175), acontecimentos podem ser entendidos como fenômenos que “Antes deles ocorrerem era impossível prevêê-los e depois nossas percepções se transformam radicalmente”. Da mesma forma, não podemos projetar uma sociedade no momento atual que não tenha sido transformada pela pandemia em 2020.

Retomando historicamente, Zizek define a Revolução Francesa como o grande acontecimento da história moderna, “a ruptura depois da qual ‘nada foi o mesmo’” (ZIZEK, 2017, p. 109). Seguindo essa linha de pensamento, podemos interpretar, por exemplo, o ataque de 11 de setembro como o acontecimento que transformou a geopolítica global no início do século XXI e a pandemia de Covid-19 como o acontecimento mundial que inaugurou a década de 2020 e definiu novas formas de vida em sociedade. Um acontecimento “não é algo que ocorra dentro do mundo, mas uma mudança no próprio arcabouço pelo qual percebemos o mundo e nos envolvemos nele” (ZIZEK, 2017, p. 14) e, a partir da pandemia, passamos a nos relacionar com o planeta e a humanidade de outra forma. Entretanto, o autor evita construir uma definição única dessa filosofia e explica que a característica básica de um acontecimento é:

o surgimento surpreendente de algo novo que solapa qualquer esquema estável. A única solução adequada é, assim, abordar os acontecimentos de maneira acontecimental — passar de uma noção de acontecimento a outra como forma de expor os inescapáveis impasses de cada uma delas, de modo que nossa jornada se dê através das transformações da própria universalidade (ZIZEK, 2017, p. 11).

Zizek aponta ainda para um desequilíbrio radical nos acontecimentos: “o acontecimento conclusivo é a própria queda, ou seja, coisas surgem quando o equilíbrio é destruído, quando algo dá errado” (ZIZEK, 2017, p. 41). A perda da ilusão de unidade e de harmonia faz então surgir uma nova realidade pós-acontecimental.

Partindo desses entendimentos, é pertinente definir a pandemia de Covid-19 como um acontecimento pois, apesar de previsível para estudiosos de pandemias, este foi um surgimento inédito e inimaginável para a grande maioria da população, que solapou a realidade existente e criou uma suspensão na ideia de equilíbrio, levando o mundo para um estado de incertezas e instabilidade. Havia, ainda nas primeiras semanas de pandemia, a ideia de que este seria um processo passageiro, que logo voltaríamos ao “mundo real”, ao estado

anterior ao acontecimento. Porém, com o passar dos dias ficou evidente que se tratava de um acontecimento paradigmático, uma mudança na forma como vemos e vivemos o mundo, não havendo mais um estado anterior ao qual poderíamos retornar findada a pandemia — e nem a previsão de um fim. Com o assentamento da situação, pudemos perceber também que seria um período mais duradouro do que o imaginado inicialmente, e que a pandemia não se resolveria com, por exemplo, algumas semanas de distanciamento social. Por causa da pandemia, vimos a queda de noções da sociedade contemporânea que pareciam irrevogáveis, como a globalização e a capacidade de se deslocar pelo planeta; fronteiras foram fechadas, migrantes foram contidos e tiveram que passar por quarentenas, e passamos a viver uma guerra global contra um inimigo único e invisível.

Entretanto, uma parcela da população permaneceu negacionista, desacreditando a situação corrente e almejando o breve retorno a um mundo que não existia mais. No artigo “A dialética paralisada da pandemia”, Žižek afirma que essa rejeição ao *lockdown* é uma rejeição à mudança: “Nossa vida social não está paralisada por estarmos tendo que obedecer a regras de isolamento social e quarentena — em tais momentos de (ou do que pode parecer uma) paralisia as coisas estão mudando radicalmente” (ŽIŽEK, 2020b). Para ele, ignorar a mudança é uma psicose coletiva. “Escuto nas queixas contra o *lockdown* uma confirmação inesperada da afirmação de Jacques Lacan de que a normalidade é uma versão de psicose. Exigir um retorno à normalidade hoje implica um fechamento psicótico ao real do vírus — seguimos agindo como se a infecção na realidade não ocorresse” (ŽIŽEK, 2020b). Ou seja, o desejo de uma parcela da população por um retorno ao “normal” é uma negação ao acontecimento, uma vez que tal normalidade não mais existe.

Na outra ponta, o autor aponta também para a existência de pessoas com postura obsessiva frente ao vírus:

Muitos de nós gozamos com os rituais protetivos contra o perigo da infecção. Lavamos compulsivamente as nossas mãos, evitamos tocar nos outros e mesmo tocar a nós mesmos, esterilizarmos todas as superfícies de nossos apartamentos etc. É assim que agem os obsessivos: uma vez que o gozo objetual se encontra interdito, eles realizam uma guinada reflexiva e passam a gozar com as próprias medidas que mantêm o gozo objetual a uma distância segura (ŽIŽEK, 2020b).

Da negação à paranoia, a pandemia provocou reações profundas no comportamento das pessoas perante as ameaças do vírus. Entretanto, o autor acredita que a pandemia de Covid-19 aponta para uma era “na qual teremos que repensar tudo, inclusive o significado básico do que

é ser humano” (ZIZEK, 2020b). Para ele, lidar com o *lockdown* como uma pausa necessária é um movimento relativamente fácil, e o difícil será lidar com as transformações causadas uma vez passada a fase intensa de isolamento: “Os problemas realmente vêm à tona quando nos vemos diante do imperativo de inventar uma nova forma de vida, uma vez que fica claro que não há mais possibilidade de retorno à antiga” (ZIZEK, 2020b).

Diante dessas incertezas e perigos da pandemia e com o crescimento vertiginoso do índice de mortalidade pela doença, a sociedade foi confrontada pela fragilidade da vida. Segundo a BBC, este é “o primeiro evento global de trauma em massa em várias décadas” (BBC, 2021, tradução nossa). Mas como definir essa sociedade sobrevivente marcada pelo trauma? Segundo Zizek,

Um sujeito pós-traumático é, desse modo, uma vítima que, por assim dizer, sobrevive à própria morte. Todas as diferentes formas de encontros traumáticos, independentemente de sua natureza específica (social, natural, biológica, simbólica), levam ao mesmo resultado: surge um novo sujeito que sobrevive à morte (revogação) de sua identidade simbólica. Não há continuidade entre esse novo sujeito pós-traumático (digamos, a vítima do Alzheimer) e sua antiga identidade: depois do choque, surge literalmente um novo sujeito (ZIZEK, 2017, p. 66).

Além de fazer surgir uma nova realidade, o trauma causado pelo acontecimento pandêmico fez surgir também novos sujeitos. Porém, antes de sobreviver, é preciso primeiro atravessar. Em um grau diferente do apresentado por Agamben em *O que resta de Auschwitz* (2008), também podemos considerar os viventes da pandemia como testemunhas. O autor parte da etimologia em latim da palavra, que deriva do termo “*superstes*”, para conceituar a testemunha como sendo “aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso” (AGAMBEN, 2008, p. 27). Entretanto, aqui tratamos de um evento em uma escala totalmente diferente do contexto narrado por Agamben, em que é possível produzir e publicar relatos em tempo real enquanto enfrentamos o acontecimento ao qual damos testemunho. Por isso, ao longo desta pesquisa, optei por usar o termo “vivente” para referir às pessoas que viveram e relataram este período da história, uma vez que, como os relatos foram produzidos durante os surtos virais, ainda não era possível afirmar que estas pessoas haviam sobrevivido à pandemia.

Os narradores das histórias aqui analisadas dão o testemunho das próprias experiências durante esse período de incertezas compartilhadas acerca do mundo e da própria vida. Como Agamben aponta,

o testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta; contém, no seu centro, algo intestemunhável, que destitui a autoridade dos sobreviventes. As “verdadeiras” testemunhas, as “testemunhas integrais” são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. São o que “tocaram o fundo”, os muçulmanos, os submersos. Os sobreviventes, como pseudotestemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre um testemunho que falta. (AGAMBEN, p. 43)

Com isso, reconhecemos também a impossibilidade de se construir uma visão global sobre a pandemia, que abarque situações enfrentadas por todos os afetados pelos vírus. Os relatos possuem um recorte marcado de classe e de localização geográfica e falham em dar voz às camadas da sociedade que mais foram atingidas pelo vírus. Os relatos também não apresentam testemunhos de pessoas em estados avançados da doença, e sim sobre situações da vida íntima e cotidiana marcadas pelo período pandêmico. Dessa forma, “Há também outra lacuna em todo testemunho: as testemunhas são, por definição, sobreviventes e, portanto, todos, em alguma medida, desfrutaram de um privilégio” (LEVI apud AGAMBEN, p. 42), mas nem por isso os relatos deixam de ter importância.

Em todos os afetados pelo acontecimento pandêmico, criam-se fantasias para suportar as dimensões da realidade — fantasias essas cuja amostra será analisada nesta pesquisa. O autor explica:

As fantasias fornecem a moldura daquilo que experimentamos como realidade — a epidemia da covid-19 como fato da nossa realidade social é portanto também uma mistura do real e das fantasias: todo o arcabouço a partir do qual nós a percebemos e reagimos à pandemia é sustentada por diferentes fantasias (sobre a natureza do próprio vírus, sobre as causas de seu impacto social e assim por diante). O próprio fato de que a covid-19 quase parou o mundo em um momento no qual muito mais pessoas vinham morrendo de poluição, fome etc, já fornece um claro indício dessa dimensão fantasmática. Temos a tendência de esquecer que há pessoas — refugiados, pessoas presas em meio a uma guerra civil — para as quais a epidemia da covid-19 representa uma preocupação menor, desprezível (ZIZEK, 2020b).

Não existe uma verdade única sobre a pandemia, uma história única que será registrada sobre este período e nem uma visão única sobre como a pandemia afetou as gerações viventes desta década. A forma como a pandemia é vivida e absorvida por cada um e o peso dado a esse momento depende do arcabouço de vida de cada pessoa, e a partir dele inúmeras versões do fato serão criadas.

Antes da pandemia acometer o planeta, Byung-Chul Han fez uma constatação bem interessante sobre as épocas da sociedade no livro *Sociedade do cansaço*. O autor define as

eras da humanidade pelas enfermidades enfrentadas, e afirma que o século XXI não será marcado por pandemias virais, mas por doenças neuronais:

Cada época possui suas enfermidades fundamentais. Desse modo, temos uma época bacteriológica, que chegou ao seu fim com a descoberta dos antibióticos. Apesar do medo imenso que temos hoje de uma pandemia gripal, não vivemos numa época viral. Graças à técnica imunológica, já deixamos para trás essa época. Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal. Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas enfartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade. Assim, eles escapam a qualquer técnica imunológica, que tem a função de afastar a negatividade daquilo que é estranho (HAN, 2017a, p. 7).

A época imunológica, para Han, foi definida pela divisão entre amigo ou inimigo, conhecido ou estranho. Essa foi a época das grandes guerras, da lógica de ataque e defesa e de combater tudo que é tido como outro, como estranho, representando ele perigo ou não. E isso difere da sociedade atual pois, segundo o autor, o momento atual é marcado pelo desaparecimento da alteridade e das negatividades, constituindo uma dialética da positividade, que acarreta em adoecimentos neuronais. Ao contrário das gerações anteriores, marcadas pela disciplina de hospitais, quartéis, fábricas e presídios, vivemos “uma sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho” (HAN, 2017a, p. 14). A sociedade disciplinar é marcada pelo não, pelos projetos de leis e proibições, o que, segundo Han, gera loucos e delinquentes; já a sociedade do desempenho, marcada pela positividade, iniciativa e projeto, produz fracassados e depressivos — e este é o estado característico do século XXI.

Em 2021, no artigo “O vírus capitalista do cansaço incessante”, o autor retoma as afirmações cunhadas em “Sociedade do cansaço” sobre como este não é um século viral para reafirmar: “A depressão é a verdadeira pandemia. [...] Em breve teremos vacinas suficientes para vencer o vírus. Mas não haverá vacinas contra a pandemia da depressão” (HAN, 2021). No texto, Han elenca uma série de fatores que foram agravados pela pandemia e que acarretam em uma sociedade que sofre de um cansaço patológico.

A covid-19 é um espelho que reflete em nós as crises da nossa sociedade. Ela torna os sintomas patológicos — que já existiam antes da pandemia — mais visíveis. Um desses sintomas é o cansaço. Todos nós, de um jeito ou de outro, nos sentimos muito cansados. É um cansaço fundamental que nos acompanha o tempo todo e em todo

lugar, como nossas próprias sombras. Durante a pandemia, temos nos sentido ainda mais cansados. A ociosidade, que o *lockdown* nos impõe, nos faz ficar mais cansados. Algumas pessoas afirmam que é possível descobrirmos a beleza do lazer, e que a vida pode desacelerar. Na verdade, o tempo durante a pandemia não é governado por lazer ou desaceleração, mas por cansaço e depressão (HAN, 2021).

O cansaço sentido hoje não é um cansaço motivado pelo trabalho, por exemplo, mas um cansaço fundamental, um fenômeno global causado pela compulsão por realização, que nos faz nos explorarmos até colapsar ou ter um *burnout*. O autor lembra que um dos sintomas físicos da Covid é a fadiga crônica, mas que essa sensação também é compartilhada por aqueles que não foram afetados pelo vírus.

Durante a pandemia, o campo de trabalho neoliberal ganhou um novo nome: *home office*. Trabalhar em casa é mais cansativo do que trabalhar no escritório. No entanto, isso não pode ser explicado em termos de aumento da autoexploração. O que é cansativo é a solidão envolvida, o interminável sentar-se de pijama na frente do computador. Somos confrontados com nós mesmos, compelidos constantemente a meditar e especular sobre nós mesmos. Em conclusão, o cansaço fundamental é um tipo de cansaço do ego. O escritório doméstico intensifica isso, envolvendo-nos ainda mais profundamente conosco. Fazem falta outras pessoas, que poderiam distrair-nos do nosso ego. Cansamos por falta de contato social, de abraços, de toque corporal. Em condições de quarentena, começamos a perceber que talvez as outras pessoas não sejam o “inferno”, como escreveu Sartre em *Sem Saída*, mas a cura. O vírus também acelera o desaparecimento do outro (HAN, 2021).

Com o isolamento social, o autor aponta que estamos perdendo os rituais e estruturas temporais fixas que estabilizam a vida. “Sem rituais de encontro ou comemoração, somos jogados às profundezas de nós mesmos. Ser capazes de cumprimentar pessoas cordialmente é que nos torna seres, e não um simples peso” (HAN, 2021), pontua. “O distanciamento social desmonta a vida social. Isso nos cansa. As outras pessoas são reduzidas a potenciais portadoras do vírus, das quais devemos manter uma distância física” (HAN, 2021).

Em um artigo publicado por Žižek no mesmo ano, o autor retoma conceitos de Han para também discorrer sobre o cansaço pandêmico. Žižek abre suas reflexões com constatações sobre o próprio cansaço perante o estado contínuo da pandemia:

O cansaço gerado pela pandemia agora se estende à teoria: no começo deste ano, eu me cansei de escrever sobre o assunto — a mesma situação não cessava de se eternizar e, no final, não aguentávamos mais estabelecer pela enésima vez as mesmas constatações. Existe um paradoxo aqui: no momento em que a submissão a hábitos e costumes repetitivos é acusada de tornar a vida entediante, o que nos afunda no cansaço típico destes tempos é justamente a ausência de tais hábitos e costumes. Estamos cansados de viver em um estado de exceção permanente, de esperar por

novas diretivas estatais — incapazes, como somos, de encontrar momentos de descanso em nossas vidas cotidianas (ZIZEK, 2021).

Com o passar do tempo na pandemia, o que se imaginava como um estado de exceção, um período de desordem e suspensão no tempo antes de voltar tudo ao normal, se tornou um estado constante, um eterno durante chamado de “novo normal”, marcado por altas e baixas nas ondas de infecção, mas que parece não se encerrar, sempre se repetir. O autor conceitua esse período como uma “destruição, em curso, da vida cotidiana” (ZIZEK, 2021); a pandemia teria posto o fim em hábitos e costumes que organizavam a sociedade, sendo necessário então criar “novos clichês” para esse novo cotidiano.

Outra questão apontada por Han e reforçada por Zizek é os danos causados pelo uso excessivo da plataforma *Zoom*, de reuniões virtuais. Segundo Han, o *Zoom* nos transforma em zumbis e nos obriga a encararmos permanentemente a própria imagem, o que intensifica o narcisismo e as dismorfias de imagem, acarretando em um aumento na procura por cirurgias plásticas durante a pandemia. Zizek também comenta a fadiga gerada pelo excesso de exposição à própria imagem que, ao invés de diminuir com o isolamento social, foi intensificado pelo *Zoom* e pelas redes sociais:

Como o cansaço depressivo é causado por nossa autoexposição permanente, exigida pelo capitalismo tardio, nós poderíamos ter imaginado que confinar-se rimaria com aliviar-se, que o isolamento social permitiria um escape para a pressão causada pela demanda por resultados. Ora, o efeito do confinamento foi praticamente o contrário: nossas relações profissionais e sociais foram, em grande medida, transferidas para o *Zoom* e para outras redes sociais, onde continuamos a brincar de autoexposição com um zelo ainda maior, prestando muita atenção à figura que apresentamos — enquanto o espaço reservado para a socialização, este espaço que permitia algum repouso, uma saída para o imperativo da exibição, foi, em grande parte, eliminado. De uma maneira paradoxal, a lógica da contínua encenação de si mesmo foi reforçada pelo confinamento e pelo *home office*: nos esforçamos para “brilhar” no *Zoom*, e acabamos esgotados, sozinhos, em casa... (ZIZEK, 2021)

Apesar de haver uma expectativa de que a quarentena aliviará a forma como expomos a própria imagem, essa prática também foi intensificada pelo uso massivo de redes sociais para conservar alguma socialização durante o isolamento. Han aponta que a pandemia evidenciou os efeitos colaterais da digitalização: “A comunicação digital é muito unilateral e atenuada: não há olhares, não há corpos. Falta a presença física do outro. A pandemia faz com que essa forma de comunicação, essencialmente desumana, se torne a norma” (HAN, 2021). Ao invés

de nos comunicarmos presencialmente, em tempo real, com os retornos verbais e não-verbais do interlocutor, estamos fadados a nos comunicarmos através de telas, e essa ausência do olhar é cansativa. “Esperançosamente, a pandemia nos fará perceber que a presença física de outra pessoa é algo que traz felicidade, que a linguagem implica experiência física, que um diálogo bem-sucedido pressupõe corpos, que somos criaturas físicas” (HAN, 2021). Por isso, o autor acredita que os rituais de contato, encontro e presença são os antídotos para o cansaço fundamental.

Outro ponto abordado por Han sobre a pandemia é a obsessão pela saúde, algo que já era notável antes mesmo da Covid.

Agora, estamos basicamente preocupados com a sobrevivência, como se estivéssemos em um estado de guerra permanente. Na batalha pela sobrevivência, a questão de uma vida boa não entra em jogo. Apelamos a todas as forças da vida, só para prolongar a vida a qualquer custo. Com a pandemia, esta batalha feroz pela sobrevivência sofre uma escalada viral. O vírus transforma o mundo em uma enfermaria de quarentena, na qual a vida é congelada para nossa sobrevivência (HAN, 2021).

Com isso, passamos a viver em uma sociedade da sobrevivência, em que a saúde é o principal objetivo, em detrimento da boa vida de fato, abrindo mão de prazeres em geral em prol do prolongamento vital. “No interesse da sobrevivência, sacrificamos voluntariamente tudo o que torna a vida digna de ser vivida” (HAN, 2021), pontua.

Para Zizek, a pandemia cumpriu também a função de lembrar a sociedade de que somos parte da natureza, e não o centro do mundo. Para o autor, a recuperação do planeta depende de grandes ações intencionais: “Eis o paradoxo que devemos sustentar nestes dias difíceis: aceitar ser uma espécie dentre as outras na Terra e, ao mesmo tempo, pensar e agir como seres universais. Escapar, através da modéstia confortável de nossa finitude e de nossa mortalidade, não é uma opção, é uma rota para a catástrofe” (ZIZEK, 2021). Afinal, não devemos apenas escapar à pandemia, mas mudar o sistema para não sermos mais afetados nessa dimensão.

No livro *O século da solidão: restabelecer conexões em um mundo fragmentado*, a pesquisadora Noreena Hertz corrobora com as colocações de Han sobre o século atual e discorre sobre a emergência da solidão na sociedade contemporânea, tendência que ela já havia observado antes mesmo da pandemia tornar as gerações atuais ainda mais solitárias. A autora elenca:

Mesmo antes de o coronavírus desencadear uma “recessão social” com a transformação do contato presencial em algo tóxico, três em cada cinco adultos norte-americanos se consideravam solitários.

Na Europa, a situação era semelhante. Na Alemanha, dois terços da população acreditavam que a solidão era um problema grave. Quase um terço dos holandeses admitiu ser solitário — um em cada dez, profundamente. Na Suécia, quase um quarto da população afirmou se sentir solitário com frequência. Na Suíça, duas em cada cinco pessoas relataram se sentir assim às vezes, com frequência ou sempre.

No Reino Unido, o problema havia se tornado tão significativo que em 2018 o primeiro-ministro chegou a nomear um ministro da Solidão. Um em cada oito britânicos não tinha sequer um amigo próximo com quem pudesse contar, número que apenas cinco anos antes era de um em cada dez. Três quartos dos cidadãos não sabiam o nome de seus vizinhos, ao passo que 60% dos funcionários do Reino Unido relataram se sentir solitários no trabalho. Os dados da Ásia, da Austrália, da América do Sul e da África eram igualmente preocupantes.

Inevitavelmente, meses de confinamento, autoisolamento e distanciamento social agravaram ainda mais esse problema. Jovens e velhos, homens e mulheres, solteiros e casados, ricos e pobres. Em todo o mundo, as pessoas se sentem solitárias, desconectadas e alienadas. Estamos no meio de uma crise global de solidão. Nenhum de nós, em nenhum lugar, está imune (HERTZ, 2021, p. 13).

Segundo ela, a crise gerada pela solidão não é apenas de saúde mental: a solidão é tão prejudicial para a saúde física quanto o alcoolismo, mais prejudicial do que não praticar atividade física, duas vezes mais prejudicial do que ser obeso e equivale a fumar 15 cigarros por dia. “E um dado de vital importância: isso independe de renda, sexo, idade ou nacionalidade” (HERTZ, 2021, p. 15). Mas a solidão compartilhada por grande parte da população não diz apenas do isolamento, desamparo e anseio por conexão física; é um sentimento que remete à forma como a civilização é constituída. Mais do que uma solidão causada pela demanda por presença, ela incorpora também o sentimento social de desamparo político e econômico, o “quão desconectados nos sentimos dos políticos e da política, quão desligados nos sentimos do nosso emprego e do nosso local de trabalho, quão excluídos muitos de nós se sentem dos ganhos da sociedade e quão impotentes, invisíveis e sem voz tantos de nós acreditamos ser” (HERTZ, 2021, p. 18), complementa a autora.

Essa solidão não está apenas ligada aos avanços tecnológicos das últimas décadas, emergência das redes sociais e do trabalho remoto, mas diz respeito de uma política em vigência a quase meio século: o neoliberalismo.

A maneira como vivemos hoje, a mudança na natureza do trabalho e na natureza das relações, a forma como nossas cidades são construídas, e nossos escritórios, planejados, o modo de tratarmos uns aos outros e a forma como nosso governo nos trata, nosso vício em smartphones e até mesmo nossa maneira de amar — tudo isso está contribuindo para nos tornar mais solitários. Mas é preciso recuar mais para entender por completo como nos tornamos tão desconectados, distanciados e isolados. Pois as bases ideológicas da crise de solidão do século XXI antecedem as tecnologias digitais, a onda mais recente de urbanização, as profundas mudanças nos locais de

trabalho ocorridas neste século e a crise financeira de 2008, bem como, é claro, a pandemia do coronavírus.

Em vez disso, elas remontam à década de 1980, quando uma forma particularmente cruel do capitalismo se instalou: o neoliberalismo, uma ideologia com ênfase na liberdade — “livre” escolha, “livre” mercado, “liberdade” em relação à interferência do governo e dos sindicatos. Uma liberdade que atribuía um grande valor a uma forma idealizada de autossuficiência, ao governo mínimo e a uma mentalidade brutalmente competitiva que colocava o interesse pessoal acima da comunidade e do bem coletivo (HERTZ, 2021, p. 21 e 22).

A diminuição da responsabilidade governamental, ao invés de dar mais autonomia e liberar a sociedade para as próprias escolhas, como defendido por parte dos políticos e do mercado, cultivou um sentimento de abandono ainda maior nos indivíduos. Hertz elenca três fatores para o neoliberalismo ter desempenhado um papel fundamental na crise da solidão: o aumento significativo na disparidade de renda, o poder dado às grandes empresas e ao grande capital, em detrimento dos trabalhadores, e o fato de ter remodelado não apenas as relações econômicas, mas também as sociais, valorizando a hipercompetitividade e o individualismo.

Além de apresentar os males causados pela solidão e que foram potencializados pela pandemia de Covid-19, a autora apresenta também estudos de soluções para redução dos danos causados:

para não nos sentirmos solitários, precisamos dar além de receber, cuidar além de ser cuidados, ser gentis e respeitosos com as pessoas ao nosso redor além de sermos tratados dessa forma. Se quisermos restabelecer a conexão em um mundo que se fragmenta, precisaremos reconectar o capitalismo com a busca do bem comum e colocar o cuidado, a compaixão e a cooperação em seu cerne, com essa conduta se estendendo a pessoas que são diferentes de nós. Eis o verdadeiro desafio: nos reconectar não apenas com aqueles semelhantes a nós, mas também com a comunidade muito mais ampla à qual em última instância pertencemos. Depois da Covid-19, isso é não só mais urgente do que nunca, mas também mais possível (HERTZ, 2021, p. 25).

Como apontado por Han, Hertz reforça que o contato presencial é essencial para combater os sentimentos de cansaço e solidão que foram amplificados pela pandemia. A autora alerta ainda que, como outros primatas, os humanos são animais sociais que dependem de grupos para existir, e isso influencia desde os laços familiares ao conceito de Estado. Ao mesmo tempo, a solidão tem impactos patogênicos no nosso organismo, e esse sofrimento, para Hertz, é um “recurso evolucionário brilhante” (HERTZ, 2021, p. 34), pois provoca o ímpeto de combatê-lo. E esses danos estão ligados também ao sofrimento pandêmico:

É por isso que não estarmos conectados uns aos outros tem um impacto tão negativo e profundo sobre a nossa saúde. Pois, a fim de nos desincentivar a permanecer em uma situação fundamentalmente em desacordo com a nossa sobrevivência, a evolução equipou nosso corpo com uma reação biológica ao fato de estarmos sozinhos que intensifica nosso estado de alerta e é tão fisiológica e psicologicamente desagradável que nos sentimos motivados a sair dele tão rapidamente quanto possível (HERTZ, 2021, p. 34).

Entretanto, com as limitações impostas para combater o vírus e todos os avanços do neoliberalismo, que tendem para uma sociedade ainda mais isolada, individualista e fragmentada, a expectativa é de que “a inflamação induzida pela solidão pode se tornar crônica — o novo normal” (HERTZ, 2021, p. 36).

A autora lembra que as microinterações diárias, como o toque físico e a troca de sorrisos, é uma das maneiras essenciais de nos sentirmos conectados uns aos outros, e que isso desencadeia atividades no sistema nervoso e liberação de hormônios que controlam a ansiedade e combatem a depressão. Porém, com o uso de máscaras, distanciamento social e isolamento, essas formas de contato diminuíram drasticamente, o que pode ter contribuído para o aumento da sensação de solidão durante o isolamento. Assim como mencionado por Zizek e Han, a autora reforça que “Reunir-se fisicamente produz algo muito precioso, algo de que relacionamentos digitais e até mesmo conversas em serviços de vídeo como o *Zoom* serão sempre e apenas cópias inferiores” (HERTZ, 2021, p. 85). É através da presença física, do contato visual e das interações não-verbais que somos capazes de exercer de fato a empatia e a cooperação, e por isso preservar interações presenciais, principalmente em uma vida dominada pela digitalização, é tão importante.

Por fim, mesmo constatando que o aumento da solidão já era uma tendência crescente desde antes da pandemia, e que esse sentimento foi ainda mais agravado pelas medidas de contenção do vírus, a autora reconhece que há um crescimento também em medidas de combate à solidão — a chamada Economia da Solidão —, uma vez que esta necessidade apontada pela população é também uma eminente demanda de mercado. Por isso, a autora aposta, para o período pós-pandemia:

Na verdade, o desejo de conexão humana presencial será ainda mais intenso para muitos quando o medo do contágio diminuir. Pois embora nosso medo do contato humano possa persistir ainda por algum tempo, e apesar de adotarmos cada vez mais experiências sem contato, apenas alguns anos após a Gripe Espanhola de 1918 os clubes de jazz estavam lotados de pessoas aproveitando a música e a companhia umas das outras, e na Alemanha os decadentes bares e boates da República de Weimar ficavam lotados de clientes em meados da década de 1920. De fato, quando as

academias foram reabertas em Hong Kong, em maio de 2020, as pessoas fizeram longas filas para ter acesso a elas. E em Tel Aviv os estúdios de ioga se viram tão inundados de clientes que queriam ficar na companhia uns dos outros no final do lockdown que tiveram que instituir listas de espera, mesmo enquanto ainda ofereciam aulas pelo *Zoom*.

A Economia da Solidão claramente sofreu um importante golpe em 2020, pelo menos em sua forma presencial, mas seria um erro presumir que o mercado de comunidade e conexão presencial tenha sofrido um golpe fatal por causa da pandemia. Em um nível evolutivo fundamental, é provável que nossa necessidade primordial de proximidade física e união se mostre forte demais. Além disso, considerando a importância das interações presenciais conforme buscamos reconstruir nosso mundo pós-Covid-19, precisamos garantir que de fato nos reconectemos fisicamente e reconheçamos o importante papel que o empreendedorismo pode desempenhar em nos ajudar a fazer isso (HERTZ, 2021, p. 230 e 231).

Dessa forma, é possível perceber que há grandes expectativas, tanto do mercado quanto dos filósofos, sociólogos e demais estudiosos da humanidade, sobre o período pós-pandemia. Espera-se haver grandes mudanças no consumo, no comportamento e na forma de se relacionar com os outros, em uma tendência por atitudes mais conscientes e que visam aplacar a solidão vivida durante a pandemia.

3. O amor romântico na contemporaneidade

Nenhum outro aspecto do comportamento humano intriga mais do que o amor. Tema das grandes narrativas que atravessam séculos, objetivo posto como uma conquista de maior valor frente aos outros âmbitos da vida, grande incógnita que provoca sofrimentos profundos e satisfações de igual grandeza. O amor, independente da raça, classe, gênero, idade ou origem da pessoa, é uma questão que desperta profundo interesse na sociedade.

Em cinco anos pesquisando o tema, me intriga a dificuldade ainda persistente em se conseguir conceituar o sentimento. Por mais que seja uma temática que mova a sociedade ocidental, alcançar um consenso e delinear um conceito teórico formal para o amor é uma tarefa que exige muita leitura, mergulhos no passado, reflexões constantes e revisões de tópicos próximos demais à vida íntima, que causam certo desconforto ao visitar em uma abordagem meramente profissional e acadêmica. Por vezes, é difícil fazer leituras que não caiam no âmbito da auto-ajuda; outras acabam por depositar muito cientificismo no tema, anulando os vieses social e cultural que estão no âmago do modo como as relações amorosas, e a consequente disparidade entre os gêneros, são estabelecidas.

Neste capítulo, é feita uma conceituação sobre o amor, passando pela construção histórica, conceitos filosóficos e transformações sofridas até chegar na forma como o sentimento se dá no momento contemporâneo; em seguida, são abordadas as questões de gênero que estão na base da construção da sociedade e que se sustentam através do discurso amoroso; por fim, mergulho nos relacionamentos amorosos na atualidade e no papel que esse tipo de relação assumiu durante a pandemia de Covid-19, a fim de construir, assim, o referencial necessário para avançar com a análise de conteúdo feita no próximo capítulo.

3.1. Do que falamos quando falamos de amor: conceituação

Na difícil missão de conceituar o amor, lanço mão de leituras, sobretudo contemporâneas, que discorrem sobre as diversas facetas e a construção histórica do sentimento, a partir de um viés político, filosófico e sociológico. A autora bell hooks, em seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* afirma que

Todo mundo quer saber mais sobre o amor. Queremos saber o que significa amar, o que podemos fazer em nosso dia a dia para amarmos e sermos amados. Queremos saber como seduzir aqueles que continuam fiéis à falta de amor e abrir as portas de seu coração para que deixem o amor entrar. A força de nosso desejo não muda o

poder de nossa incerteza cultural. Em todos os lugares aprendemos que o amor é importante, mas somos bombardeados por seu fracasso. No domínio da política, entre religiosos, em nossas famílias e em nossa vida afetiva, vemos poucos indícios de que o amor serve de base para decisões, fortalece nosso entendimento da comunidade ou nos mantém juntos. Essa imagem desoladora não altera, de modo algum, a natureza de nosso desejo. Nós ainda temos esperança de que o amor prevalecerá. Nós ainda acreditamos na promessa do amor (HOOKS, 2020, p. 41).

Frente a muitas mudanças vividas na sociedade no último século, o amor se mantém como uma fonte superior de realização. Para Lipovetsky, “Nunca uma criação poética conseguiu transformar de modo tão profundo a sensibilidade, as maneiras, as relações entre os homens e as mulheres quanto a invenção ocidental do amor” (LIPOVETSKY, 2000, p. 19). Segundo o autor, desde o século XII o sentimento é idealizado e celebrado constantemente, tendo remodelado os comportamentos sociais dos homens e das mulheres. “Com a retórica do amor-paixão, constituiu-se não apenas uma nova forma de relações entre os sexos, mas também uma das figuras mais singulares da aventura ocidental moderna” (LIPOVETSKY, 2000, p. 19), reforça.

Mas o que é o amor? Como bem classifica Simões, “o amor é fundamental na constituição da experiência humana, independente de ser visto e conceituado como categoria, emoção, crença, sentimento, mito ou valor” (SIMÕES, 2004, p. 74). Entretanto, como defini-lo? Algumas conceituações feitas por autores e autoras relevantes que abordam o tema, sobretudo ao longo do século XX e durante as últimas décadas, se destacaram nos estudos que compõem esta dissertação. Bauman aponta que “O amor parece desfrutar de um status diferente do de outros acontecimentos únicos” (BAUMAN, 2004, p. 23). O autor resgata o Banquete de Platão para afirmar que

“o amor não se dirige ao belo, como você pensa; dirige-se à geração e ao nascimento no belo”. Amar é querer “gerar e procriar”, e assim o amante “busca e se ocupa em encontrar a coisa bela na qual possa gerar”. Em outras palavras, não é ansiando por coisas prontas, completas e concluídas que o amor encontra o seu significado, mas no estímulo a participar da gênese dessas coisas (BAUMAN, 2004, p. 26).

Amar diz menos das virtudes presentes no objeto amado e mais sobre o desejo despertado de, juntos, gerar algo belo e bom. Isso se conecta aos pensamentos de Fromm que, como citado por hooks, define que “O amor é o que o amor faz. Amar é um ato da vontade — isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar” (FROMM apud HOOKS, 2020 p. 47). Segundo o autor, “O amor é uma

atividade, e não um afeto passivo; é um ‘erguimento’ e não uma ‘queda’. De modo mais geral, o caráter ativo do amor pode ser descrito afirmando-se que o amor, antes de tudo, consiste em dar, e não em receber” (FROMM, 2015, p. 19). Com isso, Fromm afirma que amar não é apenas um sentimento: “é uma decisão, um julgamento, uma promessa. Se o amor apenas fosse um sentimento, não haveria base para a promessa de amar-se um ao outro para sempre” (FROMM, 2015, p. 38). hooks cita também Peck, que sintetiza que “O desejo de amar não é amor. O amor se expressa amando” (PECK apud HOOKS, 2020, p. 202). Para esses autores, o amor é verbo. Amar não se resume a uma sensação, um mero sentimento, mas na ação, no desejo de construir algo juntos, de cultivar amor por e com alguém.

Se amar é um ato, ele pode — e deve — ser aprendido e posto em prática. Em seu livro, hooks reforça que

Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento. Somos com frequência ensinados que não temos controle sobre nossos “sentimentos”. Contudo, a maioria de nós aceita que escolhemos nossas ações, que a intenção e o desejo influenciam o que fazemos. Também aceitamos que nossas ações têm consequências. [...] Se nos lembrássemos constantemente de que o amor é o que o amor faz, não usaríamos a palavra de um jeito que desvaloriza e degrada o seu significado. Quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança (HOOKS, 2020, p. 55).

A autora, ao se referir ao cenário dos Estados Unidos, aponta que o país “possui uma cultura movida pela busca do amor (esse é o tema de nossos filmes, de nossa música, de nossa literatura)” (HOOKS, 2020, p. 42), mas oferece poucas oportunidades para compreender o significado real do ato e como praticá-lo. Ela lembra que essa obsessão anda lado a lado com a obsessão sexual, mas que não há nenhum aspecto da sexualidade que não seja amplamente abordado pela mídia. “Há tutoriais para todas as dimensões da sexualidade, até para a masturbação. No entanto, não existem escolas para o amor. Todo mundo supõe que saberemos, instintivamente, como amar” (HOOKS, 2020, p. 42). Espera-se, então, que as pessoas aprendam como amar em família e nas relações românticas — ignorando a falta de referências nesses ambientes para tal. Por isso, “passamos a vida inteira desfazendo os danos causados pela crueldade, pela negligência e por todas as formas de desamor que vivenciamos em nossa família de origem e em relacionamentos nos quais simplesmente não sabíamos o que fazer” (HOOKS, 2020, p. 42). Para a autora, a grande insatisfação que muitas pessoas têm com o amor é por não saber como praticá-lo e se relacionar com pessoas que também não

sabem amá-las. “Nossa cultura pode até dar um valor exagerado ao amor como fantasia comovente ou mito, mas não faz muito em relação à arte de amar. Nossa decepção é direcionada ao amor romântico. Nós fracassamos com o amor romântico quando não aprendemos a arte de amar” (HOOKS, 2020, p. 208).

Para Han, “O amor, enquanto conclusão absoluta, atravessa a morte. É bem verdade que morremos no outro, mas dessa morte surge um retorno a si mesmo. Mas o retorno reconciliador a partir do outro pode ser qualquer coisa menos uma apropriação violenta do outro” (HAN, 2017b, p. 23). O autor busca em Ficino para afirmar que o amor é uma transformação, ou a pior das epidemias, que “desapropria as pessoas de sua própria natureza e as transfere para uma natureza estranha” (FICINO apud HAN, 2017, p. 19). O encontro com o outro, segundo o autor, levaria à morte de si e à subsequente transformação dos amantes através do amor, como uma nova forma de se relacionar com a própria natureza.

Já May define o sentimento como sendo “o desejo intenso por alguém, ou alguma coisa, que experimentamos como embasando e afirmando nossa própria existência” (MAY, 2012, p. 28). Esse desejo, segundo ele, busca duas formas de intimidade, que atuam como duas faces da mesma moeda: “a intimidade de possuir uma outra pessoa e a intimidade de nos tornarmos irrestritamente disponíveis para ela” (MAY, 2012, p. 28). Assim, através do objeto amado nos reconhecemos e afirmamos a própria existência, enquanto lidamos com a avassaladora dualidade de consumir e se dispor integralmente ao outro.

Simões explica que o amor muitas vezes é considerado elemento necessário para alcançar a felicidade, e isso ganhou ainda mais força na modernidade:

Na associação dos componentes para a constituição do amor, a articulação entre esse valor e a felicidade é muito presente. O amor, freqüentemente, aparece como fundamento para a felicidade no casamento, na família, no círculo de amigos, no trabalho. Costa aponta que o amor deslocou-se para o “centro imaginário do ideal de felicidade pessoal” (Costa, 1999: 20), tornando-se seu atributo essencial. Para Morin, essa articulação entre as duas emoções é bastante evidente na contemporaneidade, convertendo o amor no “tema central da felicidade moderna” (Morin, 1997a: 131). Segundo ele, o amor é o “fundamento tornado necessário e evidente de qualquer vida pessoal” (Morin, 1997a: 133). (SIMÕES, 2004, p. 73).

Com isso, podemos entender que o amor ocupa um lugar central na vida do sujeito contemporâneo, assumindo um valor maior do que outros sentimentos ou emoções.

Porém, embora muitos tentem evitar os lados negativos do amor, a autora aponta que não é possível apostar nesta fonte de felicidade sem arcar com os riscos que o sentimento acompanha, como sofrimentos, brigas, separações, ilusões e a morte. Han complementa que esse processo de posituação de todos os âmbitos da vida que está em curso na sociedade atual fez com que o amor fosse “domesticado numa fórmula de consumo desprovida de risco e ousadia, sem excesso e delírio. Evita-se toda e qualquer negatividade, todo sentimento negativo. Sofrimento e paixão dão lugar a sentimentos agradáveis e excitações sem maiores consequências” (HAN, 2017b, p. 20). Ou seja: tenta-se, ao máximo, eliminar todas as formas de negatividade e sofrimento intrínsecas ao amor, tornando-o algo ameno e facilmente consumível.

O medo e a insegurança constantes que rodeiam o amor fazem dele um sentimento ao mesmo tempo almejado e temido. De acordo com Fromm, “Difícilmente haverá qualquer atividade, qualquer empreendimento que comece com tão tremendas esperanças e expectativas e que, contudo, fracasse com tanta regularidade, quanto o amor” (FROMM, 2015, p. 10). Já May busca em Freud para explicar as sensações contraditórias que experimentamos diante do objeto amado. Segundo o psicanalista, há uma ambivalência fundamental no amante, que ama o outro por ser uma fonte de gratificação, mas o odeia devido à sua inconstância e incerteza sobre o fornecimento. Assim, o amor diz também de atitudes paradoxais como “Procurar possuir alguém que exerce um poder absoluto sobre nós; sentir-nos tanto ternos quanto vingativos em relação a ele; identificar-nos com ele tanto na medida em que nos gratifica quanto na medida em que nos frustra; canibalizá-lo e apesar disso erigi-lo em nosso senhor e mestre interior” (MAY, 2012, p. 266).

Segundo May, há razões fundamentais para que o amor e o medo andem juntos. “Alguém dotado de poder sobre nosso sentimento de existir inspirará uma reverência que ameaça nos esmagar, mesmo que acreditemos que ele nunca nos abandonará ou destruirá” (MAY, 2012, p. 322). Diante da grandeza do outro, nos sentimos ao mesmo tempo exaltados e humilhados, poderosos e impotentes, desamparados não apenas no desejo de possuir o amado, mas em nossa própria existência. Em suma, o amor pode ser tão apavorante quanto a morte, como salienta Bauman. “Só que ele encobre essa verdade com a comoção do desejo e do excitamento. Faz sentido pensar na diferença entre amor e morte como na que existe entre atração e repulsa” (BAUMAN, 2004, p. 29). Ambos os sentimentos, temor e desejo coexistem na latência do amor. O autor explica que a essência do desejo é o impulso de destruição; já o amor, entretanto, tem sua essência na “vontade de cuidar, e de preservar o objeto cuidado”

(BAUMAN, 2004, p. 30). Assim, o desejo visa consumir; o amor, possuir. “Enquanto a realização do desejo coincide com a aniquilação de seu objeto, o amor cresce com a aquisição deste e se realiza na sua durabilidade. Se o desejo se autodestrói, o amor se autopropetua” (BAUMAN, 2004, p. 31). Entretanto, o amor não deixa de ser uma ameaça ao objeto: “a rede protetora carinhosamente tecida pelo amor em torno de seu objeto escraviza esse objeto” (BAUMAN, 2004, p. 31). Na busca da proteção do objeto de desejo, o amor o aprisiona e o coloca sob custódia.

Com essa conceituação do sentimento, chegamos à tese de May, que muito nos interessa nesta pesquisa: segundo o autor, a importância do amor e o motivo para darmos mais valor a este sentimento frente aos outros é que ele está “inevitavelmente condicionado à promessa de enraizamento ontológico” (MAY, 2012, p. 20). May afirma que o amor não é incondicional, uma vez que ele se baseia no “enlevo que sentimos por pessoas e coisas que inspiram em nós a esperança de uma fundação indestrutível para nossa vida. É um enlevo que nos faz empreender — e sustenta — a longa busca de uma relação segura entre nosso ser e os delas” (MAY, 2012, p. 19). Essa necessidade de amor é compartilhada por toda a sociedade ocidental, porque os mitos e narrativas que constroem o sentimento nos fazem acreditar que é através dele que iremos nos sentir em casa no mundo, enraizar, solidificar, validar e dar sentido à nossa vida e à nossa existência, aprofundar a compreensão de si e do mundo e proporcionar uma sensação de realidade indestrutível, mesmo em um mundo de constante fragilidade. O autor explica:

Não há necessidade humana maior que a de encontrar essa afirmação, nutrição e ancoragem do próprio ser, e só podemos obter isso através de relações com um mundo em que estamos incrustados. É por isso que quando pensamos ter descoberto alguém — ou de fato alguma coisa, como uma vocação ou arte ou natureza — com poder ontológico sobre nós, mergulhamos nela com um desejo tão irresistível. É também por isso que podemos nos enamorar (e permanecer enamorados) não apenas daqueles que usariam esse poder para afirmar e melhorar nossas vidas, mas também, até precisamente, daqueles que nos veem como inimigos, ou de pessoas cuja riqueza inspira um sentimento (robusto ou não) de enraizamento ontológico, ou de fraudadores que nos dão uma confiança ilusória em nós mesmos, ou de outros que poderiam nos destruir, ou daqueles de cujo amor por nós duvidamos permanentemente. Os tipos de pessoas que acreditamos terem poder ontológico sobre nós começam com nossos pais e estendem-se mais tarde na vida a todos aqueles a cuja mercê nossa identidade, nossa segurança, nosso florescimento, talvez até nossa existência, parecem se encontrar (MAY, 2012, p. 56 e 57).

Esse sentimento, como visto, é cercado por medo e insegurança. O outro, esse objeto ao qual dedicamos tal amor e admiração e que nos proporciona a sensação de pertencimento,

reconhecimento e sentido de vida, se mantém sempre opaco. Por mais que dependamos dele para alcançar o próprio reconhecimento, não temos certeza e segurança da sua permanência, e nos vemos sempre diante da vulnerabilidade das relações humanas. Para May, a justificativa de o amor e as relações ontológicas serem tão amedrontadoras é que “tememos perder o ser amado. Sua vida permanece, sob muitos aspectos, um mistério para nós: nunca penetraremos por inteiro as leis que o governam — inclusive a lealdade dele para conosco” (MAY, 2012, p. 321). De forma semelhante, se nos víssemos diante do mesmo objeto, mas sem amor, poderíamos nos relacionar com ele como um igual. “Mas quanto maior é sua significação ontológica para nós, mais ele frustra essas tentativas; e mais ele ameaça nos inundar com sua realidade, uma realidade cujo poder dá a impressão de que poderia ou proteger nossa vida ou destruí-la” (MAY, 2012, p. 322). Isto é, dependemos do outro para nos sentirmos em casa no mundo, mas nunca teremos certeza de sua permanência ou da segurança que ele nos dá. A única forma possível para alcançar um amor mútuo bem sucedido seria, então, a atitude adotada por uma cortesã de um romance de Goethe: ““Se eu te amo, que tens a ver com isso?” O amante faz-se então disponível para o amado — progenitor, amigo, filho, amante romântico ou Deus — sem o considerar obrigado a corresponder” (MAY, 2012, p. 327). Com essa mentalidade, ficamos cientes “de que somos opacos demais uns para os outros para estar seguros da natureza e da extensão do amor do outro por nós” (MAY, 2012, p. 327).

Mesmo não se referindo diretamente ao conceito de enraizamento ontológico, a visão que May tem sobre o amor é reforçada por outros autores. Para Lipovetsky, “o compromisso amoroso apresenta a virtude, preciosa entre todas, de enriquecer a vida subjetiva de um horizonte de sentido do qual nossas sociedades desencantadas se acham tendencialmente despossuídas” (LIPOVETSKY, 2000, p. 50). Já Fromm afirma que a necessidade humana mais profunda é a de superar a separação, a prisão em que se encontra só. “O desejo de fusão interpessoal é o mais poderoso anseio do homem³. É a paixão mais fundamental, é a força que conserva juntos a raça humana, clã, a família, a sociedade. O fracasso em realizá-la significa loucura ou destruição [...]. Sem amor, a humanidade não poderia existir um só dia” (FROMM, 2015, p. 17).

Segundo o autor, essa necessidade de fusão com o outro, a fim de transcender a prisão da própria existência, está relacionada com o desejo de conhecer “o segredo” da humanidade.

³ A obra original de Fromm é de 1956. Apesar de usar o termo “homem”, o autor não está se referindo a pessoas do gênero masculino, mas ao ser humano e à humanidade como um todo, e foi optado por fazer essa substituição nas citações indiretas ao autor.

“Se a vida, em seus aspectos meramente biológicos, é um milagre e um segredo, o homem, em seus aspectos humanos, é um segredo insondável para si mesmo — e para seus semelhantes. Nós nos conhecemos, e contudo, mesmo apesar de todos os esforços que possamos fazer, não nos conhecemos” (FROMM, 2015, p. 23). Conhecemos o outro, nossos semelhantes, mas ao mesmo tempo não o conhecemos, porque não somos objetos estáveis, e sim seres em constante mutação. “Quanto mais penetramos nas profundezas de nosso ser, ou do ser de outrem, tanto mais nos escapa o alvo do conhecimento. Não podemos, todavia, evitar o desejo de penetrar no segredo da alma do homem, no mais interno núcleo do que ‘ele’ é” (FROMM, 2015, p. 23), explica o autor. Dessa forma, o caminho possível para conhecer esse segredo é através do amor:

O amor é penetração ativa na outra pessoa, em que meu desejo de conhecer é distilado pela união. No ato da fusão, eu te conheço, eu me conheço, conheço a todos — e nada “conheço”. Conheço pelo único meio por que é possível, para o homem, o conhecimento do que é vivo — pela experiência da união —, e não por qualquer conhecimento que nosso pensamento possa dar (FROMM, 2015, p. 24).

Entretanto, não é possível alcançar o fundo do conhecimento humano, seja sobre nós mesmos ou sobre o outro. “Permaneceremos ainda um enigma para nós próprios, como nossos semelhantes continuarão sendo um enigma para nós” (FROMM, 2015, p. 24), sintetiza o autor. Através do conhecimento alcançado pelo amor, na experiência da união, conseguimos enfim ver a realidade do outro e “superar as ilusões, o retrato irracionalmente desfigurado que tenho dela” (FROMM, 2015, p. 24).

Porém, se a essa pessoa não for dedicada tal veemência, ela não será capaz de despertar a sensação de enlevo proporcionada pelo amor. “Se estivermos simplesmente procurando o outro para nos estimar por nossas qualidades, ou nos dar um senso de status, ou ‘estar ali’ para nós em nossa solidão [...], ele será incapaz de inspirar em nós uma convicção de nossa realidade indestrutível” (MAY, 2012, p. 24), explica May. Esses relacionamentos considerados mais seguros, por serem baseados apenas em afeição e carinho, segundo hooks, nunca se tornarão relacionamentos amorosos de fato — e, assim, não satisfarão a necessidade de enraizamento. “As demandas não são tão intensas quanto as do amor. O risco não é tão grande” (HOOKS, 2020, p. 52), explica a autora. Amar o outro é necessariamente experimentá-lo como soberano, como ser além do alcance, de poder inatingível, cujos mistérios nunca serão inteiramente desvendados. “Esta é uma razão por que o amor genuíno não pode ser narcísico. E por que ele provoca tanto medo” (MAY, 2012, p. 24), afirma May.

Segundo o autor, “todo amor é natimorto se o ser amado não for experimentado como inalcançável” (MAY, 2012, p. 314) — logo, o sentimento estará sempre cercado de inseguranças.

Outro ponto relevante do enraizamento ontológico é que não é possível nos sentirmos enraizados em nós mesmos; dependemos de um objeto externo à nossa existência para alcançar tal sentimento. May explica que isso se dá por causa da vulnerabilidade constante em que nos encontramos desde o nascimento:

Não podemos encontrar o necessário enraizamento unicamente dentro de nós mesmos — em nossos sentimentos, em nosso corpo, em nossa ‘subjetividade’ — porque a relação que é tão exasperante (bem como frutífera) para nós, e para a qual o amor é a resposta, é nossa relação com o mundo incontrolável e alheio no qual o nascimento nos jogou. É uma relação de vulnerabilidade que, a menos que a fantasiemos ou ocultemos ou sufoquemos de outra maneira, será enriquecida e aprofundada durante o curso de nossa vida. E isso significa que o amor será necessariamente dirigido para fora rumo àquela pessoa (ou deus, ou coisa, ou país) muito especial, ou talvez várias delas, que possam inspirar enraizamento ontológico em nós (MAY, 2012, p. 24).

E é por isso que as relações amorosas têm um caráter tão importante durante um acontecimento tão extremo quanto uma pandemia. Diante de uma situação inédita de enfrentamento coletivo da fragilidade da vida, das incertezas e inseguranças que temos diante da nossa existência tanto coletiva, enquanto humanidade, quanto individual, nos sentimos ainda mais expostos à nossa falta de controle do mundo. Como bem exemplifica hooks,

Todo mundo que conheço às vezes é derrubado por sentimentos de depressão e desespero em relação à situação do mundo. Seja pela presença mundial da violência manifestada na persistência da guerra, da fome e da miséria provocadas pelo homem, pela realidade de um cotidiano violento, pela presença de doenças que representam risco de vida e causam a partida inesperada de amigos, de companheiros, de pessoas que amamos, há muitas coisas que podem levar alguém à beira do desalento. Conhecer o amor ou a esperança de conhecer o amor é a âncora que nos impede de cair num mar de desânimo profundo (HOOKS, 2020, p. 116).

E assim nos voltamos para o outro, a fim de fortalecermos a sensação de pertencimento e de sentido de vida, ao mesmo tempo em que essas relações operam como fuga para tal realidade. Ou seja, na busca por uma contraposição ao caos da existência humana e do mundo exterior, as pessoas encontram conforto em relacionamentos amorosos, porque esse tipo de relação tende a construir um imaginário de enraizamento e de validação da própria existência. E assim é dada uma predileção às relações amorosas dentre os outros tipos de relacionamentos afetivos, e por isso também a dedicação, a entrega e o desejo tendem a ser maiores com esse

tipo de afeto: porque essa é a relação capaz de exercer um poder ontológico sobre nós e de criar uma falsa sensação de amparo e de pertencimento. Assim, diante da insegurança frente à própria existência e da solidão potencializada pelo distanciamento social, vimos uma dependência maior depositada em tais relacionamentos, assim como muitos relatos de desamparo e solidão vindos de pessoas que estavam enfrentando a pandemia sem a companhia de um parceiro romântico — como será exemplificado no próximo capítulo.

Ao amarmos, destacamos “um outro de ‘todo mundo’”, e assim criamos “‘um’ outro transformando-o num ‘alguém bem definido’” (BAUMAN, 2004, p. 46), como explica Bauman. Ao transformarmos o outro em alguém definido, estamos tornando o futuro indefinido, que está além das nossas escolhas e desejos e abarca também essa outra alteridade. “Significa concordar com a indefinibilidade do futuro. Concordar com uma vida vivida, da concepção ao desaparecimento, no único local reservado aos seres humanos: aquela vaga extensão entre a finitude de seus feitos e a infinidade de seus objetivos e conseqüências” (BAUMAN, 2004, p. 46). Essas definições — e consequentes delimitações — vão também traçar uma linha na ilusão, aceitando os limites da capacidade do outro.

Mas como entender as escolhas que definem o objeto amado? O que estaria por trás de tais predileções? May afirma que, embora as qualidades que buscamos no outro pareçam escolhas e gostos pessoais, elas não passam de convenções construídas pela cultura: “herdamos essas preferências em grande parte da sociedade em que vivemos. [...] A maioria das nossas ‘necessidades’ não é em absoluto natural, mas implantada em nós por hábito e costume” (MAY, 2012, p. 210). As escolhas partiriam então do parceiro ideal que construímos na imaginação e que nos dedicamos a procurar. “[...] tendo encontrado alguém que ‘parece certo’, em quem reconhecemos nosso ideal, dedicamo-nos às suas necessidades e desejos como se fossem nossos” (MAY, 2012, p. 214), explica o autor. Fromm aponta que, na sociedade ocidental, o que a maioria considera amável “é, essencialmente, uma mistura de ser popular e possuir atração sexual” (FROMM, 2015, p. 8). É feita então uma troca — ou melhor, a combinação de dois desejos:

o objeto deve ser desejável, sob o aspecto de seu valor social, e ao mesmo tempo deve desejar-me, levando em consideração minhas potencialidades e recursos expostos e ocultos. Assim, duas pessoas se apaixonam quando sentem haver encontrado o melhor objeto disponível no mercado, considerando as limitações de seus próprios valores cambiais (FROMM, 2015, p. 9).

Ao seguir essa linha de pensamento, poderíamos achar que amar é simples. Difícil mesmo seria, como aponta Bauman, “encontrar o objeto certo a amar — ou pelo qual ser amado” (BAUMAN, 2004, p. 8). Postas essas dificuldades, hooks reconhece que talvez as pessoas estejam mais interessadas em encontrar uma companhia do que em conhecer o amor de fato. “Ao avaliar nossas necessidades e então escolher nossos parceiros cuidadosamente, tememos descobrir que não há ninguém para amar. A maioria de nós prefere ter um parceiro em quem falte algo a não ter parceiro algum” (HOOKS, 2020, p. 203). Entretanto, como aponta May, pouco tem a ver o amor verdadeiro com os atributos físicos ou a beleza do objeto amado. “Encontrar beleza — ou bondade — num objeto de amor é uma consequência, não a causa do amor. O enlevo provocado pela promessa de assentamento, de enraizamento e de lar nos fará experimentar sua fonte como bela — e como boa” (MAY, 2012, p. 312), salienta. E, complementarmente, nem todas as pessoas ou coisas julgadas como belas possuem a capacidade de promover a expansão provocada pelo amor.

A busca por uma ausência de negatividade, conforme apontado por Han, está fazendo com que o amor se transforme “num objeto de consumo e o reduz ao cálculo hedonista. A cupidez do outro dá lugar ao conforto do igual. O que se busca é o confortável, em última instância, a espessa imanência do igual. Ao amor hodierno falta toda e qualquer transcendência e transgressão” (HAN, 2017b, p. 20). Para hooks, esta é uma “política da ganância” que está inserida na busca pelo amor, fazendo com que muitas pessoas esperem por satisfação imediata, sem ter que prestar qualquer cuidado: “Muitas pessoas querem que o amor funcione como uma droga, dando-lhes um êxtase imediato e prolongado. Elas não querem fazer nada, apenas receber passivamente uma sensação boa” (HOOKS, 2020, p. 148). Entretanto, a autora relembra que o “amor verdadeiro raramente é um espaço emocional em que as necessidades são recompensadas instantaneamente” (HOOKS, 2020, p. 147) e que, para experimentá-lo, é preciso investir tempo e compromisso.

A tendência, quando se constrói uma relação por afinidade mas não se assume o papel de manutenção do amor, é de que a relação defina:

A intenção de manter a afinidade viva e saudável prevê uma luta diária e não promete sossego à vigilância. Para nós, os habitantes deste líquido mundo moderno que detesta tudo o que é sólido e durável, tudo que não se ajusta ao uso instantâneo nem permite que se ponha fim ao esforço, tal perspectiva pode ser mais do que aquilo que estamos dispostos a exigir numa barganha (BAUMAN, 2004, p. 58).

A afinidade, como podemos entender, não é algo constante e estável, e também não é o suficiente para manter um relacionamento a longo prazo — de alguma forma, condizendo assim com os ideais de consumo, que demandam rotatividade para maior satisfação. Para Fromm, a excitação provocada ao se aproximar de uma pessoa que antes era estranha e experimentar com ela o sentimento de unicidade é uma das experiências mais jubilosas da vida. “É tudo o que há de mais admirável e miraculoso para quem tem estado fechado em si, isolado, sem amor” (FROMM, 2015, p. 9). Esse milagre, como apontado pelo autor, é facilitado quando há, também, a atração e satisfação sexual. Apesar disso, esse tipo de amor, devido à sua própria natureza, não é duradouro:

As duas pessoas tornam-se bem conhecidas, sua intimidade perde cada vez mais o caráter miraculoso, e seu antagonismo, suas decepções, seu mútuo fastio acabam por matar tudo quanto restava da excitação inicial. Entretanto, no começo, elas de nada disso sabem; de fato, tomam a intensidade da paixão, a “loucura” que sentem uma pela outra, como prova da intensidade de seu amor, quando isso apenas provaria o grau de sua anterior solidão (FROMM, 2015, p. 9).

Ou seja, a paixão que muitos casais sentem no início nada mais é do que o enlevo de superar, mesmo que momentaneamente, a solidão. Se não aprofundado e cultivado, esse sentimento não perdurará. Por fim, hooks reforça que

O mito do amor verdadeiro — aquela visão de contos de fadas em que duas almas se encontram, se juntam e vivem felizes depois disso — é coisa de fantasias infantis. Entretanto, muitos de nós, mulheres e homens, carregam essas fantasias para a vida adulta e são incapazes de lidar com a realidade do que significa ter uma conexão intensa, que altera nossa vida, mas que não levará a um relacionamento duradouro ou sequer a um relacionamento. O amor verdadeiro nem sempre nos leva ao “viveram felizes para sempre” e, mesmo quando leva, sustentar o amor ainda dá trabalho (HOOKS, 2020, p. 210 e 211).

Em uma sociedade em constante transformação, manter um relacionamento amoroso dá trabalho e é mais difícil do que muitas vezes se imagina. O caminho mais curto para diminuir a solidão, por mais que provoque satisfação instantânea e crie ilusões de uma paixão intensa, não é condizente com as demandas necessárias para cultivar um amor profundo, maduro e duradouro. Entretanto, as expectativas de salvação e de encontrar o verdadeiro amor são infundadas, sendo mais um mito que trazemos desde os contos de fadas do que algo que se aplica à vida real. O amor verdadeiro é, na verdade, carregado de medos, inseguranças e conflitos e nem sempre se dará nos moldes impostos pela cultura amorosa que nos cerca, mas não será menos transformador por isso.

3.2. Uma história de amor no Ocidente

Para entender como chegamos até aqui, é preciso fazer uma retomada histórica desde o Antigo Testamento, a fim de reconstruir a história do amor no Ocidente. Em sua obra canônica, *Amor: uma história*, Simon May a sumariza como sendo “a história dessa tentação de fazer-se de Deus” (MAY, 2012, p. 25). O autor organiza a história ocidental do sentimento em quatro transformações, sem início ou fim claros. São elas:

- A transformação do valor do amor. “Entre o Deuteronômio e Agostinho — assim, durante bem mais de mil anos, até meados do século V d.C. — o amor é transformado pouco a pouco na virtude suprema” (MAY, 2012, p. 26). Esse período rememora ao Antigo Testamento, que ordena que deus seja amado ““com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças”” (MAY, 2012, p. 26). O amor, aqui, é alçado ao valor supremo, e essa filosofia se estende até Agostinho, que vê o amor divino como a raiz da verdadeira virtude.
- A atribuição aos seres humanos o poder divino de amar. Essa transformação vai do século IV ao XVI, de Agostinho a Tomás de Aquino. “Mediante o desenvolvimento da ideia do amor como um dom da divina Graça, seres humanos podem, pelo menos em princípio, tornar-se divinos através do amor e até alcançar amizade com Deus, embora nossos semelhantes ainda devam ser amados por amor a Deus” (MAY, 2012, p. 26). Nesse período, a capacidade de amar outros humanos é atribuída à graça de deus.
- A transformação do objeto de amor. Essa revolução que se iniciou no século XI e teve seu apogeu no século XVIII diz respeito à capacidade de experimentar o ser humano, e a natureza em geral, como a corporificação do bem maior, digno do amor antes reservado unicamente a deus. Essa revolução permitiu que um ser humano fosse amado como bom em si mesmo, “E assim o limite entre o divino e o terreno, entre o sobrenatural e o natural, fica cada vez mais tênue” (MAY, 2012, p. 27).
- A transformação do amante. Ao final do século XVIII se inicia, com Rousseau e o Romantismo, a quarta transformação, que está em curso até hoje. A partir desse período, o amante se torna legítimo através do amor: “à medida que essa transformação se desenvolve, o amante torna-se o foco do amor em tal medida que há momentos em que o amado é quase excluído do quadro, reduzido a um acessório de

cena substituível no drama da vida do amante” (MAY, 2012, p. 27). Essa transformação é o berço do amor romântico. Nela, o amante se encontra, se torna indivíduo, e busca não mais transcender a natureza, mas se guiar por ela e dar-lhe sentido, explorar a própria experiência. Segundo o autor, aqui é quando o amor começa a “enamorar-se de si mesmo” (MAY, 2012, p. 27), e o sentido da vida se torna a exploração do sentimento, e não o objeto a quem o amor se destina. O amor passa a ocupar o lugar antes dedicado a deus, e o foco se desloca para o amante em tal medida que o amado corre o risco de desaparecer.

De acordo com May, a imagem de fundo do amor construída no Romantismo continua em vigência no século XXI e não sofreu muitas alterações em seus aspectos mais básicos desde o final do século XIX. “Na verdade, quando se trata de amor, o ‘longo século XIX’ estende-se não só pelo século XX adentro, até 1914 ou 1917, mas avança sem dúvida pelo século XXI” (MAY, 2012, p. 9).

Em outra abordagem, a historiadora Mary Del Priore, ao sintetizar a história do amor, define:

É como se tivéssemos passado de um período em que o amor fosse uma representação ideal e inatingível, a Idade Média, para outra em que vai se tentar, timidamente, associar espírito e matéria, o Renascimento. Depois, para outro, em que a Igreja e a Medicina tudo fazem para separar paixão e amizade, alocando uma fora, outra dentro do casamento — a Idade Moderna. Desse período, passamos ao romantismo, do século XIX, que associa amor e morte, terminando com as revoluções contemporâneas, momentos nos quais o sexo se tornou uma questão de higiene e o amor parece ter voltado à condição de ideal nunca encontrado (DEL PRIORE, 2012, p. 14).

A autora explica que, séculos atrás, o amor romântico criou o ideal de uma união mística entre os amantes, vinda dos trovadores medievais: “A idealização temporária, típica do amor-paixão, juntou-se ao apego mais duradouro do objeto de amor” (DEL PRIORE, 2012, p. 320). Segundo Simões, o amor romântico começou a surgir no final do século XVIII. “Assim como no amor cortês, ‘a articulação do amor como um ideal’ (Bloch, 1995: 19) é fundamental no amor romântico, cuja ascensão foi propiciada por várias circunstâncias que compunham o contexto da época” (SIMÕES, 2004, p. 79).

Fromm retoma a era vitoriana para conceituar como eram os casamentos antes da difusão cultural do amor romântico:

Na época vitoriana, como em muitas culturas tradicionais, não era o amor principalmente uma experiência pessoal espontânea que a seguir pudesse levar ao

casamento. Ao contrário, o casamento se contratava por convenção — ou pelas famílias respectivas, ou por um agente matrimonial, ou sem o auxílio desses intermediários; consumava-se na base de considerações sociais e julgava-se que o amor se desenvolveria depois de efetuado o casamento (FROMM, 2015, p. 8).

Segundo o autor, em poucas gerações o conceito do amor romântico — e, conseqüentemente, do casamento por amor — tornou-se universal no Ocidente. Giddens aponta como característica central do amor romântico “a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo” (GIDDENS, 1993, p. 10). O amor romântico, segundo o autor, pressupõe uma idealização do amado, o encontro de almas, o preenchimento de um vazio que talvez ele sequer sabia que existia, estando atrelado também à construção de identidade dos sujeitos. “Este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro” (GIDDENS, 1993, p. 56). Essa ideia de construção de identidade através do amor está intrinsecamente conectada às transformações que o discurso amoroso sofreu na cultura, tendo se difundido em poesias, contos, cânticos, livros, peças de teatro e outras produções.

Del Priore rememora também as lendas de Tristão e Isolda e de Romeu e Julieta para explicar a herança que as narrativas trágicas de amor da Idade Média deixaram na cultura ocidental: “o que os amantes desejam é seu próprio desejo. Estão apaixonados, não um pelo outro, por suas qualidades e defeitos intrínsecos. Mas por sua própria paixão. Nessa lógica, jamais se poderia conceber um Tristão que se casasse com uma Isolda” (DEL PRIORE, 2012, p. 72). Essa seria então a herança deixada pela poesia trovadoresca no Ocidente: “a busca do amor impossível” (DEL PRIORE, 2012, p. 72), alimentado pela paixão ao amor — e vice-versa. Partindo desses ideais, o amor romântico ganhou força em meados do século XIX em conjunto com o gênero literário do romance: “ambos têm em comum uma nova forma de narrativa. Aquela em que duas pessoas são a alma da história, sem referência necessária a processos sociais que existam em torno delas” (DEL PRIORE, 2012, p. 320).

May reforça que o amor humano, a partir do século XIX, passou a ocupar o lugar antes reservado ao amor divino, se tornando a fonte suprema de felicidade, significação e poder sobre o sofrimento humano.

Embora essa fé no amor como a única forma democrática, até universal, de salvação aberta para nós, modernos, seja o resultado de uma longa história religiosa que viu o amor divino como a origem do amor humano e como o modelo a ser imitado, ela se

tornou independente, de maneira paradoxal, em razão de um declínio da fé religiosa. Só se tornou possível porque, desde o fim do século XVIII, o amor preencheu cada vez mais o vácuo deixado pela retirada do cristianismo. Por volta dessa época, a fórmula ‘Deus é amor’ foi invertida em ‘o amor é Deus’, de tal modo que ele é agora a religião não declarada do Ocidente — e talvez sua única religião que goza de aceitação geral (MAY, 2012, p. 13).

Da mesma forma como o amor ocidental foi concebido a partir do judaísmo como o dever primordial que os humanos têm com deus, a partir do Romantismo o sentimento se tornou o dever essencial em relação a nós mesmos. Amar, para o autor, se tornou a expressão da voz interior: “Amar é descobrir nossa própria lei e obedecer a ela” (MAY, 2012, p. 203). Porém, ao atribuir ao humano essas características antes reservadas ao divino, depositamos expectativas de incondicionalidade e eternidade que não dão conta da natureza condicional e temporária do sentimento. Para May, “Essa divinização do amor humano é o mais recente capítulo na busca impulsiva da humanidade de roubar os poderes de seus deuses, a mais prolongada de suas tentativas de elevar-se acima de si mesma” (MAY, 2012, p. 17), e a tendência de fracassar é inevitável.

Além da autenticidade alcançada através do amor ao nos dedicarmos a um ser amado, o outro tema que define o amor romântico é a nobreza da própria paixão e do desejo sexual advindo dela. “A paixão é uma — talvez a — grande fonte de bondade e verdade, muito superior à razão. E nenhuma paixão é maior que o amor entre dois seres humanos: aqui, em seu amor realizado, podemos vislumbrar o sagrado” (MAY, 2012, p. 202). O consumo dessa paixão, antes considerado uma fraqueza ou um problema, passa a se tornar sagrado e valorizado. Porém, o autor aponta ainda que, apesar de o amor do Romantismo ser usado para designar, na grande maioria das vezes, o amor sexual entre duas pessoas, “sua sensibilidade pode impregnar quase qualquer espécie de amor: por amigos, pela natureza, a arte, a família, a nação, e qualquer outro objeto de dedicação apaixonada. O que importa é que no mistério de tal dedicação eu desperto para quem sou” (MAY, 2012, p. 203). Através da paixão, seja ela por uma pessoa ou por uma crença, um grupo, um movimento, um símbolo, o ser apaixonado encontra razão para a vida autêntica. Como visto, a paixão é mais pelo sentimento de estar apaixonado do que pelo objeto de amor em si; é como se “o ser amado fosse meramente uma caixa de ressonância em que o amante consegue ouvir sua voz autêntica” (MAY, 2012, p. 203).

O amor romântico chega aos países da América, como aponta Del Priore, com uma distinção entre dois tipos de conduta sexual: “uma, conjugal, com a única finalidade de procriação. Outra, extraconjugal, caracterizada pela paixão amorosa e pela busca de prazer” (DEL PRIORE, 2012, p. 107). A mulher, como aponta a autora, “era duramente tratada pelo homem, que a considerava um ser inferior, mais frágil, mais fraco. Amá-las? Só fisicamente. E, de preferência, fora do casamento” (DEL PRIORE, 2012, p. 107). Os casamentos eram feitos de forma racional, levando em consideração os bens e os dotes. A mudança nessa forma de distinguir as duas relações só começou a acontecer, ainda que vagarosamente, no século XIX, inicialmente entre as famílias letradas e mais abastadas.

Um ideal de casamento se impõe, em ritmos diferentes, para os diversos grupos da sociedade. Por meio desse ideal, importado da Europa via literatura, o erotismo extraconjugal deveria entrar no casamento afugentando a reserva tradicional. Nesse ideal, passa a existir um único amor, o amor-paixão, enquanto as características que retardavam o triunfo do amor, feito de sentimento e sexualidade, começam a ser postas em xeque. A sociedade começava, daí em diante, a aproximar as duas formas de amor tradicionalmente opostas. Mas não há dúvidas de que o cristianismo e seu monopólio espiritual influenciaram ainda por muito tempo o princípio de que o amor carnal deveria ser sublimado. Sublimado, anulado e substituído, de preferência, pelo amor a Deus. Ou, melhor ainda, pelos negócios (DEL PRIORE, 2012, p. 108).

Como podemos ver, as transformações no amor, como em outros âmbitos da vida sociopolítica e da organização em sociedade, são lentas e, em sua maioria, acontecem de cima para baixo, com a conquista de mais direitos e liberdades chegando primeiro em países mais desenvolvidos e em camadas sociais mais ricas.

Em mais de dois séculos de vigência do amor romântico, as formas e práticas do sentimento sofreram alterações, mas conservam ilusões incrustadas na tradição cristã e que continuam sendo difundidas ainda hoje, mesmo fora da religião. May elenca três dessas ilusões: o amor é incondicional, eterno e altruísta. Primeiramente, o autor reforça que o amor, como tudo que é humano, está condicionado à natureza da nossa existência. Sobre a eternidade do amor, May afirma que “O amor humano genuíno só durará enquanto o amante vir no amado o bem supremo que inspira seu amor, o que quer que lhe pareça ser esse bem” (MAY, 2012, p. 306). Por fim, o autor reforça que o sentimento também não é altruísta: a atenção, submissão e devoção que dedicamos ao parceiro estão atreladas ao “interesse pessoal em nosso florescimento” (MAY, 2012, p. 307), sendo assim um egoísmo do tipo mais desenvolvido, que só se mantém enquanto o relacionamento estiver orientado para o futuro e houver uma vida compartilhada em evolução — sendo, ainda, esse futuro sempre imprevisível.

Del Priore retoma Flandrin e seus estudos sobre o sexo no Ocidente para afirmar que, pelo menos desde o século XIII, pouco mudou na preferência de poetas e romancistas sobre as narrativas de amor. “Mas não seria o mesmo ‘amor’ que se cantaria ao longo de tantos séculos. No passado, seus objetos e estímulos afetivos seriam diferentes dos nossos, assim como diversas eram as condutas amorosas” (DEL PRIORE, 2012, p. 74). O status do amor era bem mais complexo no passado do que hoje: o amor platônico era separado do carnal, e o amor casto do casamento era distinto do amor paixão, vivido fora dele. Segundo a autora, havia uma condenação à paixão amorosa, enquanto no século XX a distinção feita era apenas entre “o verdadeiro amor” e o simples desejo. Já Simões busca em Morin para afirmar que

a cultura de massa universaliza a obsessão do amor, transformando-o no “grande arquétipo dominante da cultura de massa” (Morin, 1997a: 131). Na constituição dos diferentes produtos, o amor tanto retoma elementos dos mitos amorosos consolidados ao longo dos séculos quanto exibe traços da própria sociedade (SIMÕES, 2004, p. 92).

Sendo uma das temáticas preferidas dos produtos culturais, o amor continua sendo apropriado e replicado nas inúmeras narrativas que constroem o imaginário popular, reforçando e atualizando os ideais do amor romântico.

Na década de 1960, entretanto, uma nova onda do feminismo passou a denunciar a forma como as mulheres são socializadas pela cultura e submetidas a esses ideais românticos de subordinação aos homens. “Multiplicam-se as denúncias das mitologias do amor veiculadas pela cultura de massa, as críticas dos papéis estereotipados que vampirizam o imaginário, que tornam a mulher estranha a si própria, que prorrogam as posições tradicionais da mulher dependente do homem” (LIPOVETSKY, 2000, p. 27). Na mesma época, o discurso é deslocado do apelo sentimental para o sexual: “A questão central não é mais ‘amar de perder a razão’, mas ‘gozar sem entraves’” (LIPOVETSKY, 2000, p. 27), afirma Lipovetsky, e doutrinas como exclusividade, fidelidade e submissão passaram a ser questionadas.

De acordo com Del Priore, ao longo da história ocidental do amor, o casamento e a sexualidade sempre estiveram sob controle — seja ele da Igreja, da família, do Estado ou da comunidade —, mas o sentimento, apesar de todos os bloqueios, continuava livre. “Podia-se obrigar indivíduos a viver com alguém, a deitar com alguém, mas não a amar alguém” (DEL PRIORE, 2012, p. 312). Ao longo do século XX, mesmo com os riscos apresentados pelas ISTs, “a sexualidade foi desembaraçada da mão da Igreja, separada da procriação graças aos

progressos médicos e, mais, foi desculpabilizada pela psicanálise e mesmo exaltada. De forma oposta, a ausência de desejo é que passa a ser perseguida” (DEL PRIORE, 2012, p. 312). O casamento deixou de ser obrigatório e ligado à religião, passou a ser atrelado ao amor e passível ao divórcio, e os parceiros passaram a ter os mesmos direitos perante à lei, incluindo a legalização em muitos países de casamento entre pessoas do mesmo gênero. A realização pessoal se tornou a força motriz que guia as relações, e as pessoas buscam sempre mais satisfação e recusam a frustração e a culpa. Ao que a autora por fim indaga: “Mas tudo isso são conquistas ou armadilhas? Os historiadores de amanhã o dirão” (DEL PRIORE, 2012, p. 312).

Bauman, ao abordar os problemas provocados pela liberação sexual, busca no sexólogo Volkmar Sigusch, que trata das queixas frente às novas liberdades. O terapeuta aponta que

Todas as formas de relacionamento íntimo atualmente em voga portam a mesma máscara de falsa felicidade que foi usada pelo amor conjugal e mais tarde pelo amor livre... Ao olharmos mais de perto e afastarmos a máscara, descobrimos anseios não-realizados, nervos em frangalhos, amores frustrados, sofrimentos, medos, solidão, hipocrisia, egoísmo e compulsão à repetição... As performances substituíram o êxtase, o físico está por dentro, a metafísica, por fora... A abstinência, a monogamia e a promiscuidade estão todas igualmente distantes da livre vida da sensualidade que nenhum de nós conhece (BAUMAN, 2004, p. 81).

Talvez a insatisfação seja inerente às práticas sexuais do amor, independente de quais formas elas assumam. Já May enxerga que a liberação do sexo e do casamento durante o século XX foi acompanhada pela “ossificação do amor”:

O ‘amor livre’ não libertou o amor, no sentido de nos dar novas concepções dele. Ao contrário, as novas liberdades — decorrentes, acima de tudo, do divórcio, da contracepção e do amor gay: três das revoluções de mais longo alcance e ainda inacabadas que o século XX gerou — ofereceram um número cada vez maior de oportunidades para se perseguir o mesmo velho ideal. Auxiliadas pelo aborto e pelo feminismo, elas significaram que mulheres e homens não estão mais comprometidos uns com os outros pela gravidez ou pelas relações sociais tradicionais, mas livres para seguir sempre adiante na busca da pessoa ‘certa’ e do amor ‘certo’ (MAY, 2012, p. 9 e 10).

Ao invés de a conquista de mais liberdade para vivenciar o amor acabar com as amarras da dependência pelas relações amorosas, na verdade a busca pelo sentimento se tornou infinita. Essa transformação foi acompanhada dos avanços no capitalismo, que estendeu o consumismo ao amor: “a exigência de satisfação rápida nesta, como em outras áreas de desejo, e a disposição para trocar repetidamente de parceiro se ela não for alcançada” (MAY,

2012, p. 10). Ao atrelar a liberdade sexual às novas tecnologias de comunicação e facilitação da mobilidade urbana, a oferta de parceiros disponíveis também foi ampliada, sendo possível fazer trocas constantes, sempre em busca de um parceiro ideal. O autor atrela essa busca contínua também à maior riqueza e vitalidade conquistadas nas últimas décadas, o que proporcionou às pessoas mais tempo livre para o lazer. Por fim, May afirma: “Apesar de seu ritmo agitado e de seu espírito orientado por processos, a vida contemporânea, mais que nunca, proporciona a um número de pessoas maior o tempo e a atenção necessária para a procura do amor” (MAY, 2012, p. 10).

Já Bauman salienta que os hábitos consumistas, ao serem estendidos também para o amor, colocam os amantes sempre em busca de leveza, velocidade, novidade e variedade. “É a rotatividade, não o volume de compras, que mede o sucesso na vida do *homo consumens*” (BAUMAN, 2004, p. 86). Os mais bem-sucedidos seriam, então, “Aqueles que não precisam se agarrar aos bens por muito tempo, e decerto não por tempo suficiente para permitir que o tédio se instale” (BAUMAN, 2004, p. 86). Para hooks, “Quando o afã de ter se intensifica, o mesmo acontece com a sensação de vazio espiritual. Por nos sentirmos vazios espiritualmente, tentamos nos preencher com o consumismo. Podemos não ter amor o suficiente, mas sempre podemos comprar” (HOOKS, 2020, p. 110). A autora reforça que a ausência emocional e espiritual, provocada pelo enfraquecimento das instituições, é o terreno perfeito para o florescimento do consumismo desenfreado. “Em um mundo sem amor, o desejo de conexão pode ser substituído pelo desejo de possuir” (HOOKS, 2020, p. 140).

Ao focar no cenário estadunidense, que tem uma relevância importante na difusão da cultura ocidental nas últimas décadas, hooks explica que a busca esperançosa por amor, justiça e democracia, que “havia sido evocada com a luta pelos direitos civis, o movimento feminista e a libertação sexual” (HOOKS, 2020, p. 141) nos anos de 1960, perdeu forças durante a Guerra do Vietnã:

[...] no final dos anos 1970, depois do fracasso dos movimentos radicais por justiça social que buscavam transformar o mundo num lugar democrático, pacífico, onde os recursos pudessem ser compartilhados e uma vida significativa se tornasse uma possibilidade para todos, as pessoas pararam de falar de amor. A perda de vidas no país e no estrangeiro havia criado abundância econômica, mas deixado em seu rastro devastação e ausência (HOOKS, 2020, p. 141).

Ao invés de buscar justiça na esfera pública, “os indivíduos se voltaram para a vida privada, procurando um lugar de consolo e escape. Inicialmente, muitas pessoas se voltaram para suas

famílias e relacionamentos para reencontrar um senso de conexão e estabilidade” (HOOKS, 2020, p. 142).

Para Illouz, “a criação do capitalismo caminhou de mãos dadas com a criação de uma cultura afetiva intensamente especializada” (ILLOUZ, 2011, p. 11), que levou os homens e mulheres da classe média “a se concentrar intensamente em sua vida afetiva, tanto no trabalho quanto na família, usando técnicas similares para trazer o eu e suas relações com os outros para o primeiro plano” (ILLOUZ, 2011, p. 11). Entretanto, na visão da autora, ao invés de isso ter nos voltado para a vida privada, fez com que o “eu privado” fosse “publicamente posto em ação e atrelado aos discursos e valores das esferas econômica e política” (ILLOUZ, 2011, p. 11). Illouz dá a esse acontecimento o nome de “capitalismo afetivo”, que é uma cultura em que “o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva — especialmente a da classe média — segue a lógica das relações econômicas e da troca” (ILLOUZ, 2011, p. 12).

Ou seja, “enquanto a cultura afetiva vitoriana havia separado homens e mulheres através do eixo das esferas pública e privada, a cultura terapêutica do século XX foi aos poucos desgastando e redefinindo essas fronteiras” (ILLOUZ, 2011, p. 27). No entanto, apesar das mudanças provocadas pelas aspirações igualitárias e também pela revolução sexual, essas transformações não foram o suficiente para destruir a predileção feminina pelo amor romântico, como reforça Lipovetsky. “Fala-se muito de ‘novos homens’ e de ‘novas mulheres’, mas a assimetria sexual dos papéis afetivos é sempre o que nos rege: os costumes igualitários progridem, a desigualdade amorosa entre os homens e as mulheres continua, ainda que com uma intensidade menos marcada que no passado” (LIPOVETSKY, 2000, p. 30). Essas desigualdades frente ao amor são de extrema importância para compreender a construção social do sentimento e serão melhor destrinchadas no próximo subcapítulo.

Dentre as mudanças que o amor romântico sofreu à medida em que a sociedade se modernizou, May aponta que quanto mais individualistas as sociedades se tornam, maior é o valor depositado no amor e a expectativa de que ele se torne a fonte suprema de felicidade. “No deserto dos ídolos ocidentais, apenas ele sobrevive intacto” (MAY, 2012, p. 17), afirma o autor. O amor se tornou deus na vida dos humanos, e com o enfraquecimento das estruturas políticas, religiosas, nacionais, culturais e comunitárias, mais o sentimento é alçado como a fonte suprema de felicidade e segurança, digno da fidelidade e da subserviência antes prestadas à Igreja e ao Estado.

E quanto mais individualistas nos tornamos, mais esperamos que o amor se torne uma jornada secular para a alma, uma fonte final de sentido e liberdade, um padrão supremo de valor, uma chave para o problema da identidade, um conforto em face do desenraizamento, um desejo pelo mundano e ao mesmo tempo um desejo de transcendê-lo, uma redenção do sofrimento e uma promessa de eternidade. Ou todas estas coisas ao mesmo tempo (MAY, 2012, p. 308).

Isto quer dizer que o amor — especialmente o romântico — está sobrecarregado. Nele depositamos a crença da salvação e do sentido da vida, ignorando a fragilidade do amor humano a ponto de buscar o amor pela paixão ao sentimento e pela supervalorização de si, e não pela integridade e desejo de cuidar do amado. Sobre o crescente foco em si, com consequente desaparecimento do outro, Han comenta que

Não é apenas a oferta de outros *outros* que contribui para a crise do amor, mas a erosão do Outro, que por ora ocorre em todos os âmbitos da vida e caminha cada vez mais de mãos dadas com a narcisificação do si-mesmo. O fato de o outro desaparecer é um processo dramático, mas, fatalmente avança, de modo sorrateiro e pouco perceptível (HAN, 2017b, p. 6).

Em uma sociedade individualista, queremos cada vez mais saber apenas de nós mesmos, a despeito de todas as implicações que isso possa ter. O amor, nesse viés, serve apenas ao amante, e não é mais algo compartilhado, que visa o crescimento e mobiliza o interesse e cuidado mútuo.

3.3. Amor: uma questão de gênero

O amor, apesar de ser um sentimento universal, não é o mesmo para homens e para mulheres. A diferença no modo como ambos os gêneros se relacionam com o sentimento está na base da organização da sociedade, e a disparidade de poder entre homens e mulheres também é sustentada pelo discurso amoroso. Essa hierarquia, entretanto, não é natural, fruto da diferença entre os sexos, mas sim fundada pela cultura, que define como as pessoas de cada gênero são socializadas. Segundo a psicanalista Maria Rita Kehl, “é a cultura que nos designa destinos diferenciados como homens ou mulheres” (KEHL, 1996, p. 13). É a isso que se refere o principal pensamento de Beauvoir, ao cunhar que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 9): o conceito de feminilidade, através do qual assimilamos os papéis de uma mulher na sociedade, não são advindos da natureza e herdados por nascença,

mas moldados e projetados pela cultura a uma existência desde que se define que se trata de um corpo do sexo feminino, através dos papéis ideais de gênero.

O amor, como explica Lipovetsky, depende dessa diferença entre homens e mulheres para vingar. “Apesar de exaltar a igualdade e a liberdade dos amantes, o amor não deixa de ser um dispositivo que se edificou socialmente a partir da desigualdade estrutural dos lugares dos homens e das mulheres” (LIPOVETSKY, 2000, p. 21), pontua. Segundo ele, embora sentimentos como o ciúme, o amor à primeira vista e os ardores, ilusões e expectativas da paixão sejam compartilhados pelos dois gêneros, o lugar de importância dado ao amor não é o mesmo para ambos; é a assimetria dos investimentos e aspirações depositadas no sentimento que estrutura a sociedade ocidental.

O autor busca em Byron para afirmar que “o amor, no masculino, é apenas uma ocupação entre outras, ao passo que preenche a existência feminina” (LIPOVETSKY, 2000, p. 21). Em Nietzsche, afirma que para a mulher “o amor é renúncia, fim incondicional, ‘dom total de corpo e de alma’. Não é de modo algum a mesma coisa no homem que quer possuir a mulher, tomá-la, a fim de se enriquecer e crescer seu poder de existir: ‘A mulher se dá, o homem aumenta-se dela’” (LIPOVETSKY, 2000, p. 21 e 22). Já Beauvoir afirma, segundo Lipovetsky, que no masculino

o amor não se dá como uma vocação, uma mística, um ideal de vida capaz de absorver o todo da existência: é mais um ideal contingente que uma razão exclusiva de viver. Muito diferente é a atitude da mulher apaixonada, que vive apenas para o amor e só pensa no amor, toda a sua vida se construindo em função do amado, único e exclusivo fim de sua existência (LIPOVETSKY, 2000, p. 22).

Para elas, por mais que os relacionamentos amorosos com frequência ganhem menos importância do que a manutenção do lar e a criação dos filhos, “são raras as mulheres que não sonham com o ‘grande amor’, raras são as que, em algum momento de sua vida, não exprimiram seu amor pelo amor. Afirma-se na mulher uma necessidade de amar mais constante, mais dependente, mais devoradora que no homem” (LIPOVETSKY, 2000, p. 22). Ainda que o ideal amoroso seja partilhado pelos dois gêneros, é a assimetria da relação de ambos com o sentimento que estrutura a sua constituição.

Mas o que justifica o superinvestimento feminino no amor, mesmo com todas as conquistas das mulheres no último século? Lipovetsky explica que, embora antes a justificativa dada à predileção feminina pelo sentimento era porque seu papel social era “marcado pela

dependência, pelo encerramento doméstico, pela impossibilidade de se superar em projetos superiores” (LIPOVETSKY, 2000, p. 45), o que as levavam a construir expectativas de salvação e completude através dos relacionamentos amorosos, essa devoção se mantém pois essas relações ainda atuam como o meio para se sentirem reconhecidas e valorizadas, “como uma subjetividade insubstituível, com tudo o que isso implica de satisfações narcisísticas” (LIPOVETSKY, 2000, p. 47).

As expectativas femininas pela paixão se enraízam no “desejo de superar a condição de ser relativo assumindo uma condição de dependência afetiva radical” (LIPOVETSKY, 2000, p. 46); através do amor, elas alcançam o “reconhecimento de seu direito a exercer certa dominação sobre os homens, porque preconiza comportamentos masculinos que levam mais em consideração a sensibilidade, a inteligência e a livre decisão das mulheres” (LIPOVETSKY, 2000, p. 46). Mesmo quando fadadas ao ambiente doméstico e à dependência econômica de seus parceiros, é através do amor romântico e de todas as dinâmicas do relacionamento que as mulheres são alçadas a algum poder e reconhecimento: “por meio do amor, a mulher visa a um reconhecimento e a uma valorização de si como pessoa individual, insubstituível. Ei-la enaltecida, distinta das outras, escolhida por si mesma e por suas ‘qualidades’ singulares” (LIPOVETSKY, 2000, p. 47).

Ainda hoje essa importância feminina dada ao amor se mantém, porque o sentimento se tornou “compatível com projetos de autonomia individual e com possibilidades de compromisso profissional e social” (LIPOVETSKY, 2000, p. 49) — ou seja, não é mais preciso abdicar à nada, podendo manter ao mesmo tempo as aspirações profissionais, românticas, acadêmicas, familiares e outras. O amor atualizado para a sociedade contemporânea se mantém como “a promessa de plenitude da vida ao mesmo tempo que experiência intensa da unicidade do eu” (LIPOVETSKY, 2000, p. 49). Não mais visto como um dispositivo do passado, feito para aprisionar as mulheres no lar, como ocorria até meados do século XX, o apreço feminino pela cultura amorosa se adequou “às aspirações de liberdade e de realização íntima” (LIPOVETSKY, 2000, p. 49). Ao que Lipovetsky afirma:

Assim se dão a ver as duas tendências contraditórias que organizam a relação privilegiada da mulher com a paixão romanesca. Uma se inscreve na continuidade do imaginário tradicional que destina a mulher à dependência do outro, ao desapossamento subjetivo, à renúncia de si. A outra abre caminho a um reconhecimento da autonomia feminina, à posse de si. De um lado, teve continuidade uma lógica milenar de renúncia de si; do outro, exprimiu-se uma exigência moderna de reconhecimento individual, de valorização de si, de intensificação da vida subjetiva e intersubjetiva. O culto feminino do amor deve ser interpretado como um

impulso dos valores modernos, fiel, porém, à lógica da divisão tradicional dos sexos (LIPOVETSKY, 2000, p. 47).

Ou seja, embora muitas vezes acompanhado de uma servidão feminina diante do reconhecimento masculino, o amor encarna também a paixão individualista pela própria vida, pelas conquistas e realizações de desejos pessoais. O autor reforça ainda que esse “apego privilegiado das mulheres ao amor” (LIPOVETSKY, 2000, p. 50) não é um resquício que será eliminado com o tempo, em prol de uma dinâmica igualitária entre os gêneros, uma vez que “é a partir do próprio interior da cultura moderna da autonomia e de seu apelo a uma vida livre, intensa, personalizada que se prolonga a valorização feminina do amor, a assimetria homem-mulher em relação ao amor tem mais possibilidade de perdurar do que de se desfazer” (LIPOVETSKY, 2000, p. 50). Com isso, entendemos que a relação feminina com o sentimento é uma tradição viva reapropriável e em constante atualização, “uma fonte inesgotável de sentido intensificando a vida, reconciliando a autonomia subjetiva com a intersubjetividade passional” (LIPOVETSKY, 2000, p. 50), o que assegura a manutenção desse apego da mulher ao amor.

Embora pareça uma escolha ativa da mulher contemporânea, a importância feminina dada ao amor não é uma propensão nata. Segundo Illouz,

É banal dizer que a divisão e a distinção mais fundamentais que organizam quase todas as sociedades do mundo — a divisão e a distinção que existem entre homens e mulheres — baseiam-se nas culturas afetivas (e se reproduzem através delas). Ser um homem de caráter exige que o indivíduo demonstre coragem, racionalidade fria e agressividade disciplinada. A feminilidade, por outro lado, requer bondade, compaixão e otimismo. A hierarquia social produzida pelas divisões de gênero contém divisões afetivas implícitas, sem as quais homens e mulheres não reproduziriam seus papéis e identidades. E essas divisões, por sua vez, produzem hierarquias afetivas, segundo as quais a racionalidade fria costuma ser considerada mais confiável, objetiva e profissional do que, digamos, a compaixão. Por exemplo, o ideal de objetividade que domina nossa concepção das notícias ou da justiça (cega) pressupõe essa prática e esse modelo masculinos de autocontrole afetivo. Os sentimentos, portanto, organizam-se hierarquicamente, e esse tipo de hierarquia afetiva, por sua vez, organiza implicitamente os arranjos morais e sociais (ILLOUZ, 2011, p. 11).

Essa forma de organização da sociedade é sustentada pelo patriarcado, sistema social que conserva o poder primário dos homens sobre as mulheres. De acordo com hooks, o patriarcado está no berço da recusa masculina ao amor e da feminilidade adotada por elas em busca do reconhecimento amoroso. “Ainda que tantos meninos sejam ensinados a se

comportar como se o amor não importasse, em seu coração, anseiam por ele. Esse anseio não se dissipa simplesmente porque eles se tornam homens” (HOOKS, 2020, p. 82). Assim, ao abraçarem o patriarcado e os ideais criados para a masculinidade, esses homens “precisam abandonar ativamente o desejo de amar” (HOOKS, 2020, p. 82). O patriarcado, ao mesmo tempo em que distancia os homens de sua identidade e seus verdadeiros anseios, faz com que as mulheres também sejam socializadas para mentir e se fantasiar dos ideais da “feminilidade patriarcal — que insiste que as mulheres deveriam agir como se fossem fracas, incapazes de pensamento racional, burras, tolas” (HOOKS, 2020, p. 85).

Segundo Wittig, há uma ordem de pensamento que rege a realidade social: o pensamento hétero, que é responsável por desenvolver uma interpretação totalizante da história e de todos os fenômenos sociais e subjetivos. A ordem do pensamento hétero é a-histórica e se aplica a todos os indivíduos, em todas as sociedades, tomando a diferença entre os gêneros como uma doutrina política e filosófica. Assim, seria impossível conceber uma sociedade não ordenada pela heterossexualidade, uma vez que ela rege não só as relações sexuais, mas a produção de conceitos e todos os processos interacionais. Essa obrigatoriedade é revestida de mitos, enigmas e metáforas, incluindo o discurso do amor romântico, de forma a suavizar o processo, refinar a opressão e tornar mais palatável o “serás-hétero-ou-não-serás” (WITTIG, 1978, p. 4). A autora aponta ainda para a existência de um inconsciente heterossexual, responsável por proteger aqueles que se beneficiam da relação de poder estabelecida.

Em seu livro, hooks reafirma que “As mulheres, independentemente dos nossos traumas de infância, recebemos apoio cultural para cultivar um interesse pelo amor” (HOOKS, 2020, p. 185). As mulheres são conduzidas pelo pensamento patriarcal a acreditar que cabe a elas cumprir o papel de cuidadoras e amorosas, e são ensinadas desde a infância a prestar os cuidados básicos ao outro, seja à família, às crianças ou ao parceiro amoroso. “Nós recebemos orientações sobre como sermos empáticas, como cuidar e, o mais importante, como ouvir” (HOOKS, 2020, p. 188), exemplifica hooks. Mas isso não quer dizer, como reforça a autora, “que sejamos mais equipadas emocionalmente do que nossos semelhantes do sexo masculino para fazer o trabalho amoroso” (HOOKS, 2020, p. 186), mas que somos obrigadas a tal desde a infância.

Rich denomina esse sistema opressor como “heterossexualidade compulsória” (RICH, 1982, p. 5), e lembra que as mulheres são a fonte primária de cuidado emocional para ambos os sexos, mas que as meninas têm a busca por afeto redirecionada rumo à heterossexualidade a

partir da puberdade. Ao caminhar para a fase adulta, a identificação feminina migra para os homens e as relações estabelecidas com outras mulheres passam a ser secundárias, depositando neles a lealdade intelectual, política e social. Barry explica: “A identificação com os homens é o ato por meio do qual as mulheres colocam os homens acima das mulheres, inclusive de si mesmas, em credibilidade, status e importância na maioria das situações, desconsiderando a qualidade comparativa que as mulheres possam trazer para a situação” (BARRY, 1979, p. 172 apud RICH, 1982, p. 16 e 17). Tal como na Síndrome de Estocolmo, a identificação com o masculino seria semelhante a participar ativamente do processo de colonização do feminino, ao internalizar os valores do colonizador como primordiais.

Segundo Rich, uma série de mecanismos de força simbólica e física são empregados durante o crescimento da mulher para que ela abdique à identificação entre suas semelhantes em prol da submissão ao reconhecimento masculino. A idealização do par romântico heterossexual nas artes e mídia, a instituição do casamento, a mutilação genital e a prostituição, por exemplo, são empregadas para garantir a manutenção da heterossexualidade, uma vez que é necessário conservar tal conduta para manter a hierarquia estabelecida entre os sexos. A existência LGBTQIAPN⁴, ou qualquer outro comportamento desviante, não são apenas negados ou anulados, mas submetidos a inúmeras violências que visam banir a sua propagação e convencer de que o caminho hétero é o único possível, mesmo sendo opressivo e não satisfatório. Dessa forma, a heterossexualidade compulsória é o meio de assegurar o direito masculino de livre acesso sexual, emocional e econômico às mulheres. Ou seja, a suposição de que a heterossexualidade é inata às mulheres não passa de um engodo, uma vez que esta sexualidade é “algo que tem sido imposto, administrado, organizado, propagandeado e mantido por força” (RICH, 1982, p. 19), não as permitindo seguir outros roteiros.

Os discursos cultural e midiático têm papel importante na conservação da heterossexualidade compulsória e na divulgação do mito do amor romântico, responsável por tornar a opressão de gênero mais admissível. Segundo Lipovetsky, na contramão das conquistas de autonomia, no século XX a devoção feminina ao amor foi intensificada pelo crescimento de produtos voltados para o público, como as revistas femininas, os romances água-com-açúcar e as fotonovelas.

Todas essas publicações difundiram em grande escala o ideal romântico feminino, as virtudes de fidelidade e de virgindade, a imagem da ‘mulher-Cinderela’ esperando a realização de si com a chegada de um homem extraordinário. Os estereótipos do

⁴ Sigla que abrange a identidade de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexo, assexuais/agênero/arromânticas, pansexuais, não-binárias e mais.

romantismo sentimental, os clichês do amor à primeira vista, as cenas de castos abraços, de suspiros e olhares inflamados, os sonhos do homem carinhoso e rico se tornaram no século XX uma evasão e um consumo feminino de massa (LIPOVETSKY, 2000, p. 26).

O esforço dessas produções tem uma função importante de generalizar a sentimentalidade feminina e difundir uma ideologia que conecta a felicidade para as mulheres à realização amorosa. Essas tentativas, como podemos entender, estão atreladas às liberdades conquistadas pelas mulheres naquelas décadas: para fazer com que continuem submissas ao masculino recorreu-se mais uma vez às narrativas culturais, modernizando os discursos para se adaptarem à nova realidade, uma vez que a dependência econômica já estava sendo superada.

Del Priore evidencia que, até meados do século XX, o discurso das publicações voltadas para mulheres ainda conservava o ideal do lar para a figura feminina e da vida pública para os homens. As abordagens mudaram, mas a essência da submissão ao masculino continuou a mesma. A autora aponta que “O casal continua a ser o ponto de referência, nele o homem — como dantes — é o juiz por meio do qual as mulheres são avaliadas. Ele é o objetivo, a razão de ser da mulher” (DEL PRIORE, 2012, p. 108). Diante do desmoronamento da figura da rainha do lar, na segunda metade do século XX, a mulher se angustia com a inserção no mercado de trabalho, o cuidado com os filhos e por não ter encontrado a felicidade prometida pelo casamento. Já para as “mulheres que abraçaram a revolução da pílula” (DEL PRIORE, 2012, p. 308), as narrativas que as auxiliam a penetrar a esfera pública e se inserir no mercado de trabalho e no mundo intelectual reforçam a necessidade de fazê-lo através da aparência bem cuidada e sedutora.

[...] a existência da mulher depende da comprovação masculina. Por isso, ela tem de concentrar sua energia em agradá-lo, servi-lo, satisfazê-lo. Fora disso não há salvação. As relações amorosas passam, pois, por excessivos cuidados com a aparência, o peso, a beleza, a maneira de vestir. Elas se fazem à custa de esforços para tomar conta da melhor forma do “seu” homem — do estômago aos problemas cardíacos; essas revistas bombardeiam métodos eficientes para “agarrar e manter”, é óbvio, o dito cujo. As mulheres investem na busca de um “casamento feliz” (DEL PRIORE, 2012, p. 309).

Da submissão explícita aos discursos sutis e velados, ao longo do século XX até as décadas atuais, os ideais de amor para as mulheres continuam dependentes do reconhecimento e da submissão aos homens.

Simões explica que a emancipação feminina modificou a divisão do trabalho não só na esfera pública, mas também no interior da família: “a mulher penetra cada vez mais no mercado de trabalho, sendo também responsável por prover o sustento da família. Ao homem, é reservada a tarefa adicional de se preocupar com os filhos e o bom funcionamento dos afazeres domésticos” (SIMÕES, 2004, p. 86). Já no contexto da sexualidade, as liberdades conquistadas pelas mulheres no século XX, como o controle sobre a própria natalidade e o início de uma dissociação entre sexo e casamento, teriam tornado a prática “descentralizada, liberta das necessidades de reprodução e desvinculada também das fronteiras que a encerravam dentro do casamento” (SIMÕES, 2004, p. 87). Segundo a psicanalista Maria Rita Kehl, essas mudanças intensas nas significações dos gêneros parecem “ter deslocado os significantes do masculino e do feminino a tal ponto que vemos caber aos homens o papel de narcisos frígidos e às mulheres o de desejanças sempre insatisfeitas” (KEHL, 1996, p. 23). Já não haveria mais espaço para amores fatais vindos do masculino, ou homens que arrisquem a vida “pela utopia do amor de uma mulher. O amor da mulher foi deixando de ser utopia para se tornar fato corriqueiro: são as grandes amorosas que se matam, então, ao descobrir que seu dom mais precioso perde parte do valor, justamente na medida em que é dado” (KEHL, 1996, p. 24).

Segundo a autora, “O deslocamento das posições tradicionais promovido pela modernidade tornou impossível que a mulher permanecesse como ‘o outro do discurso’, isto é, objeto dos discursos produzidos pelos homens” (KEHL, 1996, p. 249). Ao longo do século XX, há uma passagem da mulher para a posição de sujeito, mas esta não se dá sem conflitos. Ao mesmo tempo em que as mulheres vinham, desde o final do século XIX, manifestando insatisfação com as posições tradicionais femininas e reivindicando o acesso a direitos considerados masculinos, ao produzirem um discurso próprio, adotaram o papel de vítimas. “O discurso da vítima, que carrega evidentemente uma verdade histórica, representa a posição de objeto para o outro — no caso, os homens — ao mesmo tempo em que reivindica autonomia, independência, respeito, difíceis de se obter até que as mulheres abram mão das vantagens do vitimismo” (KEHL, 1996, p. 250). Para ocupar o lugar de sujeitas seria necessário, então, arcar com as consequências dessa escolha. No entanto, a aproximação de poder entre homens e mulheres reativa, segundo Kehl, “o velho horror à castração” (KEHL, 1996, p. 250).

Não só na mulher, quando ela se torna muito acessível e elimina os véus de mistério que encobrem a falta. A aproximação entre os campos masculino e feminino também confronta o homem com sua própria castração, além de revelar a fragilidade do que se considera a posição masculina. A virilidade dos homens depende, sim, de uma certa passividade, de uma certa submissão por parte das mulheres (KEHL, 1996, p. 250).

Com isso, se as reivindicações femininas movimentaram a construção da sociedade atual, as demandas masculinas continuaram as mesmas: “eles continuam demandando que as mulheres fiquem longe o suficiente para ser desejadas. E que ao se aproximarem, mantenham ao menos um certo recato que os proteja daquilo que eles definitivamente não querem saber” (KEHL, 1996, p. 250 e 251). Por fim, a autora aponta que, no período contemporâneo, as demandas de mudanças defendidas pelas mulheres desde a Revolução Francesa finalmente foram cumpridas, como a inserção no mercado de trabalho, independência financeira, domínio da vida pública, liberdade sexual e controle sobre a própria fertilidade. Porém, “tudo isso promoveu uma tal desterritorialização nas relações entre homens e mulheres, que durante muito tempo ainda teremos de lidar com as crises que ela produziu” (KEHL, 1996, p. 251).

Isso significa que a conquista da autonomia feminina alterou não só os costumes, mas as insígnias que definem a feminilidade e a masculinidade. Frente à crescente anulação das diferenças entre homens e mulheres,

é do reconhecimento amoroso que o homem ainda pode privar a mulher, esta que parece não se privar de mais nada, não se deter mais no gozo de suas recentes conquistas. Mas não se imagine que o homem o faz (apenas) por cálculo vingativo. É que ele já não consegue reconhecer esta mulher tão parecida consigo mesmo, na qual também odiaria ter que se reconhecer (KEHL, 1996, p. 28).

Lidar com o que se assemelha a um mundo externo às máscaras criadas pelo patriarcado, como elas tanto almejavam, não se mostrou uma missão fácil. hooks relembra que no início da segunda onda do feminismo, “as mulheres falavam abertamente sobre nossa vontade de conhecer melhor os homens, de amá-los pelo que eles realmente são” (HOOKS, 2020, p. 90) e também de serem amadas pelo que são, “em vez de sentir que precisamos nos transformar em seres de fantasia para nos tornarmos objeto do desejo masculino” (HOOKS, 2020, p. 90). Entretanto, “quando os homens começaram a compartilhar seus pensamentos e sentimentos, algumas mulheres não conseguiram lidar com isso. Elas queriam as velhas mentiras e fingimentos de volta” (HOOKS, 2020, p. 90). Kehl explica que, com a liberdade sexual, as mulheres almejam ocupar a mesma condição de desejantes que os homens. Contudo, isso as coloca em um lugar inédito de responsabilidade:

Ganha-se a possibilidade da escolha, ou melhor, das escolhas sexuais. Perde-se em compensação o lugar da narcisista que nada deseja e existe para ser desejada, que tanto poder de atração parece ter sobre os homens. A brecha do desejo responsabiliza

sexualmente a mulher, como um dia responsabilizou o homem. Ninguém diz ‘eu quero/eu desejo’ sem se expor aos rigores e riscos da lei; assim como ninguém diz ‘eu desejo’ sem se expor às determinações do campo social (KEHL, 1996, p. 67 e 68).

Ao encarar as verdadeiras emoções de seus parceiros, muitas pessoas têm dificuldade para lidar com o que não está de acordo com as próprias fantasias e expectativas. “Quando ouvimos os pensamentos, os sentimentos e as crenças de outras pessoas, é mais difícil projetar nelas nossas percepções sobre quem são” (HOOKS, 2020, p. 91), explica hooks. Kehl complementa que, ao colocar o próprio desejo em cena, a mulher ficou sujeita à lei do desejo do outro e passou a competir em um terreno tradicionalmente masculino, colocando o homem na posição de narcisista. Para a autora, esse desconforto de dividir o lugar do desejo é um terreno fértil a ser explorado:

Que a mulher lhe revele seu desejo, que ele experimente cada vez com mais frequência o lugar do desejado, que o preço do desejar venha sendo dividido entre homens e mulheres — são privilégios dos quais o homem ainda não terminou de gozar um tanto sadicamente, como se dissesse à companheira: ‘Você não queria? agora, toma!’, recusando a ela a antiga posição idealizada conferida pela tradição (KEHL, 1996, p. 50).

Essas facetas das dinâmicas entre os gêneros, evidenciadas nas últimas décadas, se mantêm como uma fonte rica de experiências e de disputas mais horizontais de poder, tornando ainda mais maleáveis as diferenças que nos distinguem. Sua exploração, com certeza, provocará mudanças significativas na forma como os papéis de gêneros são estabelecidos, garantindo novas transformações nas práticas do amor.

3.4. Amor em tempos de coronavírus

Compreendendo o papel que o amor tem na vida dos sujeitos contemporâneos, podemos entender porque as medidas de restrição social impostas pela pandemia de Covid-19, o eminente medo da morte e a sensação de insegurança provocados pelo período fizeram com que as pessoas se voltassem para os relacionamentos amorosos para se sentirem mais seguras em um mundo de crescentes incertezas. A noção de enraizamento ontológico, como defendida por Simon May, reverbera no mal estar sentido por aqueles que tiveram que lidar com a pandemia sozinhos, sem a companhia de um parceiro romântico que desse mais sentido à vida, e justifica também o crescimento e popularização dos aplicativos de relacionamentos,

como apresentado no capítulo anterior, a fim de encontrar uma companhia — mesmo que à distância — para enfrentar o período de quarentena. Por outro lado, o excesso de convivência com o parceiro, vivenciado por casais que tiveram que praticar o isolamento social juntos, também evidenciou problemas estruturais no amor romântico e nas disparidades entre os gêneros que ele perpetua, acarretando no aumento significativo no número de divórcios em diversos países e, mais especificamente, no aumento de separações iniciadas por mulheres.

Em suma, a pandemia evidenciou que o amor romântico é uma instituição complexa, e os relacionamentos amorosos foram postos à prova nesse período. Afinal, como salienta Bauman, em um mundo de ampla individualização, “os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência” (BAUMAN, 2004, p. 11). Para aqueles que, ao contrário da solidão sentida por muitos durante a pandemia, tiveram que experimentar uma convivência intensa com o parceiro, o período não foi necessariamente prazeroso. Como aponta um estudo publicado pelas terapeutas de casais e pesquisadoras em relações conjugais Maria Penso e Denise Sena,

Os casais, que até então conviviam por algumas horas do dia e nos finais de semana, passaram a estar juntos por todo o tempo, em um espaço restrito, suas casas. Alguns perderam seu trabalho, outros foram colocados em trabalho remoto, mas, independentemente da situação, foram restritos ao espaço doméstico e a uma convivência diuturna ininterrupta. E somado a tudo isso as incertezas de como será o futuro, a ansiedade a espreita e os lutos que essa situação vem provocando nas pessoas (PENSO; SENA, 2020, p. 155).

Tudo isso fez com que as pessoas tivessem que enfrentar questões como “divisão das tarefas domésticas, acordos sobre local e horário de trabalho de cada um, o silêncio, a privacidade, hora das refeições” (PENSO; SENA, 2020, p. 156), além dos afazeres da casa e cuidados com os filhos. “Todo este contexto pode trazer à tona o machismo patriarcal, incentivado e mantido pela sociedade, em que a casa e os filhos ainda são responsabilidade das mulheres” (PENSO; SENA, 2020, p. 157), reforçam as autoras, que apontam que uma das principais queixas levadas ao consultório pelas mulheres nesse período é a sobrecarga causada pelos cuidados com os filhos e as tarefas domésticas. Para Penso e Sena,

A forma como os casais lidarão com a nova situação que se apresenta é o grande desafio nestes tempos de COVID 19. Intimidade conjugal, vivência da sexualidade, regras, papéis terão de ser equalizados frente a esta nova realidade. Neste momento em que as pessoas estão repactuando suas formas de trabalhar, de serem pais, de

manter as relações sociais e familiares, também será necessário rever a vivência da conjugalidade em suas diferentes dimensões (PENSO; SENA, 2020, p. 157).

As autoras reforçam a tese defendida nesta pesquisa de que a pandemia impactará as relações amorosas. “Sendo a família e o casal subsistemas dentro de um sistema social mais amplo, irá sofrer o impacto deste momento. No entanto, acreditamos ser possível reinventar e adaptar as formas de se relacionar, criando contextos positivos e geradores de relações saudáveis e funcionais” (PENSO; SENA, 2020, p. 162), pontuam.

Outro aspecto evidenciado pela pandemia é a falta de contato físico entre as pessoas. Em uma reflexão sobre como a pandemia afetaria a vida sexual da sociedade, Zizek questionava:

Será, portanto, que a epidemia em curso irá limitar a sexualidade e promulgar o amor enquanto uma admiração distante do ser amado que permanece longe do alcance do toque? A pandemia definitivamente vai alavancar os jogos sexuais sem contato corporal. Com sorte, no entanto, emergirá disso tudo também uma nova apreciação da intimidade sexual (ZIZEK, 2020a).

A crescente adesão a relações virtuais — nas mais diversas formas que elas possam assumir — evidenciam que a pandemia abriu as portas para maneiras mais amplas de experimentar o amor e a sexualidade, para além do contato físico. Illouz explica que “o que torna o romance na rede tão incontestavelmente superior aos relacionamentos da vida real é o fato de que o romance cibernético anula o corpo, e por isso, supostamente, faculta uma expressão mais plena do eu autêntico” (ILLOUZ, 2011, p. 102). Nos ambientes virtuais, segundo a autora, as pessoas se sentem mais seguras com a própria existência e em liberdade para serem elas mesmas, não mais limitadas pelos atributos físicos. A ausência do corpo “permite que os sentimentos evoluam a partir de um eu mais autêntico e fluam para um objeto mais digno, ou seja, o eu verdadeiro e incorpóreo do outro” (ILLOUZ, 2011, p. 103).

Assim, as pessoas que aproveitaram a pandemia e o período de isolamento social para conhecer novos e potenciais parceiros online experimentaram uma inversão de ordem na forma como as interações românticas normalmente acontecem: “se a atração costuma preceder o conhecimento de outra pessoa, na rede o conhecimento precede a atração, ou, pelo menos, a presença física e a corporalização das interações românticas” (ILLOUZ, 2011, p. 107). A autora discorre sobre como funciona a dinâmica em sites e aplicativos de relacionamentos:

Por fim, a internet coloca toda pessoa que está à procura de outra num mercado, em franca competição com outras. Ao se inscrever no site, você se coloca imediatamente numa situação em que compete com outros que lhe são visíveis. Portanto, a tecnologia da internet posiciona o eu de maneira contraditória: faz o sujeito dar uma virada profunda para dentro, isto é, exige que ele se concentre em seu próprio eu para captar e comunicar a essência única que há nele, sob a forma de gostos, opiniões, fantasias e compatibilidade afetiva; por outro lado, a internet também faz do eu uma mercadoria em exibição pública (ILLOUZ, 2011, p. 108).

As pessoas que decidiram buscar novos amores dessa forma tiveram a oportunidade de se conhecerem intimamente de fato antes de se conhecerem pessoalmente, podendo se aprofundar na outra personalidade antes de avançar a relação para um encontro físico que valha enfrentar os riscos da pandemia. Ao mesmo tempo, estavam usando uma plataforma que as coloca em um esquema explícito de competição, fazendo que seja necessário construir uma melhor versão de si em busca de parceiros. Porém, da mesma forma, passaram a ter mais pretendentes disponíveis, podendo desfrutar de uma busca e de interações ilimitadas, ampliando a oportunidade de encontrar um amor durante a pandemia — ou expandindo as possibilidades ao infinito, correndo o risco de nunca se satisfazer.

Por fim, como explica Bauman, os mistérios do amor e da morte, evidenciados pela pandemia, andam juntos: “não se pode aprender a amar, tal como não se pode aprender a morrer. E não se pode aprender a arte ilusória — inexistente, embora ardentemente desejada — de evitar suas garras e ficar fora de seu caminho” (BAUMAN, 2004, p. 22). hooks complementa que “Viver em desamor não é um problema sobre o qual reclamamos aberta e prontamente. Contudo, a realidade de que vamos todos morrer cria grande preocupação, medo e angústia” (HOOKS, 2020, p. 222). Assim, lidar com a angústia de uma crise sanitária e o crescente número de mortes fez com que muitas pessoas buscassem algo também angustiante para aliviar: o amor. Ou que se sentissem ainda mais desamparadas com a solidão, como se não fosse mais possível superar este estado. Talvez, muitos procurassem apenas a sensação de satisfação imediata para o desconforto de um mundo em pandemia; outros, entretanto, poderiam estar em busca de um sentido maior para a vida, de alguém para cuidar e de se sentir cuidado em um período de fragilidade. Por fim, como hooks reforça,

O poder transformador do amor não é acolhido totalmente em nossa sociedade, porque com frequência acreditamos, de forma equivocada, que o tormento e a angústia são nossa condição “natural”. Essa presunção parece ser reforçada pela tragédia constante que prevalece na sociedade moderna. Em um mundo angustiado pela destruição desenfreada, o medo prevalece. Quando amamos, não permitimos mais que nosso coração seja aprisionado pelo medo (HOOKS, 2020, p. 248).

O amor — em suas mais diversas formas — pode ser a verdadeira saída para o medo intensificado pela pandemia de Covid-19. No próximo capítulo, é feita a análise de conteúdo das narrativas coletadas na coluna *Modern Love*, a fim de verificar como a pandemia afetou os relacionamentos amorosos dos viventes desse período.

4. Análise

A partir do referencial teórico abordado nos capítulos anteriores e do problema de pesquisa já apresentado — a saber, “quais testemunhos de caráter afetivo têm sido produzidos por e sobre os viventes da pandemia de Covid-19 e o que essas narrativas revelam sobre como as relações amorosas foram afetadas pela pandemia?” — neste capítulo trataremos a parte prática da pesquisa que desenvolvi ao longo do mestrado. Serão apresentados em detalhes, nos subcapítulos que se seguem, o objeto de análise, a metodologia utilizada, a análise realizada e os resultados encontrados.

Para propor esta pesquisa, parto da hipótese de que a pandemia de Covid-19 provocou uma mudança de paradigma no mundo contemporâneo, estabelecendo uma realidade pré-pandemia e uma nova sociedade pandêmica, transformada pelos modos de sobrevivência que tivemos que adotar durante esse momento. Por isso, a hipótese que irei investigar é de que a pandemia afetou também os modos de se relacionar romanticamente, devido ao período de isolamento social, às medidas de seguranças adotadas para evitar o contágio da doença e à crescente presença virtual para manter as interações sociais. Partindo dessa hipótese, quero verificar quais transformações ocorreram nos modos de se relacionar devido à pandemia e o que os viventes desse acontecimento produziram de relatos sobre esse período.

Tomei como objeto de análise as narrativas publicadas na coluna *Modern Love*, do jornal *The New York Times*, desde que a pandemia de Covid-19 foi primeiramente abordada no veículo, em 27 de março de 2020, até o dia em que a OMS declarou o fim da emergência de saúde pública em âmbito global, em 5 de maio de 2023, selecionando como recorte os materiais que combinem as temáticas pandemia de Covid-19 e vida amorosa e que trazem depoimentos sobre como a vida pessoal de quem escreveu o texto foi afetada por esse acontecimento. Apesar de a pandemia ter sido uma presença marcante no jornal em 2020 e não ter pautado tanto os textos publicados na coluna nos anos seguintes, optei inicialmente por manter um recorte temporal de três anos, que foi posteriormente prorrogado até o fim do estado de emergência global, a fim de perceber se o tema passou a ser abordado com uma distância temporal do acontecimento, e se a coluna pautou, de alguma forma, as mudanças percebidas após o arrefecimento da doença.

Para manejar o material coletado, foi escolhido trabalhar com a metodologia de análise de conteúdo, por ser uma técnica eficiente para lidar com um *corpus* extenso e por integrar elementos quantitativos e qualitativos, a fim de que “se compreenda não somente o

significado aparente de um texto, mas também o significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido” (HERSCOVITZ, 2008, p. 126). A autora cita Lasswell (1927; 1936) para explicar que esta metodologia descreve com precisão o que é dito sobre determinado tema em um tempo e espaço específico. Dessa forma, a metodologia se faz eficiente para que seja analisado o que as narrativas que estão sendo construídas sobre a pandemia revelam sobre como este fenômeno impactou a vida amorosa de seus viventes.

4.1. Objeto de análise

Como já mencionamos ao longo da dissertação, o objeto de análise escolhido para a pesquisa é a coluna *Modern Love*, do jornal *The New York Times*. Criada e editada pelo jornalista Daniel Jones, a coluna publica semanalmente crônicas da vida real sobre amor e relacionamentos contemporâneos escritos por leitores do jornal. As histórias são publicadas sempre às sextas-feiras no site e aos domingos no impresso, e a coluna se tornou uma das seções mais lidas do *The New York Times*, acumulando milhões de leitores e se consagrando como uma “fuga” das notícias presentes no jornal (GAMA REVISTA, 2021). A escolha pelo material empírico foi feita levando em consideração a relevância histórica tanto do jornal quanto da coluna, o impacto internacional causado pelas histórias publicadas e a forma como as histórias tratam do amor contemporâneo de maneira global, sem ter um recorte enviesado em alguma temática ou problemática específica.

Criado em 1851, o jornal diário *The New York Times* é publicado pela *The New York Times Company* e se mantém como um dos veículos mais tradicionais do mundo. O jornal é organizado nas seções *World*, *U.S.*, *Politics*, *N.Y.*, *Business*, *Opinion*, *Science*, *Health*, *Sports*, *Arts*, *Books*, *Style*, *Food*, *Travel*, *Magazine* e *Real Estate* (THE NEW YORK TIMES, 2023a). Em 2020, início do período de análise desta dissertação, o jornal alcançou a marca de 7,5 milhões de assinantes, somando 6,6 milhões de assinaturas digitais, com o crescimento de 2,3 milhões de assinantes no ano, e 833 mil assinaturas do impresso, tendo a versão digital ultrapassando pela primeira vez a receita gerada pelo impresso (THE NEW YORK TIMES, 2020b; 2021c). No segundo trimestre de 2020, período que marca o início da pandemia nas Américas, o jornal alcançou o maior crescimento já registrado, com 669 mil novos assinantes da versão digital. “O aumento das assinaturas digitais no trimestre provavelmente esteve relacionado ao forte interesse pelas notícias sobre a pandemia, os protestos generalizados

contra o racismo e a violência policial iniciados em maio e a campanha presidencial de 2020” (THE NEW YORK TIMES, 2020c, tradução nossa), afirma a publicação. Em 2023, o The New York Times começou o ano com a marca de 9,6 milhões de assinantes (THE NEW YORK TIMES, 2023b), sendo o 4º site de notícias mais acessado do mundo (PRESS GAZETTE, 2023). Segundo o mídia kit do jornal, a versão digital recebe 123 milhões de visitantes mensais, sendo 61% dos leitores pertencentes às gerações Z e millennial (nascidos entre 1981 e 2010); já a versão impressa tem a projeção de 8,2 milhões de leitores, sendo 42% deles pertencentes às gerações supracitadas (THE NEW YORK TIMES ADVERTISING, 2023).

A temática de relacionamentos amorosos sempre figurou nas páginas do jornal, mas antes do surgimento da coluna *Modern Love*, a abordagem era diferente, com mais regras de comportamento e menos personalidade. Na matéria “In the Archives, Finding Love (Stories)” (DITROLIO, 2023), publicada em 14 de fevereiro de 2023 no *The New York Times*, a jornalista Megan DiTrolio faz uma pesquisa nos arquivos do jornal para investigar como a temática foi abordada ao longo do tempo. A jornalista aponta que entre as décadas de 1970 e 1990, os artigos publicados no jornal atualizaram as regras do cortejo, através de matérias que acompanhavam — e por muitas vezes ditavam — os comportamentos na paquera:

Através da história do *The Times*, os jornalistas se aventuraram na arena amorfa do amor e tudo o que vem com ela: namoro, sexo, relacionamentos e casamento. E é fácil, em 2023, refletir sobre algumas das antigas "regras" como duvidosas — e outras como obviamente ridículas. Pode-se argumentar que esses artigos são cápsulas de seu tempo; à medida em que os costumes sociais evoluíram, a cobertura deles também (DITROLIO, 2023, tradução nossa).

No início do novo século, a jornalista conta que a publicação percebeu a necessidade de se modernizar e passar a ter uma abordagem menos pragmática e mais pessoal quanto à temática do amor, visando capturar melhor as diferentes facetas que os relacionamentos amorosos podem assumir, ao invés de ditar regras sobre sexo e relacionamentos a partir da visão de jornalistas (DITROLIO, 2023). Foi a partir dessas mudanças e do desejo de abordar assuntos da vida íntima de maneira mais relacionável que surgiu a coluna *Modern Love*, em 2004.

Uma grande mudança ocorreu em 2004, quando a editoria *Style* trouxe Daniel Jones para liderar uma nova coluna, a *Modern Love*. Jones e sua esposa, Cathi Hanauer, haviam cada um editado um livro de ensaios sobre casamento, o dela da perspectiva feminina e o dele masculina. Os ensaios foram “ousados, controversos e explícitos”, disse Jones em entrevista, e o *Times* queria se envolver nesse tipo de material convidando pessoas para escrever sobre suas vidas amorosas (DITROLIO, 2023, tradução nossa).

Ainda segundo DiTrollo, a coluna se tornou um sucesso por causa da vulnerabilidade dos escritores, que abordam as complicações do amor e compartilham as próprias experiências e aprendizados, além de ter dado espaço para explorar temáticas que antes eram consideradas tabus (DITROLIO, 2023).

Em entrevista à revista *Gama*, o editor Daniel Jones conta que o convite foi feito para que ele e a esposa editassem a coluna juntos, mas o casal não achou que o trabalho demandava duas pessoas e, como Hanauer estava comprometida com a edição de outro livro, Jones assumiu sozinho a coluna (GAMA REVISTA, 2021). A princípio, pensou que o projeto da coluna perduraria no jornal por um ou dois anos, mas se surpreendeu com a aceitação do público ao formato, motivo pelo qual a coluna se mantém a quase 20 anos como conteúdo fixo semanalmente no jornal (GAMA REVISTA, 2021). “O que tem trazido vitalidade à coluna desde então é esse tipo de história poderosa, nua e crua que você não costuma ler no jornal ou em qualquer outro lugar. Se bem contada, faz as pessoas pensarem em suas próprias experiências de perda ou alegria” (GAMA REVISTA, 2021), conta o editor.

Comparando as mudanças percebidas nessas quase duas décadas de coluna, Jones afirma que é possível notar muitas diferenças, como o surgimento e popularização dos aplicativos de namoro, a legalização do casamento entre pessoas do mesmo gênero e os avanços nas conquistas de direitos por pessoas LGBTQIAPN+, especialmente transexuais (PRO TV, 2023). Essas mudanças sociais e tecnológicas são, para o editor, as mais perceptíveis nessas duas décadas, e refletem as mudanças de comportamento percebidas também através da coluna. “Aplicativos de namoro se tornaram tão comuns que parece que eles sempre existiram, que sempre tivemos centenas de estranhos em nossos telefones o tempo todo, bastava escolher e combinar. Menos de 20 anos atrás, esse não era o caso” (GAMA REVISTA, 2021), comenta. Para ele, a transformação na forma como nos comunicamos e conhecemos pessoas faz com que não confiemos nos outros como antes, além de termos que criar perfis a partir do que queremos assumir e o que queremos esconder, o que tem gerado pessoas mais frustradas e insatisfeitas com essa lógica (GAMA REVISTA, 2021). Assim, Jones acredita que as histórias mudaram a medida em que o mundo mudou, e que seu objetivo é “fazer com que a coluna reflita isso, para que a ela seja o noticiário sobre como vivemos a vida amorosa hoje, e é isso que guiou a coluna ao longo do tempo” (UVA TODAY, 2021, tradução nossa). Ou seja, ao trazer a temática da pandemia para a coluna, o editor tem a

intenção de noticiar e registrar as mudanças que esse fenômeno causou aos relacionamentos amorosos.

Mas o que define um amor moderno? Jones explica:

[...] a seção de estilo do jornal, especificamente, é sobre tendências contemporâneas. O que as pessoas estão fazendo agora que não estavam fazendo no ano anterior? Algumas histórias que contamos poderiam ter acontecido há dez anos. Nesse caso, é importante que tenha sido recente, mesmo que não seja especificamente sobre tecnologia. Procuramos justificar ambas as palavras do título. Então precisa se encaixar na palavra moderno, quer tenha acontecido recentemente, quer seja um comentário sobre como amamos ou nos comunicamos de forma diferente hoje. A palavra amor nós interpretamos de forma muito ampla, significando qualquer coisa sobre laços humanos. Algumas das histórias mais poderosas são sobre relacionamentos entre pais e filhos, laços de sangue que podem ser alegres ou devastadores. As palavras romance e amor costumam ser usadas como sinônimos, o que acho um desserviço. O amor é uma emoção muito mais profunda, complicada e sombria. O romance é como uma dança divertida que pode te levar ao amor, mas as duas coisas não são comparáveis (GAMA REVISTA, 2021).

Assim, podemos entender que amor, comunicação e tecnologia são os fios condutores que amarram as histórias publicadas na coluna. Jones aponta ainda que a maior parte do público de *Modern Love*, em todos os formatos, são mulheres jovens, que são atraídas por textos que abordam as várias fases de um relacionamento, mas que o que costuma atingir mais o público são os textos que abordam a perda de uma pessoa amada (GAMA REVISTA, 2021).

A coluna é um espaço bastante disputado por escritores e, segundo fontes, paga US\$ 500,00 por texto publicado (CREATIVE WRITING NEWS, 2020). O próprio jornal publica regularmente manuais com instruções e dicas de como submeter um texto para a coluna. Segundo os editores,

Buscamos histórias verdadeiras sobre encontrar amor, perder amor e tentar manter o amor vivo. Recebemos ensaios que exploram assuntos como adoção, poliamor, tecnologia, raça e amizade — qualquer coisa que possa se encaixar razoavelmente no título “*Modern Love*”. Idealmente, os ensaios devem surgir de algum dilema central que você enfrentou. É útil, mas não essencial, que a situação reflita o que está acontecendo no mundo agora. (THE NEW YORK TIMES, 2023c, tradução nossa)

Os dilemas e o reflexo de acontecimentos contemporâneos são dois traços que marcaram muito a abordagem que a coluna fez da pandemia, como veremos ao longo deste capítulo. Os editores sublinham ainda que as experiências individuais com o sentimento podem variar muito e ser moldadas por fatores como raça, classe, gênero, deficiência, sexualidade, religião e cultura, e incentivam que pessoas racializadas, indígenas, membros da comunidade

LGBTQIAPN+ e moradores de outros países submetam suas histórias. Dentre as condições de submissão, é necessário que o texto tenha entre 1.500 e 1.700 caracteres, seja inédito e inteiramente verdadeiro, sem o uso de pseudônimos, personagens ou cenas inventadas — vale ressaltar que as histórias passam por checagem de fatos antes de serem publicadas. O jornal reforça também que o texto será posteriormente editado, em trabalho conjunto com o autor, e que todas as submissões serão respondidas em até três ou quatro meses com o aceite ou recusa (THE NEW YORK TIMES, 2023c).

A publicação trabalha com duas janelas de submissão: de março a junho e de setembro a dezembro, e o número de redações que o editor alega receber varia nas diversas entrevistas que li. Para a *Gama*, Jones afirmou receber cerca de 12 mil redações por ano — ou de 200 a 250 por semana —, e que o trabalho de filtrar os textos e selecionar os que têm potencial de serem publicados é dividido entre ele e a editora Miya Lee (GAMA REVISTA, 2021). Por causa do volume extenso, nem todas as histórias são lidas na íntegra, mas são analisadas em busca de dois elementos:

Procuramos emoção e inteligência. E, sinceramente, ambos são muito fáceis de detectar desde o início. Todo mundo tem uma história. Todo mundo se separou, perdeu ou encontrou alguém em algum momento. Mas você é capaz de dar sentido à sua forma de comunicar algo a outras pessoas? Consegue passar alguma sabedoria sobre como funcionam relacionamentos? É isso que procuramos, esses pequenos reflexos de compreensão. Buscamos uma história que seja sincera e talvez divertida, mas precisa ter uma perspectiva que pareça nova. E isso é muito raro (GAMA REVISTA, 2021).

Esse é possivelmente o segredo do sucesso da coluna, e o que a fez se manter perene como conteúdo fixo do jornal. Desde a criação da coluna no *The New York Times*, a proposta foi adaptada para mais uma coluna semanal (além de *Modern Love*, a coluna *Tiny Love Stories*, com quatro contos de até 100 palavras), três livros, um *podcast* semanal, eventos ao vivo e uma série televisiva no streaming *Amazon Plus*, que ganhou também *spin offs* internacionais em cinco línguas: hindi, telugu, tâmil, japonês e holandês (UVA TODAY, 2021; THE NEW YORK TIMES, 2022). Alguns dos textos publicados na coluna figuram entre os conteúdos mais lidos na história do jornal, somando milhões de acessos ao longo dos anos — como a história “*To fall in love with anyone, do this*” (THE NEW YORK TIMES, 2015), publicada em janeiro de 2015, que traz a aplicação de um experimento psicológico e, devido ao sucesso, foi adaptada para livro e a autora vendeu os direitos para um filme (GAMA REVISTA, 2021).

4.1.1. *Modern Love* em tempos de pandemia

Enquanto conteúdo de jornalismo frio, a coluna tem também a função de ser um respiro no jornal, apresentando, na maioria das vezes, histórias emocionantes e bem humoradas que não necessariamente se relacionam com as notícias publicadas naquele período. Essa era a função que o editor atrelava ao espaço até a chegada da pandemia, quando transformações tão intensas na vida pública e privada, ocorridas em tão pouco tempo, alteraram também a forma de trabalho e o olhar editorial de Jones. Em entrevista, o editor comentou sobre as mudanças percebidas nesse período:

A coluna nunca seguiu realmente o ciclo de notícias. Pensamos nela como algo que vai contra a corrente. Algumas pessoas vão acompanhar as notícias e outras vão querer fugir delas. A *Modern Love* costuma ser essa fuga. Então, no início, pensamos em dar às pessoas uma pausa da pandemia, mas logo vimos que tudo que recebíamos era sobre ela. O início da pandemia, especialmente, foi um momento decisivo para muitos relacionamentos. Pessoas ficaram presas juntas por cinco ou seis semanas e tinham que decidir se valia a pena continuar ou simplesmente abandonar o relacionamento. Foi interessante observar esse ajuste de contas para muitos casais. Casais prestes a se divorciar tiveram que continuar juntos por meses. Em alguns casos, isso salvou o relacionamento. Em outros, só confirmou que precisavam se separar mais do que nunca. Foi uma verdadeira panela de pressão, às vezes com resultados positivos, às vezes negativos (GAMA REVISTA, 2021).

Em editorial publicado na seção *Times Insider* do *The New York Times* em 01/05/2020, o editor da coluna discorre sobre “o que *Modern Love* significa em uma pandemia” (JONES, 2020, tradução nossa). Jones começa afirmando que, como editor, vê a coluna como uma “contraprogramação” do jornal, algo que os leitores procuram quando querem um descanso das notícias, e que, no início da pandemia, o entendimento era de que prover essa distração seria mais importante do que nunca. Essa percepção começou a mudar quando, ao final de março de 2020, houve uma “enxurrada” de submissões de histórias envolvendo Covid-19, com 78 delas compartilhando o mesmo título: “*Love in the Time of Coronavirus*” (JONES, 2020). Ao perceber que não só seria impossível fugir do acontecimento pandêmico, mas também que era necessário dar atenção ao assunto, o modo de trabalho dos editores mudou:

Normalmente, nosso processo é por ordem de chegada, o que significa que estamos lendo redações enviadas meses antes. Mas começamos a nos voltar primeiro para o que havia chegado recentemente, porque muito do que havia sido enviado antes da pandemia parecia histórias do passado, um mundo onde namoro e romance envolviam comportamentos estranhos como abraços, beijos e até sexo (JONES, 2020, tradução nossa).

Assim, a primeira história sobre a pandemia publicada na coluna *Modern Love*, diferentemente do processo aplicado normalmente, foi editada em cinco dias. Um repórter do jornal que estava cobrindo o início do surto viral em Seattle enviou a redação de um médico que estava atuando na linha de frente da pandemia, e que escreveu um texto comovente sobre estar separado da família e arriscar a vida para salvar outras pessoas (JONES, 2020). “Normalmente, leva semanas ou até meses para que uma submissão seja descoberta, editada, arquivada e publicada. O texto de James foi impresso cinco dias depois” (JONES, 2020, tradução nossa). Os editores passaram, então, a ficar atentos para encontrar e publicar textos sobre a pandemia assim que eles chegavam, devido ao imediatismo do período, à necessidade de cobertura e à velocidade que o cenário estava mudando, tendo então publicado histórias sobre a pandemia por várias semanas seguidas: “esses relatos iluminaram partes díspares de uma experiência coletiva e mundial” (JONES, 2020, tradução nossa), afirma. Ainda no primeiro semestre da pandemia, o editor questionava:

O que era o amor neste novo mundo? Cuidado? Confinamento? Nudez no *Zoom*? Não tínhamos certeza. [...]

Hoje em dia nos perguntamos, como quase todo mundo: quanto tempo isso vai durar? O que vem aí? Sete semanas desde que esta pandemia dominou nosso trabalho e nossas vidas, causando tantas mudanças e tão rapidamente, estamos começando a sentir uma mudança de humor nas submissões, tanto se acomodando para um longo período quanto uma impaciência para seguir em frente com a vida. Esses podem parecer impulsos opostos, e são, mas levam a um lugar semelhante: um leve enfraquecimento do estrangulamento do vírus sobre os tipos de histórias que recebemos e publicamos (JONES, 2020, tradução nossa).

Já em 2021, o editor comenta em entrevista dada à Universidade de Virgínia sobre mudanças percebidas na coluna durante a pandemia, que o mais fascinante foi observar o comportamento das pessoas em isolamento nas próprias casas, enfrentando decisões sobre os relacionamentos ao se depararem com a iminente reclusão por tempo indeterminado. “As pessoas passaram a ver um significado mais profundo [nos relacionamentos] de repente” (UVA TODAY, 2021, tradução nossa), afirma Jones, tendo observado uma onda de relacionamentos se tornando mais sérios e comprometidos durante a pandemia, mas que em condições normais teriam se seguido de forma mais casual. O editor complementa:

A pandemia tem sido fascinante, honestamente. É estranho estar vivendo enquanto a cobrimos. [...] Quando começou, realmente conversamos sobre isso e pensamos que a importância [da coluna] estaria em falar sobre relacionamentos que não necessariamente foram afetados pela pandemia. Mas isso foi nos primeiros dias, quando o *Times* nos disse para deixar o prédio e não voltar por duas semanas; rapidamente percebemos que este era um acontecimento de longo prazo.

As submissões para a coluna passaram de tudo o que havia sido enviado antes da pandemia para o ponto em que provavelmente 90% do que estamos recebendo agora envolve a pandemia de uma forma ou de outra. Portanto, não havia como escapar disso, e passamos a ter que descobrir quais são as histórias interessantes (UVA TODAY, 2021, tradução nossa).

Jones observou também uma tendência durante a pandemia em querer escrever e explorar a temática da gentileza, e que há uma busca maior por ler conteúdos significativos em nível pessoal, como forma de amenizar a tensão presente nas notícias políticas, ambientais e de saúde pública: “Acho que tem havido um anseio real não apenas por histórias de relacionamento, mas por histórias de relacionamento que são otimistas em termos de as pessoas estarem presentes umas para as outras e terem um senso de compromisso, cuidado e bondade” (UVA TODAY, 2021, tradução nossa).

Por fim, Jones respondeu à revista *Gama* sobre qual é o objetivo da coluna hoje, considerando também o período enfrentado durante a pandemia:

Nosso objetivo é publicar histórias oportunas e atemporais. Sinto que há muita solidão atualmente, e a pandemia só piorou as coisas. Cada vez mais pessoas são solteiras e vivem sozinhas. Estão presas à tecnologia para se conectar e desejam desesperadamente saber como as outras pessoas estão lidando com isso. Esses são problemas relativamente novos que surgiram em uma geração, mudanças profundas na forma como encontramos o amor, como o mantemos e o que acontece quando o perdemos. Espero que a coluna ajude as pessoas que estão em dificuldade e queiram saber como os outros estão se saindo. Por isso sempre procuramos esse tipo de história (GAMA REVISTA, 2021).

A partir dessa contextualização sobre a coluna *Modern Love*, sua relevância do mundo e as transformações observadas nas últimas décadas, especialmente com a incidência da pandemia de Covid-19, podemos perceber que esta é uma boa fonte para capturar um retrato de nosso tempo, de como as pessoas se relacionam no início da década de 2020 e como suas vidas íntimas foram afetadas pela pandemia. Ao mesmo tempo em que as narrativas coletadas e analisadas contam experiências pessoais e subjetivas, elas são um retrato de um momento contemporâneo coletivo, que evidenciam e dão contornos para as novas formas possíveis de amar em um mundo pandêmico.

4.2. Metodologia

As narrativas publicadas em um jornal são excelentes fontes para examinar o comportamento da sociedade, ou de grupos específicos, em um determinado tempo, diante de determinadas situações. Carvalho explica que “Ler as narrativas ofertadas pela mídia [...] é perceber que, inclusive pelo silenciamento, a partir delas é sempre possível detectar como a sociedade se posiciona acerca de determinadas questões” (CARVALHO, 2013, p. 63). Nassar, Farias e Pomarico (2019, p. 213) complementam: “Mais do que saber construir e contar as suas histórias, o ser humano construiu a si e as suas sociedades pela permanência no tempo milenar de suas narrativas, principalmente a partir daquelas narrativas que foram escritas”. Mas como analisar esses registros feitos de um acontecimento, um fenômeno, um período importante na história da humanidade? Herscovitz salienta que

Se uma parte da humanidade desaparecesse amanhã, mas restassem livros, jornais, revistas, vídeos, filmes, CDs e DVDs, arquivos com discursos e cartas e artefatos afins, teríamos o material necessário para interpretar a vida social de uma época. A análise de conteúdo da mídia seria um dos métodos mais eficientes para rastrear esta civilização por sua excelente capacidade de fazer inferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado (HERSCOVITZ, 2008, p. 123).

Tal análise pode ser entendida como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 2011, p. 15). A pesquisadora Laurence Bardin é uma das principais referências atuais da área e é autora do livro *Análise de Conteúdo* (Edições 70, 2011), que será utilizado aqui como manual e principal referência metodológica. Bardin cita Bernard Berelson, que define a metodologia como “uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações” (BERELSON apud BARDIN, 2011, p. 42). Segundo a autora, a metodologia reúne diferentes técnicas, mas tem como fator comum a inferência, além de oscilar entre dois polos: a objetividade e a subjetividade, ou seja, a análise quantitativa e qualitativa, que se complementam para alcançar o resultado esperado (ou não) com a análise. O papel do analista que emprega essa metodologia como ferramenta em sua pesquisa é de “desocultação”: “Analisar mensagens por esta dupla leitura onde uma segunda leitura se substitui à leitura ‘normal’ do leigo, é ser agente duplo, detetive, espião” (BARDIN, 2011, p. 15). Isso quer dizer que a leitura efetuada na análise não é à letra, mas uma busca por realçar os sentidos que estão em segundo plano.

“Não se trata de atravessar significantes, para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes, ou de significados (manipulados), outros ‘significados’ de natureza psicológica, sociológica, política, histórica etc.” (BARDIN, 2011, p. 47 e 48).

Para conceituar, busco também em Herscovitz (2008), que define a análise de conteúdo como sendo um:

método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação. A identificação sistemática de tendências e representações obtém melhores resultados quando emprega ao mesmo tempo a análise quantitativa (contagem de frequências do conteúdo manifesto) e a análise qualitativa (avaliação do conteúdo latente a partir do sentido geral dos textos, do contexto onde aparece, dos meios que o veiculam e/ou dos públicos aos quais se destina) (HERSCOVITZ, 2008, p. 126 e 127).

Partindo dessa conceituação da análise de conteúdo, a técnica foi então aplicada de acordo com o manual de Bardin (2011), que elenca três fases de organização metodológica: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. O detalhamento de como cada uma das fases da metodologia foi aplicada será apresentado nos subcapítulos a seguir.

4.3. Pré-análise

Como vimos, a análise de conteúdo se inicia, na verdade, na fase de pré-análise. Essa fase, segundo Bardin, tem três objetivos: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 2011, p. 124). Dessa forma, essa é a fase de organização do material a ser analisado, que passa pelas seguintes etapas: leitura flutuante; escolha dos documentos; formulação das hipóteses e objetivos; referenciação dos índices e elaboração dos indicadores; e preparação do material para análise (BARDIN, 2011).

A leitura flutuante consiste em “estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 2011, p. 126). Essa leitura do objeto de análise se iniciou em 2020, quando me deparei com a mudança no

modo operacional da coluna *Modern Love* que, devido à evidente necessidade de pautar a pandemia naquele período, passou a publicar histórias à medida em que elas estavam sendo enviadas para os editores, e não mais por ordem de chegada — ou seja, histórias que haviam sido enviadas meses antes para o jornal. No primeiro semestre de 2020, notei que a coluna publicou, por oito semanas seguidas (de 27 de março a 13 de maio), narrativas sobre como a vida íntima das pessoas estava sendo afetada pela pandemia, e que o editor da coluna publicou um editorial sobre as mudanças percebidas na redação desde que a pandemia afetou os Estados Unidos (JONES, 2020), conforme descrito com mais detalhes no subcapítulo anterior. Partindo dessas evidências, e como estava em busca de um tema de pesquisa para o mestrado, passei a acompanhar atentamente a coluna e investigar se um movimento semelhante estava ocorrendo em outros veículos, especialmente no Brasil. Nesse mesmo período, partindo dessa leitura inicial, escrevi o projeto de mestrado, propondo uma análise de como a pandemia e os relacionamentos amorosos foram abordados na coluna e em três outros veículos, e fui aprovada para desenvolver a pesquisa pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP. A leitura flutuante continuou durante o ano seguinte, juntamente da coleta de material, porém percebi que os outros veículos selecionados não tinham abordagem e frequência similares à observada no *The New York Times*, tendo optado então por seguir investigando apenas a coluna.

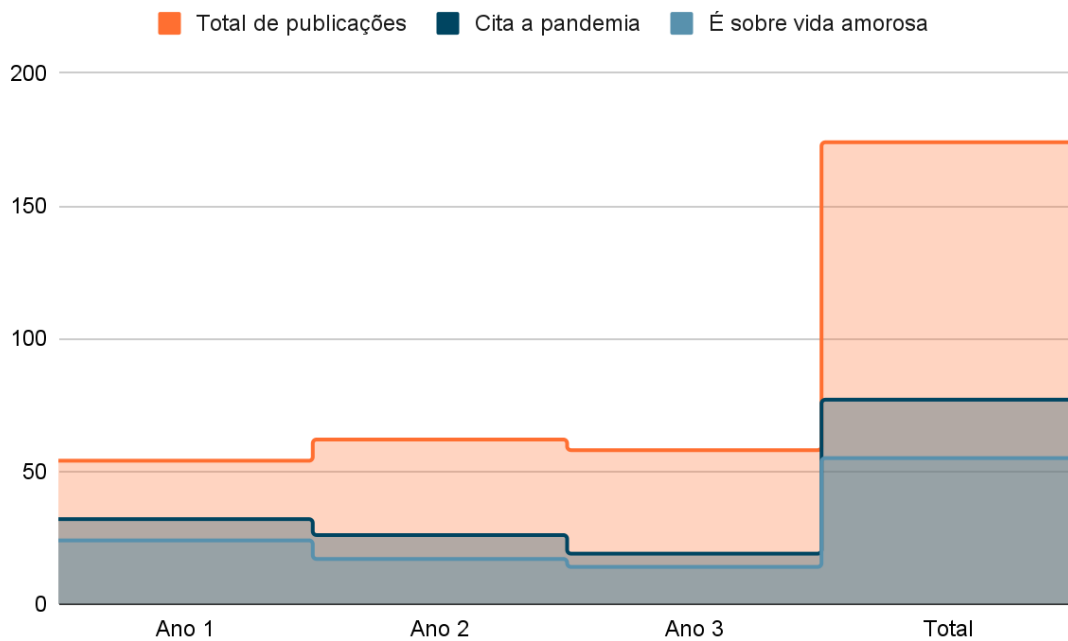
Em seguida, foi aplicada a escolha do *corpus*: “O *corpus* é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras” (BARDIN, 2011, p. 126). As regras apresentadas pela autora são: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (BARDIN, 2011). Como o objetivo da pesquisa é analisar como a pandemia transformou a forma que nos relacionamos, parti da regra de exaustividade, coletando durante a pandemia todos os textos publicados na coluna, desde o primeiro momento em que a Covid foi citada, em março de 2020, com a redação “*On the Front Lines of a Pandemic, ‘I Love You’ Can Mean ‘Goodbye’*” (KUO, 2020), até o dia em que a OMS declarou o fim da emergência em relação à Covid (OPAS, 2023), em 5 de maio de 2023, a fim de abarcar também possíveis textos publicados sobre o tema que rememoram o acontecimento pandêmico.

Nas 162 semanas em que a coluna foi acompanhada, desde a última sexta-feira de março de 2020, quando o tema da pandemia apareceu na *Modern Love* pela primeira vez, até a data em que o estado de emergência se encerrou, foram coletadas ao todo 174 publicações. A quantidade extrapola o número de semanas, pois durante o período foram publicados alguns

especiais, que resultaram em mais de um texto publicado na coluna na mesma data, como a série “*Where are they now?*”, com quatro entrevistas com autores de textos já publicados na coluna, e a série “*What is Black love today?*”, em que o jornal publicou oito textos no mesmo dia. A partir da coleta exaustiva, foi aplicada então a regra da pertinência: “os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (BARDIN, 2011, p. 128). Dessa forma, para chegar ao *corpus* final, foi feita uma leitura aprofundada de todo o material coletado, que foi catalogado a partir das seguintes informações: data, título, *link*, cita a pandemia e tipo de amor.

Após a catalogação de todo o material publicado durante o período de recorte da coleta, foram encontradas 77 publicações que mencionam a pandemia, seja tratando o acontecimento como tema central ou marcador temporal para contextualizar a história e, destas, 55 tratam de relacionamentos amorosos e cumprem a regra de pertinência necessária para compor o *corpus* final (Gráfico 1). A pandemia é mencionada em 32 das 54 publicações no primeiro ano de coleta, totalizando 59,26% das histórias publicadas naquele ano, sendo que 24 delas tratam de relacionamentos amorosos e envolvem a pandemia (44,44% das histórias publicadas no período); 26 das 62 publicações no segundo ano de coleta mencionam a pandemia, totalizando 41,94% das histórias, sendo que 17 delas tratam de vida amorosa na pandemia (27,42% das histórias publicadas no período); já o terceiro ano de coleta se estendeu por cinco semanas a mais do que os anos anteriores, encerrando-se ao início de maio de 2023 (ao invés de final de março, como ocorreu na coleta dos anos anteriores), a fim de abarcar todas publicações até a data final da pandemia — o que modifica a escala dos dados aqui apresentados. No terceiro ano de coleta, a pandemia é mencionada em 19 das 58 publicações, totalizando 32,76% das histórias publicadas naquele ano, sendo que 14 delas mencionam relacionamentos amorosos e pandemia (24,14% das histórias publicadas no período). A pandemia foi mencionada pela última vez na coluna no dia 3 de fevereiro de 2023, não tendo havido nenhuma referência à Covid no período em que se estendeu a coleta para abarcar o final do estado de emergência.

Gráfico 1: Catalogação do material coletado



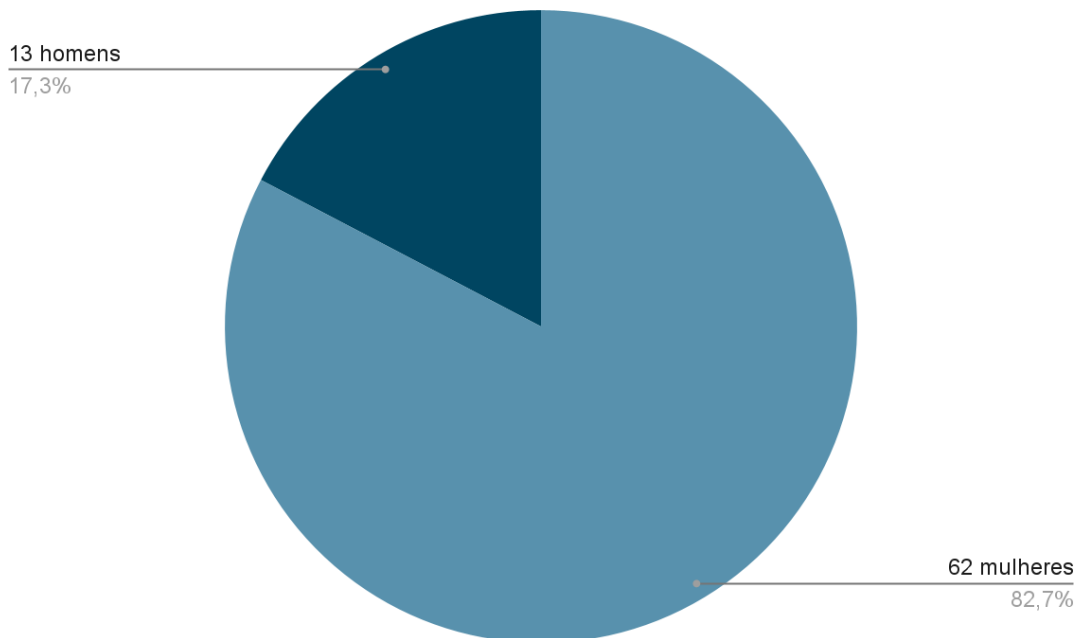
Fonte: Elaborado pela autora.

A partir desse gráfico e dos números apresentados, é possível perceber que, embora a pandemia ainda estivesse latente nos anos de 2021 e de 2022 (tendo tido uma ação ainda mais devastadora no ano de 2021), ela não foi pautada na *Modern Love* com a mesma intensidade após o primeiro ano. Enquanto no período que engloba março de 2020 a março de 2021, a pandemia está presente em quase 60% das histórias publicadas na coluna, a temática é citada em apenas 32% das histórias publicadas entre março de 2022 e maio de 2023, o que aponta tanto para uma questão de agendamento de pautas feito pelos editores — uma vez que o tema, aparentemente, já não era mais tão inédito e relevante para a publicação —, quanto para a normalização da situação pandêmica — indício de que passamos a viver um período estendido de “durante-pandemia”, em que assimilamos ao nosso cotidiano as normas sociais e medidas restritivas adotadas para conter a propagação do vírus. Outra evidência dessa normalização é a forma como a pandemia é citada ao longo do período da coleta: à medida em que nos distanciamos da fase inicial do acontecimento, que provocou uma produção intensa sobre o assunto no momento, diminuiu também o número de citações ao fenômeno no corpo dos textos, passando de tema central para um acontecimento mencionado, por vezes, em apenas um parágrafo da história, como forma de contextualização.

Em seguida, todas as 55 publicações coletadas foram organizadas em uma tabela e foram acrescentadas as seguintes informações na catalogação: relevância da pandemia, gênero da

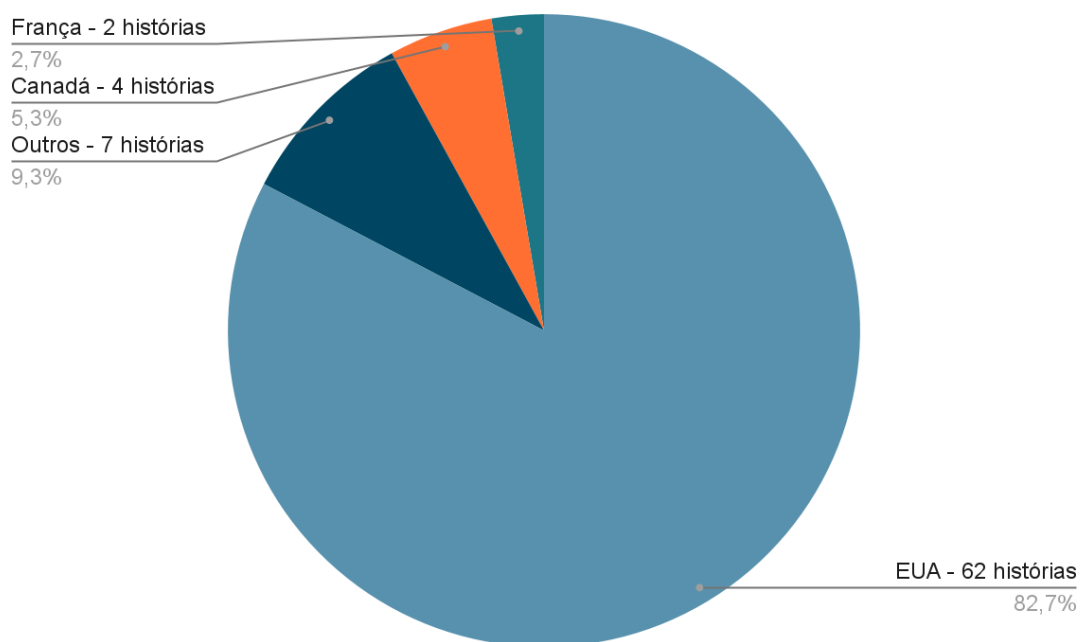
pessoa autora da história e país em que a pessoa mora. Parte das publicações que compõem o *corpus* são edições especiais e coletâneas, reunindo múltiplas narrativas enviadas pelos leitores. Por isso, a coleta final de 55 publicações é composta ao todo por 75 histórias, sendo 62 escritas por mulheres e 13 por homens (Gráfico 2); 62 desses relatos foram escritos por habitantes dos Estados Unidos, quatro por pessoas no Canadá, duas na França, uma na Áustria, China, Indonésia, Inglaterra, Irlanda, Itália e Japão, respectivamente (Gráfico 3). No quesito “relevância da pandemia”, foi indicado se a temática aparece em mais de um parágrafo da publicação (o que ocorre em 41 das 55 publicações, ou 74,55%) ou se é citada apenas uma vez (como ocorre em 14 das publicações coletadas, ou 25,45%) (Gráfico 4). Como foi mencionado, há uma progressão nesse índice: no primeiro ano de coleta, apenas quatro das 24 (16,67%) não dão grande relevância para a pandemia e a mencionam apenas uma vez ao longo do texto; no segundo ano, o mesmo ocorre em cinco das 17 (29,41%) publicações coletadas; e no terceiro ano, cinco das 14 (35,71%) publicações coletadas mencionam a pandemia apenas uma vez.

Gráfico 2: Gênero de autoria do texto



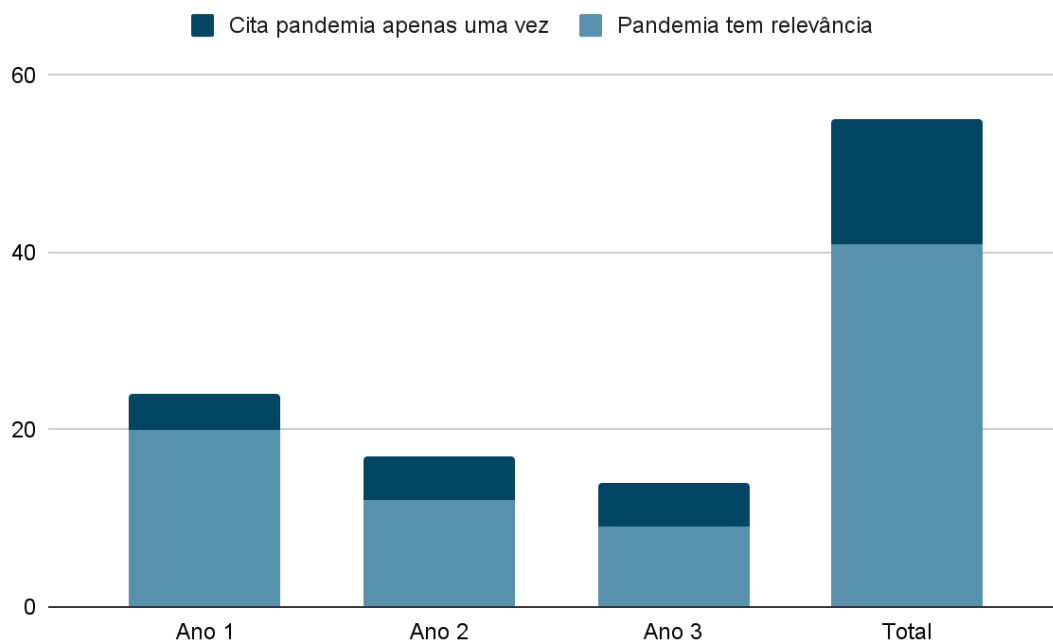
Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 3: País de autoria do texto



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 4: Relevância da pandemia



Fonte: Elaborado pela autora.

Após a definição e leitura aprofundada do *corpus*, foram estabelecidas as hipóteses e objetivos: “Uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise. [...] O objetivo é a finalidade geral a que nos propomos [...], o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados” (BARDIN, 2011, p. 128). As hipóteses que guiam a pesquisa desenvolvida é de que a pandemia afetou os modos de se relacionar romanticamente, devido ao período de isolamento social, às medidas de seguranças adotadas para evitar o contágio da doença e à crescente presença virtual para manter as interações sociais; e de que os textos analisados vão revelar uma nova temporalidade nos relacionamentos amorosos. Durante a leitura flutuante e ao acompanhar o cenário da pandemia e discussões apresentadas na mídia e em redes sociais, pude perceber que, com as restrições sociais da pandemia, não houve mais espaço para viver, presencialmente, uma nova relação que se inicie no casual: o tempo das relações casuais passou a ser experimentado no virtual, e as pessoas passaram a se encontrar presencialmente já com um compromisso e interesse mais formalizados e com protocolos de segurança em relação ao contágio. Assim, as relações passaram a avançar mais rapidamente e sem o espaço necessário para o convívio social com o parceiro, tendo que lidar com uma relação vivida no ambiente doméstico em uma velocidade que não avançaria da mesma forma no período pré-pandemia. Da mesma forma, casais que já estavam em relacionamentos sérios antes da pandemia também passaram a ter que enfrentar a convivência doméstica com mais intensidade, o que acredito que possa revelar, na análise, tanto problemas na relação quanto ser aquilo que resolveu conflitos anteriores na dinâmica do casal. Já para pessoas solteiras, parto da hipótese de que os depoimentos publicados na coluna vão relatar momentos de solidão, medo, carência, desesperança e tentativas de apelar esses sentimentos, mas também podem trazer relatos de autoconhecimento, aprendizado e novas formas de lidar com o outro e com si mesmos a partir das experiências vividas na pandemia. A partir dessas hipóteses, o objetivo da análise é investigar o que as narrativas produzidas por viventes da pandemia de Covid-19 revelam sobre como as relações amorosas foram afetadas por esse período e quais transformações nos modos de se relacionar podem ser percebidas durante a pandemia.

Em seguida, foi feita a referenciação de índices e elaboração de indicadores: “Se se considerarem os textos uma manifestação que contém índices que a análise explicitará, o trabalho preparatório será o da escolha destes — em função das hipóteses, caso elas estejam determinadas — e sua organização sistemática em indicadores” (BARDIN, 2011, p. 130). A autora explica também que “o índice pode ser a menção explícita de um tema numa

mensagem” (BARDIN, 2011, p. 130), quando parte-se do princípio de que tal tema possui mais importância para o autor quanto mais é repetido. Por isso, tomei como índice todas as menções feitas à pandemia ao longo dos textos coletados, tendo agrupado então todos os parágrafos das 55 publicações em que a pandemia é mencionada de alguma forma, uma vez que os textos são diversos e apresentam abordagens e temáticas variadas, e o propósito é explicitar apenas os impactos causados pela pandemia na vida afetiva dos narradores. Foram utilizados diversos indicadores, pois as menções vão desde referências diretas à pandemia, como o uso dos termos “*pandemic*”, “*Covid-19*”, “*coronavirus*”, “*quarantine*” e “*lockdown*”, a expressões sutis que identificam o contexto pandêmico, como menções à vacina, ao teste PCR e à distância mantida entre pessoas em uma fila, por exemplo.

Por fim, foi feita a preparação do material para a análise, que consistiu em revisar todos os parágrafos selecionados, agrupá-los em um documento único e adequá-lo aos critérios do programa, para então submetê-lo ao *software* Iramuteq⁵, utilizado para fazer a análise quantitativa do material coletado.

4.4. Exploração do material

Segundo Bardin, a fase de exploração do material consiste na “aplicação sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efetuadas por computador, o decorrer do programa completa-se mecanicamente” (BARDIN, 2011, p. 131). Para processar o material de análise coletado, foi optado por utilizar o *software* Iramuteq, por ser um programa aberto e gratuito de análise textual que oferece diversos dados a partir dos textos inseridos, sendo uma excelente ferramenta para analisar de maneira precisa grandes volumes de textos.

O *software* Iramuteq — Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires foi criado em 2009 por Pierre Ratinaud. É um *software* gratuito de código fonte aberto, licenciado por GNU GPL (v2), que utiliza o ambiente estatístico do *software* R. [...] Ele é utilizado no estudo das Ciências Humanas e Sociais e utiliza o mesmo algoritmo do *software* Alceste para realizar análises estatísticas de textos, porém, incorpora, além da CHD — Classificação Hierárquica Descendente, outras análises lexicais que auxiliam na análise e interpretação de textos (SALVIATI, 2017, p. 4)

⁵ O Iramuteq é uma Interface R para Análise Multidimensional de Textos e Questionários. Trata-se de um *software* livre construído a partir de outros *softwares* livres.

Segundo a autora, *softwares* como o Iramuteq possibilitam conhecer o teor do uso das palavras de acordo com seu contexto, ao executar a análise lexical do material e particioná-lo em classes hierárquicas (SALVIATI, 2017). A análise textual realizada pelo programa pode ser aplicada “nos estudos de pensamentos, crenças e opiniões produzidas em relação a determinado fenômeno” e permitem “a quantificação de variáveis essencialmente qualitativas originadas de textos, a fim de descrever o material produzido por determinado sujeito” (SALVIATI, 2017, p. 4), sendo assim uma boa ferramenta para analisar os relatos produzidos por viventes da pandemia de Covid-19.

O algoritmo utilizado pelo programa baseia-se na lematização, ou seja, as palavras são relacionadas pelo seu lema, ignorando o tempo verbal, gênero e uso de plural. Dessa forma, ao catalogar, por exemplo, o termo “*feel*”, muito presente no material analisado, o *software* incorpora no cálculo o uso de palavras como “*feeling*”, “*felt*” e outras variações da palavra.

O Iramuteq realiza cinco tipos de análise textual: Estatísticas Textuais, Especificidades e Análise Fatorial de Correspondência, Classificação Hierárquica Descendente, Análise de Similitude e Nuvem de Palavras. Para a presente pesquisa, consideramos mais conveniente trabalhar com as análises de estatística, similitude e nuvem de palavras, que apresentam de maneira gráfica e quantitativa os termos mais presentes nos textos coletados e as conexões entre eles. O método de Estatísticas Textuais executa a análise simples do *corpus*, apresentando “o número de textos e segmentos de textos, ocorrências, frequência média das palavras, bem como a frequência total de cada forma; e sua classificação gramatical, de acordo com o dicionário de formas reduzidas” (SALVIATI, 2017, p. 33); a Nuvem de Palavras “mostra um conjunto de palavras agrupadas, organizadas e estruturadas em forma de nuvem. As palavras são apresentadas com tamanhos diferentes, ou seja, as palavras maiores são aquelas que detêm maior importância no corpus textual” (SALVIATI, 2017, p. 79); e a Análise de Similitude “mostra um grafo que representa a ligação entre palavras do corpus textual. A partir desta análise é possível inferir a estrutura de construção do texto e os temas de relativa importância, a partir da coocorrência entre as palavras” (SALVIATI, 2017, p. 69). Os resultados encontrados serão apresentados no próximo tópico, juntamente da análise qualitativa do material, conforme reforça o manual de Bardin (2011, p. 126): “A necessidade de integração dos campos quantitativo e qualitativo decorre do reconhecimento de que os textos são polissêmicos — abertos a múltiplas interpretações por diferentes públicos — e não podem ser compreendidos fora de seu contexto.”

4.5. Tratamento dos resultados, inferências e interpretação

A fase final da análise de conteúdo, segundo Bardin, é a de tratamento e interpretação dos resultados obtidos:

Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (“falantes”) e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise fatorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise.

[...] O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos — ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. (p. 131)

Neste tópico, serão apresentadas as estatísticas resultantes do material submetido à análise e as inferências e descobertas alcançadas a partir delas.

Conforme explicado anteriormente, o *corpus* da análise aqui apresentada é composto apenas pelos parágrafos de textos sobre vida amorosa publicados na coluna *Modern Love* que contenham alguma menção à pandemia de Covid-19. Todos esses parágrafos foram reunidos em um único arquivo de texto, sem nenhuma formatação e seguindo as normas exigidas pelo *software* Iramuteq, para então serem submetidos ao tratamento automatizado da ferramenta. Para iniciar a análise, foi utilizada primeiramente a função de Estatísticas Textuais.

O *corpus* é composto por 17.383 ocorrências (número total de palavras utilizadas no texto, incluindo as repetições), sendo 2.842 identificadas como formas — que o software organiza em formas ativas e suplementares —, e 1.562 como hapax (termos que aparecem apenas uma vez ao longo de todos os textos). Para a pesquisa, nos interessa as formas ativas, que é a categorização que exclui artigos, conjunções, preposições e pronomes e engloba todos os adjetivos, advérbios, substantivos e verbos em sua forma lematizada.

O Iramuteq identificou 2.433 formas ativas no *corpus*. Ao classificar as formas ativas do texto em ordem decrescente de repetições, fica evidente os principais sentidos que compõem o *corpus*, ou seja, os termos mais utilizados pelos autores. Com isso, é possível determinar as palavras-chave do material analisado e ter um entendimento quantitativo dos principais temas abordados nos textos, a partir do número de repetições de certos vocábulos. Considerando o volume extenso de termos, a opção foi construir uma tabela com as 50 formas ativas mais

presentes no *corpus* (Tabela 1). Porém, para compreender a fundo o que esses lemas indicam, e em quais contextos eles foram utilizados, apenas esse dado não soluciona a análise, sendo necessário associar essas estatísticas a uma análise mais detalhada do material.

Tabela 1: 50 formas ativas mais presentes no *corpus* e suas traduções

Termo e tradução de acordo com contexto	Quantidade de repetições	Classe gramatical
<i>time</i> (tempo)	82	substantivo
<i>day</i> (dia)	81	substantivo
<i>pandemic</i> (pandemia)	76	substantivo
<i>feel</i> (sentir)	52	verbo
<i>year</i> (ano)	49	substantivo
<i>like</i> (gostar/como)	46	verbo
<i>love</i> (amar)	45	verbo
<i>home</i> (casa)	41	substantivo
<i>friend</i> (amigo/amiga)	40	substantivo
<i>person</i> (pessoa)	40	substantivo
<i>week</i> (semana)	37	substantivo
<i>know</i> (saber)	36	verbo
<i>life</i> (vida)	35	substantivo
<i>long</i> (longo)	35	adjetivo
<i>month</i> (mês)	35	substantivo
<i>alone</i> (sozinho/sozinha)	34	adjetivo
<i>quarantine</i> (quarentena)	34	substantivo
<i>start</i> (começar)	34	verbo
<i>relationship</i> (relacionamento)	33	substantivo
<i>together</i> (junto)	33	advérbio
<i>boyfriend</i> (namorado)	30	substantivo
<i>last</i> (durar/último)	30	verbo
<i>live</i> (viver)	30	verbo
<i>talk</i> (falar)	30	verbo
<i>hour</i> (hora)	29	substantivo
<i>leave</i> (deixar)	29	verbo
<i>work</i> (trabalho)	28	substantivo

<i>child</i> (criança)	27	substantivo
<i>date</i> (data/encontro)	26	substantivo
<i>lockdown</i> (confinamento)	26	substantivo
<i>world</i> (mundo)	26	substantivo
<i>city</i> (cidade)	25	substantivo
<i>few</i> (pouco)	25	adjetivo
<i>apartment</i> (apartamento)	23	substantivo
<i>back</i> (de volta)	23	advérbio
<i>distance</i> (distância)	23	substantivo
<i>family</i> (família)	23	substantivo
<i>husband</i> (marido)	23	substantivo
<i>meet</i> (encontrar)	23	verbo
<i>walk</i> (andar)	23	verbo
<i>covid</i>	22	substantivo
<i>coronavirus</i> (coronavírus)	21	substantivo
<i>break</i> (quebrar/terminar)	19	verbo
<i>man</i> (homem)	19	substantivo
<i>move</i> (mudar)	19	verbo
<i>night</i> (noite)	19	substantivo
<i>return</i> (retornar)	19	verbo
<i>end</i> (final)	18	substantivo
<i>find</i> (encontrar)	18	verbo
<i>mask</i> (máscara)	18	substantivo

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dessa tabela, é possível elencar os cinco principais temas presentes no *corpus*: tempo, pandemia, sentimento, espaço e relação. Sobre tempo, estão presentes os termos *time* (no topo, com 82 repetições), *day* (em segundo lugar, com 81 repetições), *year* (49), *week* (37), *month* (35), *long* (35), *start* (34), *last* (30) e *hour* (29); sobre pandemia, estão evidentes os termos *pandemic* (em terceiro lugar, com 76 repetições), *quarantine* (34), *lockdown* (26), *covid* (22), *coronavirus* (21) e *mask* (18); sobre sentimento, os termos *feel* (52), *like* (46), *love* (45), *alone* (34); sobre espaço, termos como *home* (41), *work* (28), *world* (26), *city* (25), *apartment* (23), *distance* (23); e sobre relação, termos como *friend* (40), *person* (40),

relationship (33), *together* (33), *boyfriend* (30), *talk* (30), *child* (27), *date* (26), *family* (23), *husband* (23), *meet* (23), *break* (19), *man* (19).

A partir das Estatísticas Textuais, é possível fazer algumas inferências importantes sobre o *corpus* de análise. A primeira é que o fato de a grande maioria (82,7%) das pessoas que escrevem os textos serem mulheres influencia bastante nos termos usados: *boyfriend*, *husband* e *man* aparecem, respectivamente, 30, 23 e 19 vezes, indicando para uma perspectiva feminina e heterossexual no recorte de histórias apresentadas na coluna; já os termos *wife*, *girlfriend* e *woman* aparecem, respectivamente, 11, 5 e 5 vezes, e por isso não chegam a figurar na tabela apresentada acima. Esse dado remete à forma diferente como homens e mulheres são criados, tendo a heterossexualidade compulsória (RICH, 1982) um papel importante na formação feminina, o que leva ao interesse maior delas por produzir e consumir narrativas relacionadas ao tema. Ao mesmo tempo, a maioria significativa desses relatos terem sido escritos por mulheres é um indício também de que o peso da manutenção do relacionamento, da família e da vida doméstica recaiu sobre elas durante a pandemia, o que acarretou em um possível desejo de produzir relatos sobre esse período como forma de compartilhar um sentimento.

Outra inferência obtida a partir dos dados é a importância que as noções de tempo e espaço passaram a ter para os viventes da pandemia: a grande repetição de termos como *day*, *year*, *week*, *month* e *hour* evidencia uma sensibilidade aguçada para o passar do tempo, algo que possivelmente passou a ser mais notado pelos viventes da pandemia diante do período incerto que estava sendo narrado. Muitos dos textos citam o mês de certo acontecimento, para localizá-lo no contexto da pandemia, ou o passar do tempo em número de dias de isolamento social, por exemplo. O mesmo ocorre com termos como *home*, *work*, *city* e *apartment*, que dizem da forma como passamos, coletivamente, a desenvolver uma relação diferente com os espaços que ocupamos, devido às restrições sociais e adoção de medidas como trabalho remoto, confinamento e limites impostos em viagens e no acesso a espaços públicos, por exemplo. Sobre as menções à pandemia em si, podemos inferir que tanto os termos *pandemic*, *covid* e *coronavirus* foram rapidamente absorvidos no vocabulário, quanto a suas medidas, como quarentena, *lockdown*, distanciamento social e uso de máscara, foram assimiladas como necessidades constantes do cotidiano retratado nas histórias.

Em seguida, foi executada a Nuvem de Palavras, que apresenta visualmente as formas ativas, utilizando diferentes tamanhos da fonte de texto para distinguir a quantidade de repetições de

importância e presença que cada um deles tem no *corpus*; é interessante notar também que o termo *mother* parece um pouco maior que o termo *wife*, o que pode evidenciar que questões relacionadas à maternidade estão mais presentes nos textos do que uma possível visão masculina sobre o relacionamento com a esposa. A Nuvem também apresenta de maneira expandida as palavras-chave do *corpus*, e fica evidente a aparição de termos como *zoom*, *isolation*, *crisis*, *restriction*, *bubble*, *ill*, *hospital* e *patient*, que não chegam a figurar a Tabela 1, por não estarem entre os 50 lemas mais repetidos no *corpus*, mas contribuem para a construção de um contexto de experiências e situações específicas da pandemia. Assim, mesmo que o material careça de uma análise profunda, quantitativa e qualitativa, a partir da Nuvem de Palavras já é possível construir uma ideia geral do que se trata o *corpus* da pesquisa.

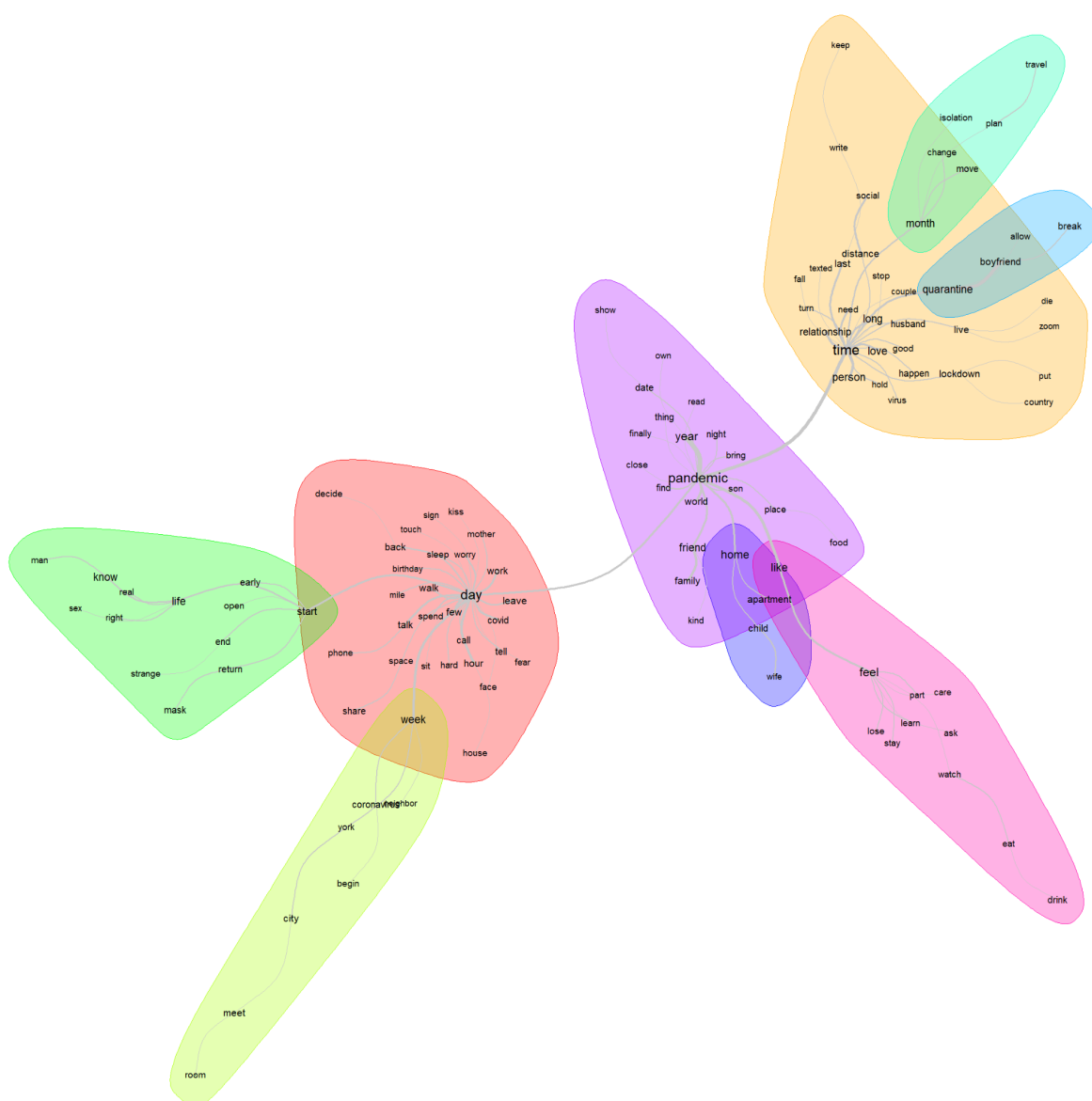
Um exercício comparativo interessante de ser feito a partir das Estatísticas Textuais e da Nuvem de Palavras seria levantar os dados dos textos publicados na coluna *Modern Love* que não mencionam a pandemia, para verificar se há uma importância semelhante dada aos conceitos de tempo e espaço e se também há uma diferença grande na quantidade de textos escritas por homens e mulheres, a fim de confirmar se essas ocorrências são características da coluna ou se são de fato específicas da pandemia. Porém, considerando o escopo da pesquisa aqui desenvolvida, não há fôlego para realizar tais averiguações.

Por último, foi realizada a Análise de Similitude (Figura 2), que se baseia na coocorrência entre as palavras para construir um gráfico representando a ligação entre os termos no *corpus*. A coocorrência é um dado importante para a pesquisa, pois através dela é possível detectar

quais palavras ocorrem juntas (na mesma sentença, normalmente) em um dado texto. A análise detecta pares de palavras — palavras que ocorrem próximas umas das outras — e atribui um valor para a relação entre as palavras baseado na distância entre elas [...]. Em seguida é atribuído um peso para as relações de palavras ao atribuir valores em termos tanto de proximidade da coocorrência quanto da quantidade de conexões (MARRES; GERLITZ, 2016, p.28, tradução própria).

Assim é possível visualizar, através do gráfico gerado, a forma como os termos apresentados nas Estatísticas Textuais e Nuvem de Palavras se conectam de fato ao longo dos textos analisados, e quais são os grupos de sentidos que constituem o *corpus*. A análise foi gerada a partir dos termos que contêm até 10 repetições no *corpus*, totalizando 121 formas ativas. Nesse tipo de gráfico, mais uma vez o tamanho da fonte indica a quantidade de repetições do termo, enquanto a espessura da aresta indica a quantidade de conexões entre os termos.

Figura 2: Análise de Similitude do *corpus*



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do gráfico gerado pela ferramenta, é possível perceber que foram criados três grandes *clusters* através dos três principais termos do *corpus*: *time*, *day* e *pandemic*. Partindo de *day* há ainda dois *clusters* menores, derivados das palavras *start* e *week*; o mesmo ocorre com os *clusters* *like* e *home*, que são menores e se conectam ao termo *pandemic*; em *time*, há também os pequenos *clusters* *month* e *quarantine*.

Time se conecta a diversos termos. Com mais proximidade e tamanho estão *love*, *relationship* e *person*, indicando assim as principais relações feitas a partir do termo. Neste *cluster*,

quarantine aparece em mais evidência e se conecta à *boyfriend*, muito provavelmente devido ao texto “*My Quarantine Boyfriend Lost Everything (but Found Me)*” (RUTLEDGE, 2020), em que a expressão “*my quarantine boyfriend*” se repete 11 vezes. Outro ponto interessante deste *cluster* é as conexões evidenciadas a partir de *month: move, change, plan e travel* apontam para uma forma de organização temporal dos narradores que, diante da situação incerta do confinamento, muitas vezes se apegam à uma perspectiva de realizar grandes planos em uma escala de meses.

Já o *cluster* de *day* reúne verbos mais ligados ao dia-a-dia, como *work, talk, walk, sleep e kiss*, e também termos que remetem à preocupação e dificuldade, como *worry, fear e hard*. Ao comparar os dois *clusters*, percebemos que, embora as conexões feitas ao termo *day* indiquem uma rotina de incertezas, a visualização da pandemia em questão de meses, presente no *cluster* menor, aponta para planos mais pragmáticos e de projeção de um futuro mais amplo. Há também o *cluster* menor de *life*, onde se agrupam termos como *know, right, real e sex*, indicando tanto um afastamento de sentido entre a vida pandêmica e vida real, de antes desse período, quanto uma conexão entre o período pandêmico e a vida sexual dos narradores.

No *cluster* de *pandemic*, a maior parte das palavras são substantivos, como *world, year, date, place, food, friend, family, home, son, apartment, child, wife*, criando um entendimento de como o termo *pandemic* passou a ser associado ao cotidiano como um adjetivo, uma forma específica para caracterizar o momento vivido. Sobre o *cluster* de *feel*, que aparece em quarto lugar em número de repetições, abaixo apenas das palavras principais dos três grandes *clusters*, se conectam termos como *lose, part, stay, learn*. Com isso, podemos inferir que as principais sensações e sentimentos abordados pelos autores estão conectadas tanto ao sentimento de perda, quanto ao de se sentir parte de algo, de um acontecimento global e incontrolável, que proporciona momentos de aprendizado.

Até aqui, foi escolhido trabalhar com o *software* Iramuteq considerando todo o *corpus* coletado como um único texto, a fim tanto de compreender os principais sentidos abordados pelos textos publicados na coluna *Modern Love*, quanto de construir um panorama geral acerca das narrativas produzidas sobre vida amorosa durante a pandemia. Em seguida, para se ter uma dimensão mais profunda do material, foi feita uma análise qualitativa, selecionando trechos exemplares das histórias coletadas para discorrer sobre os sentidos que essas narrativas revelam, as nuances das histórias apresentadas e os principais sentimentos

abordados pelas pessoas autoras das histórias publicadas na coluna, conforme apresentado na seção abaixo.

4.5.1. Análise qualitativa

Apesar de ilustrar os principais sentidos semânticos por trás do material coletado, apenas as estatísticas levantadas pelo Iramuteq não são capazes de traduzir as diferentes nuances que os 55 artigos trazem sobre a pandemia. Segundo Bardin,

A abordagem quantitativa e a qualitativa não têm o mesmo campo de ação. A primeira obtém dados descritivos por meio de um método estatístico. Graças a um desconto sistemático, esta análise é mais objetiva, mais fiel e mais exata, visto que a observação é mais bem controlada. Sendo rígida, esta análise é, no entanto, útil nas fases de verificação das hipóteses. A segunda corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses. [...]

A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. (BARDIN, 2011, p. 145).

Por isso, é necessário fazer também uma análise aprofundada do material, a fim de obter inferências precisas sobre o *corpus* e construir de fato um entendimento acerca dos sentidos abordados pelas autoras e autores dos textos. A partir dessa análise, olhando para cada texto que compõe o *corpus* separadamente, foi possível perceber cinco pontos de atenção, que vão de encontro com as hipóteses levantadas e são apresentados abaixo:

A função social de abordar a pandemia em Modern Love

A primeira vez em que a pandemia é abordada na coluna *Modern Love*, em 27/03/2020, dita o tom de urgência que permeia este acontecimento. A história “*On the Front Lines of a Pandemic, ‘I Love You’ Can Mean ‘Goodbye’*” (KUO, 2020) foi escrita pelo médico James Kuo, que estava atuando na linha de frente do combate ao vírus em um hospital em Washington, nos Estados Unidos. O texto é centrado na separação de James da família, no isolamento enfrentado pelos pacientes e trabalhadores do hospital e nas formas possíveis de se manter conectado às pessoas amadas nesse período que demanda distanciamento social.

Assim, a pandemia é mencionada pela primeira vez na coluna no seguinte parágrafo, após a descrição de Kuo sobre se despedir da esposa para ir para o trabalho:

Quase três semanas se passaram desde que o hospital de Kirkland, Washington, onde trabalho, diagnosticou dois novos casos de coronavírus e viu os primeiros pacientes com Covid-19 sucumbirem aos estragos da doença, tornando-se o epicentro do surto nacional. Naquela manhã escura foi a última vez que vi minha esposa ou filhos pessoalmente, até o momento em que escrevo (KUO, 2020, tradução nossa).

Nesse texto, o autor discorre sobre as negociações feitas com a esposa, os protocolos adotados ao entrar em casa e as formas encontradas para manter contato quando passou a não poder mais encontrar a família. Kuo conta que, após os turnos de trabalho que chegam a ter mais de 12 horas de duração, tem que se contentar em conversar com a esposa e filhos através da tela — mas agradece pela qualidade da imagem, “que é quase como se eles estivessem aqui comigo” (KUO, 2020, tradução nossa). Porém, o autor reflete e lamenta:

Essa tecnologia em tempo real às vezes é uma espécie de provocação, um lembrete agonizante de que nossa tecnologia em tempo real não foi boa o suficiente para reconhecer um vírus que se espalhou despercebido por tantas comunidades. Uma provocação de que, apesar de nossas proezas tecnológicas, nossas capacidades de teste ainda são lamentavelmente inadequadas. Como não temos tecnologia, capacidade ou recursos para testar e saber, amigos e familiares devem ficar separados (KUO, 2020, tradução nossa).

Após dar detalhes das dificuldades enfrentadas pelos profissionais da linha de frente e dos sofrimentos vividos nas UTIs de Covid, Kuo afirma: “Em tempos de coronavírus, ‘eu te amo’ é o que dizemos antes da solidão ou da perda, não antes de um abraço ou beijo” (KUO, 2020, tradução nossa), salientando assim o papel do amor em momentos difíceis. Mesmo sendo uma coluna literária, o texto publicado reforça a função jornalística do *The New York Times* ao afirmar, em mais uma frente e com uma abordagem de apelo sentimental, a necessidade de se praticar o distanciamento social para preservar a saúde. Não é coincidência que o primeiro autor a publicar sobre pandemia na coluna seja um médico, como forma de dar mais credibilidade e seriedade ao momento enfrentado e mostrar uma visão de dentro, de quem está de fato na linha de frente do combate à doença e vendo os estragos provocados. Kuo apresenta o verdadeiro testemunho de Agamben (2008), da pessoa que chegou o mais próximo da morte e — até aquele momento — sobreviveu para contar o que viu. O texto reforça pelo viés emocional que amar é manter a distância, e que é preciso amar à distância como respeito à vida de todos, uma vez que ninguém está imune à pandemia. Há também um jogo de

repetições em que a expressão “eu te amo” é utilizada para substituir “adeus”, como forma de salientar o caráter de urgência e as incertezas no combate à pandemia. Por fim, James conclui:

Superar o surto não será fácil e o pior ainda está por vir. Nenhum de nós sairá ileso. Mas acredito que dizer adeus por enquanto — e depois manter distância — é nossa melhor esperança de sobreviver e ser capaz de voltar a uma época em que posso abraçar minha esposa e filhos sem medo.

Quando “eu te amo” significa “olá” novamente (KUO, 2020, tradução nossa).

Assim, o primeiro texto publicado pela coluna sobre a pandemia de Covid-19 cumpre a função de noticiar os leitores sobre a doença também através das crônicas publicadas no jornal. Como o próprio editor afirmou, a publicação visa ser o espaço que noticia sobre como se ama na atualidade (UVA TODAY, 2021), e através deste conto a coluna se posiciona diante da pandemia de forma combativa e apoiada na ciência, reforçando a necessidade de ficar em casa, adotar as medidas de contenção do vírus e manter o distanciamento social para preservar a vida das pessoas que amamos.

Em mais um esforço de incentivar as pessoas a ficarem em casa, a coluna lançou uma chamada para convidar os leitores a contarem como está sendo a experiência do isolamento social (THE NEW YORK TIMES, 2020a), e publicou, em maio e junho de 2020, os especiais “*Alone*” (BENNETT; JONES; STRZEMIEN, 2020) e “*Together*” (BENNETT *et al.*, 2020), com histórias de confinamento no período em que o *lockdown* estava sendo aplicado pela grande maioria dos países. Fotos, vídeos e textos trazem perspectivas de moradores de diversos pontos do mundo sobre a experiência do isolamento social, seja ele enfrentado sozinho ou em companhia. Através desses especiais, a coluna reforça o papel social do jornalismo ao compartilhar exemplos de pessoas que estavam seguindo as recomendações necessárias para preservar a vida, abrir espaço para o diálogo sobre possíveis problemas enfrentados durante a pandemia e fomentar o sentimento de comunidade entre os leitores, ao mostrar que todos estávamos passando por questões similares. Além dos textos, as coletâneas de fotos das casas, vistas das janelas, animais de estimação e plantas dão o sentimento de união entre as pessoas, mostrando que, apesar das dificuldades, todos estávamos enfrentando um momento histórico único com o objetivo de chegar ao outro lado.

Em “*Alone*” (BENNETT; JONES; STRZEMIEN, 2020), publicado em 13/05/2020, 19 pessoas dão depoimentos sobre a experiência de passar o isolamento social sozinhas. Apesar de não ser uma unanimidade, muitos dos depoimentos tratam da solidão de estar sem um

parceiro romântico-afetivo-sexual nesse período e da falta de perspectiva de se ter uma companhia. Outros demonstram felicidade por poder desfrutar da própria companhia e não precisar seguir convenções sociais. Há também depoimentos de pessoas que relatam medo por estarem sozinhas nesse período e preocupação caso fiquem doentes. A seguir, apresento alguns dos relatos publicados no especial.

Em um deles, Phyllis Coletta comemora a felicidade de viver sozinha e que é a inveja de muitas amigas, “que não podem falar comigo no telefone quando o marido está no mesmo cômodo” (BENNETT; JONES; STRZEMIEN, 2020, tradução nossa). “Apesar do sofrimento, há tanta beleza agora no mundo. No meu pequeno espaço e silêncio, não há nada que eu queira ou precise. Estou bem” (BENNETT; JONES; STRZEMIEN, 2020, tradução nossa), conclui. Nos depoimentos, há a necessidade de se afirmar que, apesar do medo do vírus e do período de incertezas, a pessoa está bem, em segurança e grata por ter condição de se proteger. Em outro depoimento, Simone Samuels lamenta estar cansada de ter que fazer tudo sozinha e que se sente ansiosa e solitária: “Há a sensação de que essa quarentena consolidará ainda mais a minha solteirice. O distanciamento social faz com que formar conexões significativas pareça quase impossível” (BENNETT; JONES; STRZEMIEN, 2020, tradução nossa). Além disso, a autora lamenta a falta de parceiros sexuais: “Pensei em todos os casais fazendo sexo na quarentena. Ah, poder dar uma rapidinha entre as reuniões do *Zoom*. Meu ex entrou em contato durante esse período para ‘verificar como estou’. Baixei o *Bumble* pela quarta vez.” (BENNETT; JONES; STRZEMIEN, 2020, tradução nossa). Já Shelby Condray estabelece uma relação entre a pandemia de Covid-19 e a de Aids e relata também a falta de sexo e o medo de se expor ao vírus:

Como alguém que saiu do armário em meados dos anos 90, fui ensinado a ter pavor de sexo, aprendi que isso poderia me matar como aconteceu com tantas outras pessoas LGBTQ. O recente advento da profilaxia pré-exposição (PrEP) significou que o sexo não era mais sinônimo de morte e, por alguns anos, a vida estava ótima.

Entra o novo coronavírus, e mais uma vez sexo = morte. Minha bolha de isolamento não inclui nenhum dos meus amigos com benefícios; não temos esse nível de relacionamento. Enviamos alguns emojis de berinjela para dizer que estamos vivos, mas nenhum de nós está arriscando a vida para se conectar pessoalmente.

Agora estou me perguntando se algum dia vou fazer sexo novamente. Parei de tomar a PrEP na semana passada. Usei o dinheiro para comprar um cafetã e um turbante (BENNETT; JONES; STRZEMIEN, 2020, tradução nossa).

Nesse trecho, podemos ver que há um senso de intransponibilidade na pandemia. Naquele momento em que os viventes relatam suas experiências, muitos parecem não conseguir

enxergar uma linha de chegada do outro lado, um futuro em que a pandemia não exista, embora outros anseiem por um futuro sem o vírus, em que poderão se conectar às pessoas amadas novamente. Por fim, há histórias que mostram que, apesar da pandemia, a vida continua, e que esse tem sido um período fértil para lidar com outras perdas e problemas não relacionados ao vírus. Em seu depoimento, Erin Agee comemora silenciosamente poder viver o luto da perda do marido durante o isolamento, sem precisar ceder a pressões sociais:

Eu sabia que era egoísta ficar feliz quando chegaram as ordens de ficar em casa. Eu sabia que milhões já haviam sido afetados. Mas dentro do meu quarto, no meu pequeno coração em luto, eu estava aliviada. Finalmente fui liberada das reuniões que demandavam a minha presença mesmo quando eu não me sentia eu mesma (BENNETT; JONES; STRZEMIEN, 2020, tradução nossa).

Nessas histórias, fica evidente os sentimentos mistos que a pandemia despertou nas pessoas. Já *“Together”* (BENNETT *et al.*, 2020), publicado em 12/06/2020, reúne 18 relatos de pessoas sobre suas companhias nos primeiros meses da pandemia. Aqui, além de notar a gratidão por ter companhia no período de isolamento e as novas experiências compartilhadas, também são perceptíveis os problemas de relacionamento evidenciados pelo *lockdown*. Em muitos dos relatos, um problema que transparece é a maior carga assumida pelas mulheres ao estarem limitadas ao ambiente doméstico, conforme foi evidenciado também no capítulo anterior: “Fiquei doente por duas semanas em abril, embora não tenha feito o teste de coronavírus. Aprendi que poderia contar com meu marido — brevemente. Demorou duas semanas para ele passar de muito disposto a contribuir para visivelmente irritado por eu ainda não estar me sentindo 100%” (BENNETT *et al.*, 2020, tradução nossa), compartilha Candace Fujii. Em seu relato, a autora trata também da relação com maternidade, trabalho e desejo de voltar para a casa dos pais. Em outro relato, Kendra Peart compartilha o sentimento e comenta sobre a estranheza de brigar com o parceiro quando não se pode sair de casa: “Nossa maior discussão foi depois que pedi a ele para ajudar mais nas tarefas e ele me chamou de resmungona. Não sei por que, mas isso me engatilhou e não nos falamos por um dia. Nós apenas nos evitávamos desajeitadamente pela casa” (BENNETT *et al.*, 2020, tradução nossa). Ela relata que logo fizeram as pazes, mas que o dia em que não conversaram foi revigorante, pois precisava desse espaço. A leitora Liz Carroll também comenta sobre os incômodos causados pelos maneirismos do marido, percebidos por causa do excesso de convivência e pela falta de proatividade, mas conclui: “Dito isso, nosso relacionamento está sólido como pedra” (BENNETT *et al.*, 2020, tradução nossa).

Em outros relatos publicados neste especial, casais compartilharam sobre as novas experiências proporcionadas pela pandemia. A brasileira Bianca Carminati se viu presa em uma ilha na Indonésia com o namorado, com quem tinha um relacionamento a distância:

Desde o *lockdown*, tivemos conversas muito intensas, resolvendo muito do nosso passado. Questões de ciúme que nunca fizeram parte de nossa história de repente se tornaram inescapáveis. Pensamos em nos separar. Mas sem barcos saindo da ilha e sem voos saindo da Indonésia, partir não era uma opção. Agora, quase três meses depois, estamos loucamente comprometidos um com o outro (BENNETT *et al.*, 2020, tradução nossa).

Um ponto de destaque percebido nesses relatos é a possibilidade de conhecer profundamente seu parceiro, ultrapassando barreiras que antes existiam no relacionamento. Nesse sentido, Kellie Krueger compartilhou:

No geral, nos comunicamos com mais profundidade do que antes desta pandemia. A melhor parte foi aprender mais sobre a verdadeira natureza um do outro. Quando estou me sentindo para baixo, não preciso falar ou explicar. Tony estende os braços para me abraçar e sugere que façamos um passeio para ver o oceano (BENNETT *et al.*, 2020, tradução nossa).

É perceptível que, em situações como estas, a pandemia deu aos casais a oportunidade para se conhecerem melhor e se aprofundarem na relação amorosa, acessando camadas até então desconhecidas do parceiro e de si mesmos. E assim como em “*Alone*”, neste especial também há relatos sobre a pandemia ter se tornado um período de isolamento necessário para viver um luto, mesmo que a perda não seja relacionada ao vírus:

Antes de entrarmos na quarentena, eu e meu marido sofremos um aborto espontâneo. Fiz um procedimento de dilatação e curetagem uma semana antes do *lockdown* na cidade de Nova York. Tivemos que nos ajustar rapidamente à nossa nova realidade: ficar em casa, perder uma gravidez e meu marido ser demitido (BENNETT *et al.*, 2020, tradução nossa).

Apesar do sofrimento inevitável, Kelly Sterling comenta que o período de isolamento foi necessário para que ela e o marido pudessem elaborar o luto de uma forma que normalmente não conseguiriam, e que proporcionou momentos de conversa e acolhimento com amigos e familiares de outras partes do mundo. Por fim, outras histórias mostram que o período de isolamento social compartilhado serviu para que o casal percebesse que o relacionamento não estava mais funcionando. Amber Elliot revelou que a pandemia evidenciou as dificuldades de

comunicação entre ela e o companheiro, e por isso ambos decidiram por não renovar o contrato de aluguel e que ela se mudaria para o outro lado do país: “Este tempo foi revelador não apenas para o meu relacionamento, mas para toda a estrutura e significado da minha vida” (BENNETT *et al.*, 2020, tradução nossa), conclui.

A partir dos relatos publicados nos dois especiais, é possível ter uma visão ampla de como a pandemia provocou transformações na intimidade dos viventes desse período, estivessem eles em um relacionamento amoroso ou solteiros. Além disso, ambas as publicações colaboram com o papel social e jornalístico da coluna, ao dar voz a um fenômeno e trazer relatos diversos sobre um assunto de evidente importância. Outra publicação que cumpriu esse importante papel foi o texto “*May We Please Just Date Without Hate?*” (CHUNG, 2022), publicado em 27/05/2022. Nessa história finalista no concurso de redações universitárias da coluna, a jovem Joyce Juhee Chung relata o início de um namoro por aplicativo, a volta para a cidade de Nova York em setembro de 2020, após o período de isolamento social, e o encontro com uma cidade tomada pelo racismo asiático.

A euforia do nosso primeiro encontro, porém, durou pouco. A cidade não era bem como lembrávamos. Houve algumas pequenas diferenças que foram imediatamente perceptíveis, como a forma como o trem A do centro estava muito menos lotado. [...]

Mas outras mudanças foram mais perturbadoras e indicaram uma perigosa mudança de atitude ao longo dos meses em que estivemos fora.

A caminho de encontrar Bryce para nosso terceiro encontro, um estranho na calçada murmurou para mim: “*Chink*⁶, eu juro, vocês todos vão voltar para a China em breve” (CHUNG, 2022, tradução nossa).

Chung então relata uma série de violências que sofreu em espaços comuns: “Quer fosse um comentário descaradamente xenofóbico dirigido a mim em público ou uma piada mal informada de um colega de trabalho no meu estágio, eu não conseguia escapar da impressão de que não era bem-vinda nesta cidade” (CHUNG, 2022, tradução nossa). Enquanto sofria com a guinada racista observada em Nova York, a autora temia também sobrecarregar o namoro recente ao relatar os episódios de violência. Porém, Bryce — que também é de ascendência asiática — se manteve como um refúgio nesse período sombrio e demonstrava preocupação com a segurança de Joyce: “Saber que não estava sozinha e que poderíamos navegar juntos por esta cidade mudada me trouxe muito conforto” (CHUNG, 2022, tradução

⁶ *Chink* é um xingamento de cunho racista usado nos Estados Unidos para se referir a pessoas de ascendência chinesa.

nossa), comenta. O amor e cuidado do parceiro foram essenciais para que a autora se sentisse protegida e acolhida diante dos episódios de violência.

Além de dar espaço para que Chung pudesse narrar o caso de racismo que estava sofrendo em Nova York, a publicação na coluna cumpriu funções informativas, ao linkar para notícias de racismo asiático no país e abordar campanhas lançadas para combater o ódio à população asiática. Por fim, a autora concluiu:

Quando penso em Bryce e eu, as representações típicas de um amor jovem e sem preocupações não parecem se aplicar. Nós somos mais cautelosos, determinados e reais do que nunca.

[...] Estranhamente, em meio a toda essa loucura, nunca Bryce e eu desejamos ir embora. Há algo inegavelmente mágico em estar apaixonados na cidade de Nova York. E não vamos deixar nenhum racismo ou ódio tirar isso de nós (CHUNG, 2022, tradução nossa).

A história escrita por Chung ajudou a dar voz às angústias vividas por uma parcela significativa de habitantes do país e contribuiu para o combate a mais essa herança negativa deixada pela pandemia e pela falsa ideia de que a população asiática teria qualquer ligação ou responsabilidade pelo surgimento e espalhamento do coronavírus. Assim, a coluna contribuiu, a seu modo, para que o racismo asiático fosse enfrentado, partindo mais uma vez do viés emocional para gerar impacto no público leitor.

A pandemia e os mecanismos de enfrentamento da solidão

Outra questão evidenciada nos textos analisados foi a solidão sentida pelas pessoas, principalmente por aquelas que passaram pelo período mais austero do isolamento sozinhas. Todas as histórias analisadas que trataram desse tema foram escritas por mulheres. Nas crônicas, muitas das autoras compartilharam porque estavam sozinhas nesse período e como fizeram para lidar com os sentimentos de medo, solidão e desamparo que foram potencializados pela pandemia.

Em um dos primeiros textos a abordar a solidão sentida por pessoas solteiras durante a quarentena, a autora Sarah Rosen descreve, em sua crônica “*When It’s Either Your Ex, or Nobody, for Months*” (ROSEN, 2020), publicada em 24/04/2020, como enfrentou o término de um namoro nas primeiras semanas de isolamento. A história do término é permeada pelo

momento em que encontraram o vizinho de Rosen morto no apartamento ao lado. A autora conta que o namorado terminou com ela uma semana antes do ocorrido, e logo após a OMS ter declarado a pandemia.

Determinada a permanecer otimista, eu estava fazendo sopa de galinha e ouvindo Motown quando meu namorado entrou pálido e triste. Dei uma olhada nele e sabia que ou ele tinha uma atualização trágica sobre o coronavírus ou nosso relacionamento estava prestes a terminar.

É preciso um tipo particular de crise para fazer com que seu namorado terminando com você seja a melhor notícia. Ao nos despedirmos com um abraço, ele disse, em meio às lágrimas: “Há uma piada sobre distanciamento social aqui em algum lugar” (ROSEN, 2020, tradução nossa).

Em meio à crise sanitária e risco de vida, um término não parecia a pior das hipóteses para Rosen, mas ainda assim a deixou abalada, principalmente devido ao contexto já pesado para lidar com mais uma perda. Em um primeiro momento, a autora conta que se sentiu tentada a atribuir o término à pandemia e esperar que o namorado mudasse de ideia. Porém, após alguns dias, Rosen começou a passar mal e não sabia se os sintomas eram de Covid, alguma outra doença ou uma manifestação emocional do período que estava enfrentando. Como vivia sozinha, decidiu chamar o ex-namorado para ajudar.

Depois de um rompimento, geralmente tento reafirmar minha independência e me cercar de amigos, mas agora isso era impossível. Eu temia que pedir ajuda ao meu ex tão cedo fosse parecer carência, mas estava doente demais para me importar, então mandei uma mensagem para ele.

Quando ele apareceu na minha porta com Tylenol, Gatorade, Imodium e Pedialyte, senti uma gratidão imensa. Isso era um sinal promissor ou ele estava apenas sendo humano? A pandemia eliminou as regras normais de um término e estávamos em um novo território obscuro (ROSEN, 2020, tradução nossa)..

As regras confusas de como enfrentar um término durante uma crise mundial, combinadas ao medo da doença, solidão e ansiedade resultaram em momentos difíceis para a autora enfrentar sozinha. Após o vizinho de 80 anos ter sido encontrado morto, certamente devido ao coronavírus, Rosen se viu mais uma vez entrando em contato com o ex-namorado em busca de conforto: “Meu vizinho morrendo sozinho em seu apartamento parecia o prenúncio de mais luto, e de repente fiquei com medo de ficar sozinha. Mandei uma mensagem para meu ex para contar o que aconteceu e aliviar a solidão insuportável que essa morte desencadeou em mim” (ROSEN, 2020, tradução nossa). Em meio a um período tão incerto sobre a vida, a autora sentiu necessidade de recorrer ao ex para se sentir segura e confortada durante a

pandemia. Aos poucos, Rosen percebeu que, como continuava mantendo contato constante com o ex-namorado, eles podiam considerar que estavam se isolando juntos, tendo entrado então em uma nova zona cinzenta do relacionamento. “Não mais parceiros românticos, nós nos tornamos parceiros pandêmicos. Talvez, pensei, nosso relacionamento estivesse em pausa como a cidade, como o mundo. Ou talvez, como tantos casais, estivéssemos sendo mantidos juntos por medo de ficarmos sozinhos” (ROSEN, 2020, tradução nossa). Sem outras formas de ter companhia, se sentir segura e ocupar o tempo, Rosen se apegou à ideia de que o isolamento os faria voltar ao namoro. Porém, logo percebeu que o retorno não aconteceria:

Conforme minhas esperanças por nós diminuía, meu medo de ficar sozinha crescia. Eu não sabia o que fazer. Se eu parasse de vê-lo, não passaria tempo com ninguém por sabe-se lá quanto tempo. Eu tinha medo de sentir falta dele, pois já sentia falta de todo mundo. As sirenes começaram a soar com mais frequência do lado de fora da minha janela, e eu me forcei a aceitar os estranhos termos de nosso relacionamento para que não tivesse que terminar (ROSEN, 2020, tradução nossa).

Pela falta de perspectivas, a autora optou por permanecer na relação que já havia terminado para não ter que enfrentar a pandemia sozinha. Até que, confuso com a zona cinzenta, o ex-casal finalmente discutiu a situação. A conversa narrada pela autora toca justamente em um dos interesses desta pesquisa: “Quais são as regras de um término em uma pandemia?” ele disse. ‘Ninguém sabe! Teríamos que voltar em 1918 e perguntar.’” (ROSEN, 2020, tradução nossa). De fato, os viventes da pandemia estavam enfrentando um período inédito, sem uma trajetória já traçada ou ferramentas emocionais para saber como lidar com o turbilhão de sentimentos que envolvia uma crise mundial, medo da morte e isolamento social, além de todos os problemas da vida cotidiana que continuavam acontecendo enquanto isso. Na conversa, ambos se deram conta de que não seriam felizes juntos em longo prazo e optaram por finalmente enfrentar o medo de ficar sozinhos.

O isolamento não mudou nenhum de nós; apenas esclareceu o que compartilhávamos e o que nos faltava. Nosso cuidado mútuo não mudou o fato de que, quando estava com ele, me sentia sozinha. Eu sabia então que reviver minha decepção em nosso relacionamento toda vez que o via era muito difícil e que eu tinha que enfrentar a solidão. Eu disse a ele que devíamos parar de nos falar e levei minha mala de roupas limpas para casa, chorando o caminho todo (ROSEN, 2020, tradução nossa).

Apesar de ter que viver o término duas vezes, Rosen se entregou à solidão e descobriu que nem sempre o sentimento vem acompanhado de solidão: “No entanto, estar sozinha tem seus prazeres. Estou ouvindo os audiolivros de Jane Austen em minhas caminhadas diárias.

Absorvida em seus comentários sociais exigentes, me sinto engajada e livre” (ROSEN, 2020, tradução nossa). Mesmo enfrentando a codependência no relacionamento, a autora conservou o cuidado que tinha com o ex-namorado e continuou praticando esses gestos, mas sem a intenção de reatar o namoro: “Embora eu não tenha mais medo de ficar sozinha, também sei que ninguém é autossuficiente, especialmente agora, e que ele e eu estaremos lá um para o outro enquanto isso durar. Cuidar é a parte que sempre acertamos” (ROSEN, 2020, tradução nossa), conclui. Mesmo tendo prolongado o término para adiar o sofrimento de enfrentar sozinha a pandemia, Rosen se deu conta de que não fazia sentido se prender a uma ilusão de amor romântico para se sentir cuidada; de alguma forma, enfrentar o medo de ficar sozinha foi o desafio necessário para que ela tivesse essa elucidação, que certamente só foi possível por causa da pandemia.

Em outro texto, “*The Pandemic Arrived. His Text Back Did Not.*” (KLORFEIN, 2020), publicado em 04/12/2020, Jenna Klorfein narra o momento em que percebeu que uma relação que estava começando não teria futuro durante a pandemia. Na crônica, Klorfein apresenta uma relação que estava alcançando a marca dos três meses — período informalmente considerado como o momento de definir a seriedade do relacionamento — logo antes da pandemia. Após ter tido uma conversa com o parceiro (a quem ela chama de “o corredor”, por ser atleta) sobre seus sentimentos e a necessidade de receber uma validação dele sobre o compromisso, a autora recebeu como resposta que ele valorizava a própria independência e não tinha espaço para estar com ela mais do que uma vez por semana. Coincidentemente, essa conversa ocorreu na mesma semana em que a cidade que Klorfein mora instituiu o distanciamento social, e assim ela entrou em *lockdown* enfrentando uma decepção amorosa:

O mundo pareceria muito diferente durante a pandemia. E, no entanto, minhas preocupações primárias continuavam as mesmas. Como muitos nova-iorquinos, senti pavor ao ler as manchetes diárias. Eu chegava em cada manhã ansiosa, percebendo que a gravidade desta crise continuaria a se desenrolar. Mas os pensamentos que me mantinham acordada às 2 da manhã permaneciam tão egocêntricos quanto antes da Covid-19: Eu estou sozinha. Eu não sou amável. E se eu ficar sozinha para sempre? (KLORFEIN, 2020, tradução nossa)

Mais uma vez, fica evidente a sensação que muitos dos viventes tinham nesse período de que a pandemia não seria um estado transitório, mas uma nova forma de vida, um momento apocalíptico que teríamos que enfrentar mesmo não enxergando um novo mundo após ele. A autora então descreve o pânico que sentiu por intimidade e a necessidade de estocar parceiros afetivos como se estoca mantimentos em uma crise:

À medida que a crise se acelerava, aumentava também o pânico por intimidade. Não havia tempo para procurar alguém mais certo. Você tinha que pegar a melhor opção disponível. Eu queria estocar parceiros românticos como papel higiênico. A loja estava sem Charmin, então peguei freneticamente o Scott de 99 centavos. O corredor e eu começamos a trocar mensagens novamente. E então ele me deu *ghosting*⁷ (KLORFEIN, 2020, tradução nossa).

O “*ghosting*” sofrido pela autora pouco depois de ter sido sincera sobre os seus sentimentos pelo então parceiro vai de encontro à noção trabalhada no Capítulo 3 de que os assuntos ligados ao amor são de maior interesse às mulheres do que aos homens, devido à construção social do feminino. Como aponta Lipovetsky, “As questões amorosas são abordadas com reticência pelos homens, com predileção pelas mulheres: à inibição de uns corresponde a expansividade das outras” (LIPOVETSKY, 2000, p. 31). A reticência do corredor, neste episódio, corresponde à forma masculina de optar por não lidar com os sentimentos que envolvem as questões amorosas. Na outra ponta, o comentário dela sobre “estocar parceiros” evidencia o modo consumista como o amor é vivido, em que é preciso ter um parceiro romântico independentemente da qualidade da relação em si.

Como citado nas hipóteses desta pesquisa, a autora afirma que o período de *lockdown* foi o momento decisivo para pessoas em início de relacionamento decidirem se continuarão juntas ou não: “a sabedoria convencional gritava na época: se vocês são um casal, sejam um casal. Quarentenem juntos, ou terminem” (KLORFEIN, 2020, tradução nossa). E enquanto passava pelo término, Klorfein assistia amigas “superarem o obstáculo” (KLORFEIN, 2020, tradução nossa) e fortalecerem o namoro durante a pandemia. Ao lidar com o sumiço do então parceiro, a autora percebeu que, na pandemia, as pessoas perderam muitas das possibilidades de distrações, e que a outra pessoa possivelmente não está ocupada para não responder, mas fazendo a escolha de ignorar as mensagens. Da mesma forma, a rejeição se tornou mais visível e dolorosa, uma vez que ela não tinha mais a possibilidade de se distrair com o mundo exterior. Porém, enquanto “espiralava em hipóteses” (KLORFEIN, 2020, tradução nossa), a autora teve também algumas reflexões que a ajudaram a entender melhor o período que estava passando.

Nossa necessidade de conexão e reciprocidade aumenta em tempos de crise. O mundo gira fora de seu eixo e nós nos voltamos para quem está por perto para evitar que espiralemos junto. Mas mesmo que o distanciamento social apresente desafios, as oportunidades de dar suporte para as pessoas que gostamos são vastas. Elas apenas

⁷ *Ghosting* é uma expressão usada para designar o término repentino de uma relação através do sumiço ou corte abrupto de comunicação por parte do parceiro.

assumem novas formas: telefonemas às 2 da manhã para seu amigo do outro lado do país, *playlists* compartilhadas, *happy hours* virtuais.

Esses momentos de conexão mútua oferecem a base que precisamos. Sentimos que estamos sendo confortados, mesmo quando ninguém está fisicamente presente para nos segurar. O *ghosting* dele confirmou meus temores de que esse relacionamento, por outro lado, não conseguisse suportar nenhum peso (KLORFEIN, 2020, tradução nossa).

Aqui, a noção de amor como possibilidade de enraizamento ontológico, como conceitua May (2012), fica evidente: principalmente em períodos de crises e incertezas, as pessoas tendem a se voltar para pessoas amadas para se sentirem seguras e fixadas na realidade, uma vez que não conseguem encontrar esse conforto em si mesmas. Klorfein almejou construir esse nível de aprofundamento com o corredor, mas logo percebeu que aquela relação não sustentaria suas demandas emocionais. Por fim, a autora conclui que a quarentena foi o período necessário para confrontar as próprias necessidades:

Eu estava sentindo falta de algo maior do que essa pessoa, a quem eu ainda não conhecia de verdade. A dor não era apenas pela rejeição, mas a decepção de pensar que alguém poderia fornecer o que eu procurava tão desesperadamente em todos os relacionamentos: reciprocidade, correspondência emocional, segurança.

O amor durante a quarentena não é diferente do amor em qualquer outro momento. O *feed* do *Instagram* sinalizava um aumento no número de amigas ficando noivas, mas a quarentena não faz surgir amor do nada, nem termina um relacionamento que já estava fora de controle. Ela só deixa tudo mais evidente (KLORFEIN, 2020, tradução nossa).

A partir desse texto, podemos perceber que, apesar de a experiência vivida na quarentena ter forjado a necessidade de um parceiro romântico para enfrentar o período juntos, foi também uma fase em que as pessoas puderam reavaliar as próprias necessidades e entender quais tipos de relacionamentos fazia sentido manter naquele momento, mesmo que isso acarretasse em solidão afetiva.

Em muitos dos textos analisados que tratam da solidão durante a pandemia, a ideia de um futuro melhor é o que parecia dar esperança para as pessoas enfrentarem o período incerto. Em “*Widow Walks Into Wall, Finds Hope*” (MOSKOWITZ, 2020), publicado em 10/04/2020, a autora Bette Ann Moskowitz conta sobre a experiência de ter ficado viúva nas vésperas da pandemia, após um casamento de 56 anos. Além de relembrar a história do casamento, Moskowitz relata como estava sendo enfrentar a pandemia sozinha e em luto: “Quais são as chances de que ficar viúva às vésperas de uma pandemia e ter que praticar o auto-isolamento

em luto me dê alguma perspectiva sobre a vida e a morte? Ou, dito de outra forma, será que eu vou sobreviver?” (MOSKOWITZ, 2020, tradução nossa). Ao longo do texto, Moskowitz fala sobre o processo de encontrar o compasso do casamento a cada década e o desejo de terminarem a vida juntos. Com a morte do marido e isolada sozinha em casa, ela almejava viver além desse período:

A pandemia me distrai. Sento-me sozinha, incapaz de estar com os meus filhos. Mas não estou pensando que preferiria morrer a viver sem ele. Em vez disso, estou pensando que depois de toda essa vida, espero não morrer. Eu quero ver o que vem a seguir. E acredito que é isso que uma vida inteira de um bom amor pode fazer (MOSKOWITZ, 2020, tradução nossa).

O apego a um futuro melhor também é o que ajudou Patricia Liu a enfrentar o período de isolamento social que teve que ficar longe de seu namorado. No texto “*Pushed Together for 48 Days, Then Pulled Apart for 49*” (LIU, 2020), publicado em 21/08/2020, Liu narra o momento em que seu namorado viajou para fazer treinamento militar, após passarem 48 dias juntos em isolamento social na casa da família da autora. Para lidar com os quase 50 dias que ficaria sem comunicação com o parceiro, após terem vivido por uma fase de convivência intensa, Liu recorreu a enviar uma carta por dia para o acampamento.

Tudo que eu podia fazer era continuar escrevendo cartas todas as noites, então eu fiz. Fui à fundo na história de nosso relacionamento, desde os primeiros dias até nossa quarentena, desde nosso amor jovem e nervoso até as brigas que parecíamos começar e resolver no decorrer de um domingo. Quando não consegui pensar em uma lembrança, comecei a escrever sobre o futuro: o cachorro que adotariamos, os filhos que teríamos, os quatro anos que provavelmente passaríamos separados e o promissor longo período posterior em que estaríamos juntos (LIU, 2020, tradução nossa).

Apesar do esforço, Liu soube ao final do treinamento que seu namorado não havia recebido quase nenhuma carta, mas ela não se importou, porque a experiência de ter tido a disciplina para escrever todas as cartas, mesmo com dúvidas e ansiedades sobre o relacionamento, era o que valia. Afinal, as cartas foram o que a mantiveram ocupada durante o tempo em que não pôde estar com o parceiro e foi o alívio que encontrou para lidar com as questões que tinha durante aquele período incerto.

Na história “*I’ll Get By With a Little Help From My Herd*” (CORNWELL, 2023), publicada em 20/01/2023, Betsy Cornwell conta sobre como se livrou de um relacionamento abusivo ao fugir de casa com o filho, ainda bebê, enquanto morava em um país estrangeiro sem o suporte

da família. Com a pandemia, Cornwell pôde se conectar com amigos e familiares de outra forma, uma vez que estavam todos em isolamento:

Eu poderia estar sozinha com uma criança pequena, mas todos os outros também estavam sozinhos em suas casas. Ao entrar para reuniões no *Zoom* com familiares e amigos que não encontrava há anos, me senti menos isolada do que antes do *lockdown*. Apesar da sensação assustadora da desgraça de Covid, eu meio que não queria que aquilo acabasse (CORNWELL, 2023, tradução nossa).

Apesar de a pandemia impossibilitar as pessoas de estarem fisicamente juntas, ela facilitou a conexão entre aqueles que outrora estavam distantes, uma vez que, impossibilitadas de fazer outras coisas, as pessoas passaram a recorrer ainda mais à internet a fim de distrações, atividades e socializações seguras entre isolados. No virtual, a autora finalmente se sentiu segura para se abrir e falar sobre o relacionamento abusivo e as dificuldades que vinha enfrentando:

Foi naquele espaço desincorporado que me senti segura o suficiente para começar a me abrir para as pessoas novamente. Online, falei sobre minha dor pelo divórcio, as dificuldades em ser mãe solteira, meus problemas financeiros. Eu vivia com medo de ser despejada e de ser separada do meu filho caso meu ex conseguisse me deportar. Online, não precisei explicar minha perda de peso ou a maneira como me encolhia com um toque inesperado (CORNWELL, 2023, tradução nossa).

Através da internet, Cornwell pôde construir sua rede de apoio e atravessar pelo período do divórcio e da pandemia sendo imigrante. Como apontado por Illouz, as relações estabelecidas em rede têm como força não se apoiarem no aspecto físico da pessoa, proporcionando assim conexões mais autênticas, e isso, para a autora, foi um detalhe importante. Ao mesmo tempo em que a pandemia intensificou o processo solitário vivido por ela, foi também o período necessário para que ela desenvolvesse ferramentas para lidar com a própria situação, tendo, através da rede de apoio que solidificou durante a pandemia, conseguido juntar fundos para criar um lar de acolhimento para mães vítimas de relacionamentos abusivos.

A pandemia como evidenciador de problemas no relacionamento

Além de revelar questões que pessoas sozinhas precisavam lidar, a pandemia também trouxe conflitos para pessoas que passaram a ter que conviver intensamente com seus parceiros. Como apontado nas hipóteses da pesquisa, um dos acontecimentos verificados durante a

quarentena foi o aumento de problemas de relacionamento, provocado pelo período de isolamento social, que diminuiu a convivência com o mundo externo e concentrou as pessoas no ambiente doméstico. Porém, ao olhar para as histórias analisadas que trazem essa nuance, é possível perceber que a pandemia não fez surgir esses problemas, mas evidenciou questões que o casal já precisava lidar.

No conto “*Lockdown Was Our Breaking Point*” (EL-FAISY, 2021), publicado em 15/01/2021, Monique El-Faizy apresenta o fim de um casamento de dois anos.

Nosso casamento de dois anos já estava passando por dificuldades antes que a pandemia colocasse a França em confinamento. Agora aqui estávamos nós, presos no nosso apartamento em Paris com meus dois filhos adolescentes. “*Le confinement*”, como os franceses liricamente chamam.

Meu marido, duas décadas mais novo que eu, buscou refúgio de toda a convivência forçada fazendo barricada no quarto de hóspedes, empurrando o sofá-cama pesado — normalmente usado pelo meu ex-marido quando vem visitar os filhos — contra a porta (EL-FAISY, 2021, tradução nossa).

A relação, como descreve a autora, já estava enfrentando problemas desde antes da pandemia. Após divorciar-se de um casamento de 20 anos, El-Faizy se apaixonou por um homem com a mesma idade que ela tinha ao se casar pela primeira vez. Ao optar por um parceiro significativamente mais novo, a autora sentiu que estava fazendo uma escolha por seu empoderamento sexual, ao invés de ocupar mais uma vez o papel de mãe — El-Faizy é também mãe de dois filhos adolescentes, que viviam com o casal. Porém, a realidade das diferenças de poder entre os dois mostrou que a fantasia do amor jovem não se sustentaria a longo prazo.

No início da quarentena, a autora pensou que a distância estabelecida pelo parceiro — em um período em que estavam fadados ao isolamento — poderia fazer bem:

Além disso, que casal não precisa de espaço de vez em quando? Especialmente quando o governo francês permitia apenas uma hora de exercício ao ar livre por dia, a menos de um quilômetro de casa. Para sair de casa, precisávamos preencher um formulário e portar documento de identidade. A polícia estava verificando a papelada e emitindo multas (EL-FAISY, 2021, tradução nossa).

Entretanto, com o passar dos dias El-Faizy entendeu que o auto-exílio do marido não era um bom sinal tanto para o relacionamento quanto para o estado emocional em que ele se encontrava:

Com o passar dos dias, o auto-isolamento de meu marido tornou-se menos benigno. Em pouco tempo, não estávamos nem mesmo trocando monossílabos. Sua principal forma de comunicação tornou-se as missivas que ele deixou em Post-its estrategicamente colocados. Posso acordar de manhã e encontrar “eu esfreguei isso” em uma panela que não estava sendo limpa ou voltar da minha corrida e descobrir “por favor, reabasteça após o uso” no jarro de água (EL-FAISY, 2021, tradução nossa).

No texto, a autora discorre sobre o início do relacionamento, a decisão de se casar e as questões enfrentadas em um relacionamento com uma diferença grande de idade — reflexões que a fizeram chegar ao entendimento de que a relação precisava ter fim. Ao mesmo tempo, ela descreve a sensação de morar com uma pessoa e quase não vê-la, mesmo estando os dois sem sair de casa. Após enfrentar a barricada que separava o companheiro do resto da casa, o casal teve uma conversa franca para entender o que estava acontecendo.

Para ele, “*le confinement*” permitiu recuperar o fôlego. Ele não estava fervendo de raiva no quarto de hóspedes, como eu pensei. A solidão tinha sido um descanso.

[...] O confinamento, ao mesmo tempo, nos trancou e deu origem a uma verdade inevitável: nós nos amávamos, mas o amor não era suficiente (EL-FAISY, 2021, tradução nossa).

Mesmo ao narrar a decisão, é possível perceber que os papéis de mãe e esposa se conflitavam nessa relação, inclusive na forma como a autora descreve suas preocupações com o comportamento do marido durante a pandemia. Quando as normas de confinamento foram suspensas em Paris, cidade em que a história se passa, El-Faizy conta que o marido decidiu alugar um estúdio em um bairro jovem e que, com a saída dele de casa, ela já podia sentir o próprio renascimento:

Carregando uma mala preta abarrotada de roupas, ele saiu de seu exílio auto-imposto e entrou em sua nova vida. Ao vê-lo partir, chorei. Claro que chorei. Mas, terminado o confinamento, já podia sentir as primeiras vibrações do meu próprio renascimento (EL-FAISY, 2021, tradução nossa).

Ao mesmo tempo em que foi um período de grandes perdas, a ideia de renascimento e de iniciar uma nova fase está presente em muitas das narrativas que envolvem a pandemia. Afinal, esse período foi uma mudança paradigmática, que estabeleceu um antes, durante e depois tanto em questões globais quanto no âmbito pessoal.

Já a história “*Please Go Shelter in Another Place*” (WHITE, 2021), publicada em 12/02/2021, acompanha o recomeço de um casamento de 25 anos, estremecido pelo período de confinamento. A história narrada por Michelle White começa com seu marido fazendo as malas e se mudando para um Airbnb, após 25 dias de quarentena em família. Antes do ocorrido, a autora descreve como estava sendo a rotina no lar da família de cinco membros — White, o marido, dois filhos e uma nora, confinados juntos, durante os primeiros dias de pandemia:

Encomendamos quebra-cabeças e jogos, passeávamos com nosso cachorro pelas ruas estranhamente vazias, fazíamos café com ovos, passávamos um pelo outro na cozinha nos intervalos entre as reuniões do *Zoom* e nos encontrávamos novamente depois das 18h para fazer o jantar (WHITE, 2021, tradução nossa).

Com uma percepção de tempo aguçada pelo período de isolamento social, White conta o dia de confinamento em que aconteceu cada marco em sua vida privada: “Então, no Dia 25, tudo quebrou. Enquanto eu estava deitada no azulejo frio do banheiro, com a mão na boca para que as crianças não me ouvissem chorar, Jason saiu. E na sua ausência, os dias passavam como se eu estivesse debaixo d’água: sem fôlego, flutuando, turvo” (WHITE, 2021, tradução nossa). Segundo a autora, seu sofrimento foi tanto com a saída repentina do marido de casa que seus exames de coração apresentaram anomalias, e ela passou a ter que tomar remédios. A convivência com o “futuro-ex-marido” (WHITE, 2021, tradução nossa) continuou de alguma forma, uma vez que ele alternava visitas aos filhos.

Os dias se seguiram enquanto ela lidava com o que compreendia ser uma “crise de meia-idade” (WHITE, 2021, tradução nossa) do marido, mesmo que esse entendimento não alterasse o quanto ela estava sofrendo. Para ela, esse período — não a pandemia, mas a saída do marido de casa — significava um abandono da vida como conhecia, conforme ela compartilha no seguinte diálogo: “‘Acho que as coisas acontecem por uma razão’, disse ele. ‘A quarentena significa que nenhum de nós pode realmente ir embora.’ Mas de certa forma, eu fui; deixei a vida que eu conhecia. Bebia muito e comia pouco. Dormia pouco e pensava demais” (WHITE, 2021, tradução nossa). Ao mesmo tempo, a saída do marido lhe deu oportunidade de ver as possibilidades de vida que ela não conhecia, tanto em aplicativos de relacionamento, com inúmeros parceiros em potencial, quanto na configuração da família:

O Dia das Mães caiu no Dia 48, mais de três semanas depois que Jason partiu. Alexa, que geralmente evita artes e ofícios, fez uma placa que dizia “Feliz Dia das Mães” em letras de papel penduradas. Toquei cada letra, enxugando minhas lágrimas, tentando

me lembrar de que não importa o que aconteça — Covid-19, divórcio, morte — eu ainda sou mãe (WHITE, 2021, tradução nossa).

Com o passar dos dias, o sofrimento de White foi amenizado pelos cuidados dos filhos, as tentativas de estabelecer uma nova rotina e a nova forma de conviver com o marido. “Semanas se passaram. Jason pedalava, eu ficava no *Bumble*. Nós chamamos, sussurramos, gritamos, ficamos em silêncio. Ele ia e vinha de seu Airbnb, tão perto e tão longe” (WHITE, 2021, tradução nossa). Nos esforços de Jason para restabelecer a relação com a família e a esposa, a autora aceitou encontrá-lo para jantar e sentiu como se estivesse em um primeiro encontro. Nesse momento, o marido revelou querer voltar para casa, mas ela não aceitou de primeira: “A princípio, suas palavras foram calmas e pouco convincentes. E o véu foi levantado: eu ia e voltava entre memórias de nossos 29 anos juntos e mensagens provocantes no *Match* e *Bumble*. Eu me perguntei sobre os próximos 29 anos e o que eu queria” (WHITE, 2021, tradução nossa).

A pandemia, e todo o sofrimento trazido com a saída do marido de casa, foi também a oportunidade para White experimentar uma nova forma de enxergar o marido e lidar com o casamento. “Ele tinha um gosto ao mesmo tempo nostálgico e novo. ‘Tão estranho,’ eu disse, e ele parecia prestes a chorar. Eu estava triste e presente e esperançosa. O futuro, por mais incerto que fosse, estava bem na nossa frente” (WHITE, 2021, tradução nossa). Esse foi também o período necessário para a autora refletir sobre os anos de casamento, a relação construída e a ideia de experimentar uma nova vida, com diferentes possibilidades.

O aniversário da Alexa aconteceu no Dia 109, 84 dias após a partida de Jason. Nós cinco comemos crumble de mirtilo [...], e depois que Alexa apagou as velas, Jason limpou a garganta e disse, com a voz embargada: ‘Quero dizer que sinto muito por tudo. Mamãe e eu decidimos — estou me mudando para casa.’ (WHITE, 2021, tradução nossa).

Nesse texto, fica evidente que, apesar de ter estremecido relações, a pandemia foi o período necessário para casais reavaliarem suas escolhas de vida e decidirem entre reforçar pactos ou seguir novos caminhos. Com o isolamento social, as pessoas puderam experimentar um novo tempo para lidar com as relações, tendo tido espaço para testar, pesar e experimentar novas escolhas de uma forma que talvez não teriam fora da pandemia. Na história apresentada por White, há um senso de que era possível flertar com outras opções de vida sem que isso arruinasse de vez o casamento — algo que, talvez fora da quarentena, não fosse possível. Essa

noção se dá possivelmente pelo ineditismo e intensidade desse período, que abriu possibilidades para refletir sobre quais escolhas de vida cada um quer manter após a pandemia — sendo essa uma visão quase apocalíptica do acontecimento pandêmico, como uma possibilidade inédita e compartilhada de recomeço de vida. A autora conclui:

Nós ficamos na beirada, oscilamos e tropeçamos. Quando ele quis pular, eu o puxei de volta. Quando dei um passo à frente, ele me agarrou. Por fim, ficamos de mãos dadas, cada um impedindo o outro de cair até que pudéssemos nos virar e escolher um ao outro novamente. Aprendemos o suficiente para saber que o precipício está sempre ali, e que amar é escolher e continuar escolhendo (WHITE, 2021, tradução nossa).

Por último, a história “*My Quarantine Boyfriend Lost Everything (but Found Me)*” (RUTLEDGE, 2020), publicada em 05/06/2020, narra um relacionamento que aflorou no início da pandemia, e por isso surgiram problemas que não existiriam em outros contextos. Sarah Rutledge conta que começou a sair com seu “namorado de quarentena” (RUTLEDGE, 2020, tradução nossa) no início de março de 2020, logo antes da cidade onde morava entrar em *lockdown*. O casal já se conhecia superficialmente há anos, pois, quando ainda eram casados com outros parceiros, seus filhos estudaram na mesma pré-escola. Depois de muitos anos e dois casamentos, Rutledge esbarrou com o perfil do futuro namorado em um aplicativo de relacionamento e decidiu enviar uma mensagem. O casal saiu em alguns encontros enquanto as pessoas começavam a ficar doentes com o coronavírus; ao mesmo tempo, o potencial futuro namorado lidava com um divórcio recente e frequentemente desabafava com Rutledge. E então a cidade entrou em *lockdown*, e o novo parceiro da autora perdeu tudo. Rutledge conta que, à medida em que a pandemia foi se tornando mais oficial e duradoura, os shows e gravações que o namorado tinha planejado para os próximos meses foram desmarcados, sua ex-esposa decidiu por ficar com o filho em outra cidade para evitar contaminação, a mãe e um amigo dele ficaram doentes e ele se viu sem perspectiva de renda, com medo de perder entes queridos, em guerra com a ex-esposa e com saudade do filho.

Como resultado de tudo isso, meu namorado não estava bem equipado para ser namorado. Ele estava sobrecarregado e com medo. Mas eu tinha um pequeno círculo seguro que incluía meu filho, meu ex e meu namorado de quarentena, e duas vezes por semana, sendo o mais cuidadosa possível, eu ia à casa dele, onde nos sentávamos lado a lado na mesa da cozinha, comendo e bebendo. Ele majoritariamente falava e eu majoritariamente escutava (RUTLEDGE, 2020, tradução nossa).

Rutledge tinha consciência de que o namoro não começou de forma equilibrada; seu namorado não estava apto a ser recíproco com o suporte emocional que ela estava prestando, mas, devido às circunstâncias anormais, ela decidiu investir no relacionamento.

Algumas semanas depois, em uma tarde particularmente miserável, ele me disse que estava ciente de suas limitações e lamentava não poder estar mais disponível emocionalmente. Ele disse que em condições normais estaria caminhando para um relacionamento, mas não podia se permitir fazer isso quando tudo estava tão pesado e incerto (RUTLEDGE, 2020, tradução nossa).

Ao conversarem, a autora concordou que eles estavam saindo, mas não eram namorados; estavam apenas vendo no que daria a relação. Porém,

Por dentro, eu estava menos otimista, possivelmente até magoada. Se fosse na vida real, eu teria terminado, ou pelo menos começado a procurar outra pessoa. Mas decidi tentar algo novo: teria paciência e veria o que aconteceria. Se os tempos eram sem precedentes, eu também seria (RUTLEDGE, 2020, tradução nossa).

Esse texto reflete vários pontos analisados nesta dissertação: a pandemia, para Rutledge, foi ao mesmo tempo um período desafiador e de novas experiências; enquanto mergulhava em um novo relacionamento, se viu diante de questões que não existiriam se não fosse o período histórico que estavam enfrentando enquanto sociedade, e por isso mesmo decidiu se arriscar e lidar com a situação de forma que nunca havia feito. O peso do suporte unilateral em uma relação ainda incipiente caiu sob ela, que teve que acolher os desafios do novo companheiro mesmo sabendo que ele não estava apto a corresponder às expectativas que ela tinha. Entretanto, a autora decidiu que, pelo menos durante a pandemia, o investimento nessa nova relação valeria o risco, mesmo com o futuro incerto:

O amanhã não está prometido e não tenho ideia do que ele trará. Nunca fiz isso, mas a pandemia acabou com todas as ilusões remanescentes de controle ou estabilidade. Meu namorado de quarentena e eu podemos não durar muito mais, ou podemos nos separar quando pudermos voltar ao mundo em geral (RUTLEDGE, 2020, tradução nossa).

Por mais que a autora deseja que o mundo volte “ao normal” logo, e que seu namorado de quarentena possa recuperar a vida que havia antes, ou começar uma nova, ela deseja minimamente que o namoro dure mais um pouco, pois não sabe se um namoro de quarentena terá validade na vida pós-pandemia.

Nos três textos analisados, é possível perceber como o peso de manutenção emocional do relacionamento cai sobre a mulher, sendo ela muitas vezes a responsável por acolher e lidar com as dificuldades encontradas pelo parceiro no relacionamento. Entretanto, nos textos coletados para a análise não há nenhum contraponto a essa questão ou uma visão masculina em situação similar.

A pandemia como terreno fértil para descobertas e novas experiências

Nem só de medo, término, solidão e problemas nos relacionamentos foi feita a pandemia. Esse período sem precedentes para a vasta maioria das gerações que o viveu também foi propício para descobertas, novas experiências e novas formas de lidar com o mundo. Apesar do que foi apresentado até aqui, boa parte dos contos coletados descrevem a pandemia e a experiência do isolamento social como um momento único, passível de vivenciar situações inéditas que não ocorreriam em outros contextos. Esses textos mostram que mesmo uma situação ruim tem seu lado positivo, e que a pandemia foi um fenômeno complexo que se desdobrou na vida privada de seus viventes de diversas formas, tendo causado impactos distintos em cada um. Abaixo, apresento alguns textos que se destacaram nesse sentido:

Na crônica “*Lockdown Was Our Romantic Bubble*” (HOU, 2022), publicada em 26/08/2022, Zhengkun Hou narra o romance que viveu com um vizinho em Shanghai durante um dos confinamentos mais restritos do mundo (CNN, 2022), já em 2022. A autora, uma profissional autônoma de 29 anos que morava sozinha, conta que a vida dela se resumia a ela mesma — algo que ficou mais intenso durante o *lockdown*. Com as medidas restritivas impostas pelo governo, muitos itens ficaram escassos no mercado, e os novos hábitos da população envolviam permutas de produtos, compras em grupos e encontros rápidos e mascarados nos pontos de teste PCR, um dos poucos locais que a população estava permitida a frequentar.

Nesse contexto, Hou e outros moradores do mesmo condomínio formaram uma comunidade para organizar compras em grupo e auxiliar pessoas que estivessem precisando de ajuda; e assim a autora conheceu um vizinho com quem viveria um romance nos meses seguintes. “Nas duas semanas seguintes, nosso relacionamento passou de conversas a cada três dias para conversas todos os dias, e até fizemos uma caminhada junto de outro vizinho. *Lockdown* realmente te coloca de volta no ensino médio, eu acho” (HOU, 2022, tradução nossa). O

romance começou a se desenvolver mesmo sem conhecer completamente o rosto um do outro, em um período em que o uso de máscaras era obrigatório.

Quando tivemos nossa primeira conversa cara a cara sob o luar, pedi a ele que me contasse sua história de vida. Sendo um artista, ele pôde se mudar de um país para o outro. Ele estava sempre em fuga, explorando o mundo. E isso, fiquei triste em saber, estava prestes a recomençar: ele me disse que deixaria a China de vez em cinco meses (HOU, 2022, tradução nossa).

O fato de que o *affair* iria embora foi um baque para a autora, que queria não se apegar a ele para não sofrer depois. Entretanto, ambos passaram a se ver mais e também a conviver mais com a comunidade de onde moravam, como forma de amenizar o isolamento em que estavam sendo mantidos.

Eu parecia ter feito as pazes com o fato de que ainda estávamos em *lockdown*, que tudo estava super caro e difícil de conseguir, que as pessoas escapavam de Shanghai todos os dias e que toda a cidade sofria silenciosamente. Enquanto eu saboreava como ele tornava tudo mais fácil de suportar, também temia as incertezas à frente. Estávamos cada vez mais perto da liberdade. Eu estava ficando mais deprimida (HOU, 2022, tradução nossa).

Antes do período de *lockdown* se encerrar, a autora conta que a cidade já estava retornando ao normal; quando o casal finalmente pôde fazer uma caminhada fora do condomínio, tiveram uma conversa sobre as dificuldades que Hou tinha para lidar com despedidas e sobre seus problemas de abandono. A autora conta que em Shanghai é difícil encontrar um parceiro adequado: “Todos estão tão ocupados, exaustos e resguardados que abrir o coração pode parecer muito arriscado. Depois de quase sete anos morando aqui, eu também me tornei uma pessoa difícil de se abrir” (HOU, 2022, tradução nossa). Com tudo isso, ela reconhece ter dificuldade em ser vulnerável. Porém, “O *lockdown* mudou tudo isso. Algo corroeu meu exterior resistente o suficiente para deixá-lo entrar. Nós líamos juntos, discutíamos filosofia, andávamos de bicicleta pela cidade e conversávamos. Droga, como podíamos conversar” (HOU, 2022, tradução nossa). Mas ao mesmo tempo em que as medidas de restrição os aproximaram, o retorno à cidade aberta distanciou o casal.

O *lockdown* nos tirou de nossas vidas e criou essa bolha de vulnerabilidade e romance, mas as bolhas sempre estouram. Quando a dura realidade da vida normal começou a aparecer, voltei a ser a pessoa dura e racional de antes. Infelizmente, meu coração nunca vence batalhas contra meu cérebro (HOU, 2022, tradução nossa).

Hou reconhece que algo mudou: ela não teria conhecido o vizinho e nem se permitido viver esse romance não fosse a pandemia. Eles já eram vizinhos há meses antes do isolamento, frequentavam os mesmos lugares, mas não teriam se aproximado de outra forma; com ele, ela conseguiu acessar uma intimidade que não conseguia construir com outras pessoas. Mas essa bolha, para ela, não seria possível de se manter fora desse contexto. A conexão intensa não havia sido o suficiente para despertar em Hou o desejo de cultivar o amor e de manter o cuidado com o parceiro para além do período de isolamento. E assim, ambos continuaram morando no mesmo prédio, mas não mais convivendo.

A história “*Remote Work Gave Us a Life Together. Now What?*” (BROWN, 2021), publicada em 24/09/2021, também narra uma experiência que só foi possível devido à pandemia. A autora Meaghen Brown conta sobre o namoro a distância que vivia com o parceiro há mais de três anos. Com a chegada da pandemia e instaurado o trabalho remoto, a autora decidiu ir para a casa do namorado, em outro estado, por tempo indefinido. “Meses se passaram e gradualmente ficou claro que eu não voltaria para a Califórnia tão cedo. Em meio aos mandatos de máscara e mapas com índices de hospitalização, nós nos acomodamos em algo que nunca tivemos: uma vida juntos” (BROWN, 2021, tradução nossa). Depois de anos de namoro, o casal finalmente pôde estabelecer uma rotina junto, sem a urgência de ir embora:

No tempo de antes, nossas horas juntos eram urgentes, cheias da sensação de que tudo tinha que caber em poucos dias: a emoção de nos vermos, uma briga por alguma coisa, rever os amigos, nos encontrarmos em algum lugar novo naquelas ocasiões em que ambos podíamos escapar.

Agora nos deliciamos com a experiência requintadamente mundana de simplesmente viver com a pessoa que você ama. À medida que a solidão de nossa vida a distância se dissipou, nosso relacionamento cresceu e se aprofundou. Nossas famílias brincaram que tudo o que foi necessário para nos unir foi uma pandemia que ocorre uma vez a cada século (BROWN, 2021, tradução nossa).

Por causa dos planos de carreira de cada um, não fosse a pandemia, o casal possivelmente demoraria mais alguns anos para morar junto — ou poderia até terminar antes disso. Como em muitos dos textos, Brown revela também um sentimento misto quanto a esse período: “Nós nos sentimos culpados por estarmos felizes — tínhamos empregos, um lugar para morar e um ao outro — e continuamos nos lembrando de como tivemos sorte em encontrar esse lado positivo durante um período tão sombrio e doloroso” (BROWN, 2021, tradução nossa). Afinal, eles puderam passar a pandemia em segurança e tiveram a oportunidade de estar juntos e se apoiando durante esse período.

Com a liberação das vacinas, em 2021, o casal se viu mais uma vez em uma situação agrídice: ao mesmo tempo em que sentiam gratidão por estar imunizados, sabiam que o fim do período que passaram juntos estava próximo. Com a variante Delta, entretanto, o período de isolamento do casal se prolongou indefinidamente mais uma vez. Ao que a autora conclui: “Ninguém quer que essa pandemia continue. O sofrimento e as perdas foram incalculáveis. E, no entanto, esse estranho conjunto de circunstâncias também nos permitiu começar nossa vida juntos” (BROWN, 2021, tradução nossa). Após terem tido a oportunidade de morar juntos pela primeira vez por causa da Covid, o casal parecia decidido: independente do que o futuro reservasse, eles continuariam juntos.

Em outro relato de experiência inédita proporcionada pela Covid, o autor Gregory Walters conta na redação “*I Was Done Dating. Then I Joined a Hookup App.*” (WALTERS, 2020), publicada em 23/10/2020, sobre como, logo antes da pandemia, havia decidido mudar de estado e iniciar uma nova vida em outro lugar. Cansado das ofertas escassas de possíveis parceiros após morar por 25 anos na mesma na cidade, Walters havia feito um grande plano: iria entregar o apartamento no dia 1º de abril de 2020, guardar todos os pertences e fazer uma longa viagem pela Europa antes de voltar para o Canadá e se instalar em uma nova cidade. Antes disso, decidiu aproveitar os últimos meses em Vancouver desbravando aplicativos de pegação. “Como saí do armário em 1989, no auge da crise da Aids, eu nunca havia me livrado de meus medos e bloqueios sexuais. Este seria um momento para trabalhá-los, antes de colocar os pés em minha nova cidade” (WALTERS, 2020, tradução nossa), conta.

Porém, o autor logo descobriu que não era fácil lidar com as dinâmicas desses aplicativos. Após algumas conversas desagradáveis, Walters decidiu sair pela primeira vez com David, e percebeu que o encontro não seria sexual, como estava esperando. O casal continuou se encontrando semanalmente, mesmo Walters com planos de se mudar logo e já tendo vendido o próprio apartamento.

Na segunda semana de março, descobrimos compatibilidade nas quadras de tênis, e comecei a compartilhar meu estresse sobre como o mundo estava ficando cada vez mais nervoso com o coronavírus. E se eu não pudesse voar para Estocolmo? Seria tolice me mudar para Toronto e correr o risco de cair em uma lacuna provincial do plano de saúde? (WALTERS, 2020, tradução nossa)

Enquanto o autor barganhava contra a pandemia, não querendo aceitar que o período de contaminação seria tão intenso e duradouro, as fronteiras foram fechadas e a viagem cancelada. Quando Walters entendeu que não conseguiria se mudar ou viajar, se entregou para o novo relacionamento:

Sete semanas depois, David e eu tiramos nossa primeira selfie, meu cabelo ainda relativamente controlado e duas semanas antes de ele raspar a cabeça. Caminhamos muitos quilômetros naquele dia, apreciando o sol, as praias e um ao outro. O tempo ao ar livre parecia um privilégio especial. Será que o país logo entraria em *lockdown* total, como a França e a Itália? (WALTERS, 2020, tradução nossa)

Mesmo resistente a todos os planos dando errado, o autor cedeu ao romance e passou a se encontrar com David diariamente, como forma de ter companhia e distração tanto para o agravamento da pandemia quanto para a iminente decisão que deveria tomar sobre onde iria morar. Em um período de tantas incertezas, em que o cenário pandêmico mudava diariamente, Walters afinal se viu tomando a decisão imediata de alugar outra casa na cidade em que já morava:

As pressões para ficar em Vancouver aumentaram à medida que as regiões do sul barravam migrantes potencialmente contaminados e as mensagens rígidas de distanciamento social reduziram minha rede de contatos pessoal ao David. Em rápidas 24 horas, assinei um contrato de seis meses em um condomínio no notoriamente apertado mercado de aluguel de Vancouver e reduzi minha mudança de mais de três mil quilômetros para menos de dois (WALTERS, 2020, tradução nossa).

Walters planejava grandes mudanças para o ano de 2020, mas não podia imaginar o que o futuro guardava para a população mundial. Surpreendido pela pandemia, e pelo consequente desdobramento de uma relação casual em um relacionamento sério, o autor teve que refazer todos os planos e aceitar outras mudanças, que não as que ele almejava há muito fazer. E então, decidiu se entregar ao novo:

Enquanto o coronavírus estragou oito meses de planejamento para uma grande mudança de vida, deixou algo decididamente não planejado em seu rastro. David e eu continuamos, nosso lance vingou. Através de nossos cafés diários e passeios nas partes favoritas da cidade, caminhamos um pouco mais perto, unidos em nossos esforços para manter o resto do mundo a dois metros de distância (WALTERS, 2020, tradução nossa).

Mesmo que a situação inesperada da pandemia tenha provocado grandes frustrações, ela também foi a oportunidade para Walters desenvolver um novo relacionamento e experimentar uma nova forma de lidar com a cidade que ele morava há tanto tempo. E ao mesmo tempo em que o período de isolamento foi propício para aproximar o casal, eles faziam um esforço para se manterem isolados do resto do mundo, criando assim um mundo particular para o romance que estava começando.

Em outro conto, intitulado “*My Choice Isn’t Marriage or Loneliness*” (BLASSINGAME, 2021) e publicado em 02/04/2021, Haili Blassingame discorre sobre a decisão de terminar um namoro de cinco anos durante a quarentena. A autora conta que fez essa escolha não porque não amava mais o parceiro, mas, mesmo sem saber exatamente ainda o porquê, sentia que precisava experimentar outras formas de vida:

Estávamos há três meses na pandemia e a maioria de nós não conseguia imaginar a devastação que viria. A essa altura, porém, poderíamos começar a ver nossa solidão se estendendo para o futuro sem um ponto final. Solteiros olhavam distraidamente nos olhos de estranhos no *Zoom*, desejando ser tocados.

E aqui estava eu, sozinha e igualmente desesperada por uma conexão, terminando com meu namorado de cinco anos, embora nada entre nós tivesse quebrado (BLASSINGAME, 2021, tradução nossa).

Durante o texto, a autora conta sobre como já havia percebido que o formato padrão de relacionamento monogâmico não a servia, o quanto almejava por independência e como era difícil estabelecer outras dinâmicas de relacionamento sendo uma mulher preta. Porém, mesmo tendo uma relação aberta e a distância com o namorado há três anos, com a pandemia pôde perceber que o término era inevitável. Muitas das questões apresentadas por Blassingame vão de encontro às referências aqui levantadas sobre a construção do amor romântico, especialmente na formação das mulheres:

Toda a minha infância de menina foi consumida por fantasias que me foram aplicadas à força. O amor e os relacionamentos foram apresentados como binários e, nesse binarismo, a mulher deve se casar ou ficar sozinha (ou, nos romances clássicos, morrer). O caminho para a liberdade e a felicidade era ainda mais estreito para as mulheres pretas. Mesmo em nosso relacionamento extremamente amoroso, eu me sentia confinada (BLASSINGAME, 2021, tradução nossa).

E assim, diante de uma situação de tantas incertezas, Blassingame percebeu que era preciso se entregar a elas, e que o término não seria uma escolha ruim.

[...] os relacionamentos dão a ilusão de que existimos em uma bolha com outra pessoa, isolados do resto do mundo — isso é parte do que os torna tão íntimos. Mas se este ano nos ensinou alguma coisa, é que nenhum de nós está isolado uns dos outros, mesmo em isolamento, e que, a qualquer momento, a nossa bolha pode estourar. Não vejo mais essa ruptura como algo ruim (BLASSINGAME, 2021, tradução nossa).

Além de refletir sobre o próprio relacionamento, a quarentena foi um momento propício para a autora se aprofundar em discussões sobre raça e poliamor e entender com quais formas de relação ela se identificava — mesmo que isso signifique ter que enfrentar as crenças e opiniões da família e dos amigos. Por fim, a autora conclui com a reflexão sobre como, mesmo em um período de tantas perdas, encontrou a segurança na incerteza:

Como humanos, sempre buscaremos a certeza usando as poucas ferramentas que temos e, às vezes, essa ferramenta será um rótulo como “namorada”. Mas em um ano de perdas paralisantes, viagens canceladas, conquistas atrasadas e uma eleição sobrecarregada, encontrei um estranho consolo em saber que nada em nossas vidas jamais foi certo. Apesar disso, ou talvez por causa disso, estou aqui apenas para aproveitar isso, seja o que for, enquanto durar (BLASSINGAME, 2021, tradução nossa).

Ao contrário do que muitos viventes da pandemia fizeram para se sentir seguros nesse período, a autora preferiu abrir mão da sensação de ancoramento proporcionada pelo amor romântico para se sentir mais livre e em contato com o mundo. Para ela, a pandemia foi o período necessário para experimentar o desprendimento que tanto almejava, abrindo mão dos rótulos que conservou até então e se permitindo refletir sobre as próprias escolhas e identidades.

Na história “*I Bet You Think These Songs Are About You*” (GOLDBERG, 2022), publicada em 13/05/2022, Lily Goldberg conta sobre o intercâmbio que fez na Inglaterra durante a pandemia e o relacionamento que viveu nessa ocasião. A autora narra ter se mudado para a Europa em setembro de 2020, sete meses após o início da pandemia, para cursar um ano letivo na Universidade de Oxford. Apesar do período não tão oportuno para estudar fora, Goldberg se considerava sortuda, uma vez que seus amigos que também fariam intercâmbio tiveram os programas cancelados. “Tive sorte, com certeza, mas estava solitária. Entre os cursos remotos e as restrições de Oxford à socialização, percebi que seria difícil conhecer estudantes britânicos de verdade — o motivo de minha vinda. Eu tinha viajado 3.000 milhas para ficar abandonada no *Zoom*” (GOLDBERG, 2022, tradução nossa), completa.

Com possibilidades limitadas para conhecer a nova cidade, a autora se aventurou no *Tinder* para conseguir o que não teria na faculdade: uma diversidade de conexões britânicas. E então conheceu Millie, que apareceu como “uma passagem para sair do meu isolamento” (GOLDBERG, 2022, tradução nossa). Unidas pelos gostos musicais e culturais, a história dos encontros das duas é permeada pela obsessão da autora pelas *playlists* criadas por Millie em sua conta no *Spotify*, uma forma de criar uma trilha sonora para a relação que se desenrolava. Entretanto, acessar essas *playlists* em segredo era também uma forma de conhecer os sentimentos de Millie antes que ela pudesse comunicá-los.

Quando a Inglaterra entrou em um novo *lockdown*, a autora decidiu voltar para os Estados Unidos e fazer o segundo semestre de intercâmbio a distância.

Millie e eu dormimos juntas pela primeira vez na noite antes de eu embarcar no avião para casa. Com a Inglaterra de volta ao confinamento, decidi estender minhas férias de inverno indefinidamente e fazer o próximo semestre de cursos em Oxford nos Estados Unidos até que as restrições diminuíssem, mesmo que isso significasse deixar Millie e meus colegas de classe (GOLDBERG, 2022, tradução nossa).

Apesar de a pandemia ter proporcionado o surgimento dessa relação, as condições de confinamento não pareciam favoráveis para Goldberg optar por permanecer na Inglaterra. Ao acompanhar o surgimento de novas *playlists* no perfil de *Spotify* de Millie, a autora pôde saber como ela estava se sentindo com a despedida. Algumas semanas depois, Goldberg contou que foi surpreendida por um pedido de namoro, mas recusou: “Por telefone no dia seguinte, expliquei que, embora me importasse profundamente com ela, não estava interessada em um relacionamento internacional à distância, especialmente em uma pandemia” (GOLDBERG, 2022, tradução nossa). Goldberg conta, por fim, que chegou a retornar à Inglaterra para finalizar o ano de estudos e colocar um ponto final na relação, mas continuou acompanhando à distância as *playlists* criadas pela antiga parceira para saber como ela estava. Nessa história fica evidente que, enquanto a pandemia foi propícia para alguns relacionamentos aflorarem à distância, como visto em outros casos, para a autora a oferta não parecia interessante, por mais que ela tenha se permitido desbravar um novo país usando aplicativos de relacionamento como ferramenta para conhecer pessoas novas durante a pandemia.

Na crônica “*I Tried to Filter Him Out*” (FAROOQI, 2021), publicada em 16/04/2021, Myra Farooqi conta sobre ter se apaixonado durante a quarentena por uma pessoa proibida. Por questões religiosas, a autora, de origem paquistanesa muçulmana, só poderia se casar com

uma pessoa muçulmana, mas se apaixonou por um indiano hindu. Farooqi conta que conheceu o pretendente em um aplicativo de relacionamentos para sul-asiáticos, e que havia colocado filtros para excluir todos os homens que não fossem muçulmanos ou paquistaneses — não por preferências próprias, mas porque sabia que não poderia se casar com alguém de fora da própria religião e não queria passar por mais uma decepção amorosa por causa disso. Porém, de alguma forma o filtro não funcionou e deixou escapar o perfil de um indiano-americano hindu de 30 anos por quem ela se apaixonou profundamente.

A autora relembra: “Começamos a trocar mensagens durante os primeiros meses da pandemia, papeando todos os dias durante horas. A ordem de permanência em casa criou espaço para nos conhecermos, porque nenhum de nós tinha outros planos” (FAROOQI, 2021, tradução nossa). O casal morava há sete horas de distância e se conectou pelo gosto musical. Após dois meses de conversas diárias, a autora decidiu se mudar para a cidade dele — um plano que ela já tinha antes de se conhecerem, mas foi adiado pela pandemia. “Ele dirigiu duas horas para me buscar trazendo presentes engraçados que representavam piadas internas que havíamos compartilhado durante nossa fase de dois meses trocando mensagens. Eu já sabia tudo sobre esse homem, exceto seu toque, seu cheiro e sua voz” (FAROOQI, 2021, tradução nossa), descreve ela. Viver um novo amor durante a pandemia, para a autora, era como se o mundo se resumisse aos dois e suas músicas preferidas; o casal cozinhava, dançava e recriava shows em casa para se manter entretido. Quando lembrado das diferenças religiosas entre eles, o parceiro falou que aceitaria se converter para o islamismo para ficar com ela. Ao que Farooqi reflete, retroativamente:

Ele e eu continuamos a namorar pelo resto do ano, fugindo das expectativas sociais de nossas famílias e comunidades — fugindo, na verdade, de qualquer expectativa. Em nossa bolha de Covid, dissemos “eu te amo” muito cedo, não ouvimos nossos amigos quando eles nos alertam a ir devagar e ignoramos as duras realidades familiares que temos pela frente (FAROOQI, 2021, tradução nossa).

Porém, ao retornarem para suas respectivas famílias para as festas de fim de ano, a realidade tomou peso. Ao tentar contar para a própria mãe que estava namorando um homem hindu, ela só se acalmou com a afirmação de que ele se converteria. Já ele, entretanto, se tornou mais fechado e inseguro quanto à decisão e, após a reação dos pais, afirmou que não se converteria, e assim Farooqi decidiu por terminar o relacionamento.

Ao ponderar sobre as próprias decisões, a autora reflete que as limitações arbitrárias da religião a fizeram perder o homem que achou que amaria para sempre. Entretanto, se dá conta:

Por um tempo culpei minha mãe e a religião, mas é difícil saber o quão forte nosso relacionamento realmente era com a música desligada. Amamos em uma pandemia, que não era o mundo real. Nosso romance foi isolado dos conflitos comuns de equilibrar trabalho, amigos e família. Estávamos isolados tanto por nosso amor proibido quanto por uma calamidade global, o que certamente aprofundou o que sentíamos um pelo outro. O que tínhamos era real, mas não era o suficiente (FAROOQI, 2021, tradução nossa).

O isolamento da pandemia fez aflorar experiências que a autora muito provavelmente não viveria fora dela, mas ainda assim, Farooqi pôde perceber que, por mais que o relacionamento era bom naquele contexto, ele não era forte o suficiente para sobreviver à vida real e a todos os conflitos de viver uma união que desafia as crenças de ambas as famílias.

Para finalizar esta seção, a história “*He Seduced Me With Bread*” (COACCI, 2020), publicada em 11/12/2020, acompanha o mecanismo encontrado por Albertina Coacci para continuar conhecendo pessoas novas durante o confinamento. Coacci é uma mulher italiana cujo um dos maiores prazeres da vida é conhecer pessoas novas:

Na vida pré-Covid-19, isso significava que eu era o tipo de pessoa que faz amigos em aviões, fala com o próximo da fila enquanto espera e conhece todo mundo no escritório. Durante a primeira onda da pandemia, como o único contato regular que tinha era com meu namorado (muito próximo) e minha família e amigos no *Zoom* (muito distantes, pois eu morava na Romênia), me entreguei a um novo e aparentemente inofensivo hábito — conectar-me por telefone, diariamente, com estranhos (COACCI, 2020, tradução nossa).

Através de um aplicativo chamado *DialUp*, a autora passava os dias de isolamento conversando por telefone com desconhecidos de outros lugares do mundo. Sem acesso ao rosto, vídeo ou fotos das outras pessoas, as conversas se desenrolavam apenas através da voz. “Conheci muitas pessoas dessa maneira, algumas mais interessantes do que outras. Conversamos sobre nossos empregos, as últimas notícias da Covid-19, como o *lockdown* foi difícil em nossos países e assim por diante. A dose de mistério dava a cada dia uma pequena surpresa” (COACCI, 2020, tradução nossa). Ao mesmo tempo, a autora morava com o namorado, que ficava irritado com as ligações. E então, um dia Coacci conheceu Senne, um holandês que estava do outro lado do telefone animado para se distrair com um estranho. Ambos se conectaram pelo amor a viagens e à culinária, e especialmente pela arte de fazer

pão — a qual Coacci era iniciante e Senne dominava. Ao contar para Senne que só usava azeite feito a partir das próprias oliveiras, ouviu em retorno: “Acho que estou me apaixonando” (COACCI, 2020, tradução nossa). A autora relata que, nesse ponto da ligação, já havia mencionado ter um namorado, e ele disse que também tinha uma namorada, o que de alguma forma a deixou mais tranquila. “No final da conversa, estávamos sem fôlego, encantados. Nesse segundo de silêncio, acho que estávamos nos perguntando a mesma coisa: ‘E agora?’” (COACCI, 2020, tradução nossa).

Ambos decidiram manter contato via *Facebook*. Coacci então descobriu que Senne, que ela havia imaginado como um loiro, de cabelos longos e na faixa dos 35 anos, como ela, na verdade era um homem “moreno, baixo e um pouco gordinho” (COACCI, 2020, tradução nossa) e, assim como seu namorado, tinha quase 60 anos. Os dois seguiram trocando mensagens e fotos de receitas que haviam preparado, o que a deixava entusiasmada. “Imaginava as mãos experientes de Senne transformando uma massa disforme naquele lindo pão. Imaginava-o esperando a massa crescer em sua cozinha do norte da Europa” (COACCI, 2020, tradução nossa). Para ela, essas trocas significavam uma mensagem implícita: “Eu amaria estar aí e comer isso com você” (COACCI, 2020, tradução nossa).

Um dia, Senne decidiu enviá-la uma pimenta especial, que ela precisava conhecer. “A ideia daquele envelope corajoso voando pela Europa durante uma pandemia, com caligrafia elegante e carimbo holandês, foi o pensamento que tive antes de cair no sono nos dias seguintes” (COACCI, 2020, tradução nossa). A autora se questionava se era errado receber pimentas por correio de outro homem e, para não levantar suspeitas do namorado, pediu para que Senne enviasse para a casa de uma amiga. Em seguida, Coacci compartilha:

Isso foi antes de tudo. Antes de meu namorado me perguntar sobre todo o tempo que eu passava no telefone e eu contar a ele sobre o estranho em Amsterdã. Antes da pandemia diminuir o suficiente para Senne e eu nos encontrarmos em Roma, onde passaríamos momentos gloriosos como turistas na minha cidade quase vazia.

Isso foi antes de, em uma viagem totalmente separada, meu namorado concordar em se juntar a nós, e nós três sairmos em surpreendente harmonia. E foi antes de Senne e eu retornarmos às nossas vidas anteriores em terras distantes, incapazes de sustentar nosso verão mágico, deixando meu namorado e eu para encontrarmos nosso caminho de volta um para o outro — um pouco cautelosos, mas com novos olhos (COACCI, 2020, tradução nossa).

A autora então retorna para o momento em que recebeu o pacote e conclui: “Naquele dia, nas ruas de Bucareste, em um mundo imobilizado por medo e luto, abri um pacote de pimenta, respirei fundo e me apaixonei por um estranho” (COACCI, 2020, tradução nossa). Nesta história, é perceptível que o período da pandemia fez com que a autora descobrisse e se permitisse explorar novos desejos, que talvez não existiriam fora desse cenário limitador. Ao realizar a vontade de se conectar com estranhos — algo quase impossível de se fazer pessoalmente durante os períodos mais difíceis da pandemia — Coacci se apaixonou por uma pessoa que nunca havia visto. Ao mesmo tempo, seu companheiro não a impediu de viver esse sentimento, dando abertura para que ela explorasse as diversas formas que os relacionamentos podem assumir. A pandemia, e a diminuição momentânea nas ondas de contaminação, foram o que ela e Senne precisavam para explorar esse desejo mútuo, voltando depois para a vida que tinham e que queriam manter com o passar desse período.

A pandemia como pano de fundo do cotidiano

Para finalizar a análise, trago um fenômeno que pude perceber à medida em que nos afastamos temporalmente da pandemia: a forma como ela é mencionada na coluna também indica uma diminuição na importância de tal acontecimento na vida dos narradores e uma normalização da situação pandêmica. As menções à doença passaram a aparecer mais como forma de caracterizar e contextualizar o período em que se passa a história, e menos como algo que de fato impactou o desenvolver da narrativa.

Esse tipo de menção ocorre de duas maneiras: na conclusão de uma história que ocorreu antes da pandemia, como forma de dar uma atualização à trama apresentada; e com menções a comportamentos atrelados à pandemia, como uso de máscaras, distanciamento, testes de Covid e outras medidas adotadas para combater o espalhamento do vírus, como forma de demarcar o período em que a história se passa, mas sem mostrar uma implicação real dessas medidas no enredo da trama. Abaixo, apresento alguns exemplos de como a pandemia aparece como pano de fundo nos contos analisados.

No texto “*Feeling Lonely? Wearing Cat Ears May Help*” (DELAPP, 2021), publicado em 29/01/2021, o autor finaliza a história sobre como conheceu a esposa em um jogo de RPG online com a seguinte frase: “Nós nos casamos em Miami em fevereiro passado, poucas semanas antes da pandemia tornar os MMOs [jogos de multijogadores online] um dos lugares

mais seguros para se reunir em grandes grupos” (DELAPP, 2021, tradução nossa). Aqui, há uma insinuação de que o ambiente de jogos virtuais em que o casal se conheceu, antes tido como uma atividade praticada apenas por um público de nicho, passou a ser a forma mais segura de se reunir com os amigos durante a pandemia.

Já na história “*Relationships Move Fast on a Slow Cargo Ship*” (AUJLA, 2020), publicada em 03/04/2020, a pandemia aparece como conclusão da história narrada pelo autor, sobre como passou 10 dias viajando em um navio de carga com a namorada em um dos primeiros encontros, anos antes da quarentena. Aqui, a ideia de isolamento aparece como algo que fortaleceu a relação do casal anteriormente.

E, mais recentemente, quando o coronavírus levou nossa cidade e nosso país a uma paralisação terrível, Liz e eu fugimos para a casa da minha família em Victoria, British Columbia, onde nós dois (e o irmão dela!) estamos todos, enquanto escrevo isso, em quarentena em uma pequena casa do outro lado da rua em que cresci.

Tudo bem. Não nos importamos de nos isolar. Para nós, isso fez toda a diferença (AUJLA, 2020, tradução nossa).

A pandemia também apareceu como atualização da história no texto “*I Wanted to Love Her, Not Save Her*” (BARROWS, 2021), publicado em 19/02/2021. Após contar sobre o início do relacionamento com a esposa, quando ela sofria de anorexia, e atrelar a história a um estudo que afirma que o beijo pode ajudar a combater tal doença, o autor conclui:

Para aqueles interessados na cura do beijo, direi o seguinte em apoio: Darla ganhou peso o suficiente ao longo dos anos e estava na verdade pensando em fazer dieta, até que o *lockdown* pandêmico emagreceu a nós dois (muitas pessoas engordaram durante esse período, mas nosso instinto foi limitar as idas ao supermercado, o que teve um efeito de emagrecimento). (BARROWS, 2021, tradução nossa)

Na crônica “*My Ridiculous Dating System Totally Works!*” (KRUGER, 2021), publicada em 09/04/2021, a pandemia também é citada apenas uma vez, para contextualizar o período em que se passa a história. A narrativa sobre a participação do autor em um programa de televisão começa com a seguinte frase: “No ano passado, no meio da pandemia, apareci como convidado em um (agora extinto) programa de namoro” (KRUGER, 2021, tradução nossa). Entretanto, não há mais nenhuma menção à pandemia ou a possíveis impactos causados por ela na vida afetiva do narrador.

Já na história “*The Case for Being Touched*” (JAHANI, 2022), publicado em 22/07/2022, a autora, uma mulher muçulmana de 27 anos que, por causa da fé, nunca se relacionou romanticamente com ninguém, narra a sua experiência ao ter intimidade pela primeira vez com um homem. Nesse caso, a história não se centra na pandemia, mas o período é apontado como importante para a vivência que a autora teve, ao evidenciar a necessidade do toque entre as pessoas:

Muitas de nós não vão se casar até o final dos 20 ou início dos 30 anos, se é que vamos, e me recuso a acreditar que só podemos sentir intimidade quando estamos em uma “união sagrada”. O toque é uma das necessidades humanas mais fortes e essenciais, como a pandemia deixou tão claro para nós. Naquela noite, percebi o quão poderoso pode ser (JAHANI, 2022, tradução nossa).

Para finalizar, o último texto publicado na coluna que menciona a pandemia também cita o acontecimento apenas como pano de fundo da história. Na crônica “*Two Kisses We Never Talked About*” (RANELLI, 2023), publicada em 03/02/2023, a autora conta sobre dar apoio ao ex-marido durante uma batalha contra o câncer. Nesse texto, a pandemia é citada pontualmente como um dificultador do suporte que a autora estava tentando prestar:

Isso foi há um ano, durante outra onda de Covid. Eu estava triplamente vacinada e havia me recuperado da Covid nos últimos 30 dias com um certificado para provar, e tinha um teste PCR negativo das últimas 24 horas, e era legalmente casada com o homem na maca, mas eles ainda não me deixaram entrar na ambulância. Então eu o observei ir embora (RANELLI, 2023, tradução nossa).

Apesar de a história não ser sobre os impactos que a pandemia teve na vida amorosa da narradora, ela nos lembra de como a vida — e todos os desafios que ela envolve — continuou acontecendo durante a Covid, com pessoas nascendo, morrendo, adoecendo de outras doenças, perdendo empregos, mudando de vida, iniciando namoros, terminando casamentos. Enquanto a pandemia por vezes é citada como um fator que dificultou a trama narrada, em outras histórias ela aparece como uma oportunidade para experimentar uma nova forma de se relacionar com o mundo.

5. Considerações finais

Ao finalizar esta dissertação, em meados de 2023, uma máscara PFF2 continua pendurada no gancho, na entrada do meu apartamento, junto de bolsas e guarda-chuvas, talvez desde o início do ano passado; uma caixa de máscaras cirúrgicas pretas, comprada pouco antes de não ser mais necessário usá-las, permanece quase cheia no fundo do meu armário, aguardando uma próxima onda, caso aconteça; outras máscaras aparecem de surpresa de vez em quando, esquecidas no fundo de uma bolsa ou no bolso de um casaco que não uso há muito tempo. Olhando daqui, a pandemia de Covid-19 parece um mal que ficou para trás. Finalmente completamos a travessia e chegamos ao outro lado.

O chamado “novo normal”, modificado pelo acontecimento pandêmico, entretanto, não se assemelha muito com o que imaginávamos nos períodos mais intensos de confinamento. O mundo — pelo menos a meu ver — não se tornou um lugar mais empático, ocupado por pessoas que se sentem responsáveis pelo cuidado umas das outras. É quase como se, mais uma vez, tivéssemos passado por um período de horror para logo em seguida considerá-lo como superado e fazer o possível para esquecê-lo, como registram os relatos da Gripe Espanhola. Porém, não podemos escapar das evidências de que outras pandemias podem estar próximas, e que é urgente estarmos preparados para enfrentar com mais aptidão outras situações de crise — não só no âmbito da saúde pública, mas da economia, educação, política, cultura e relações sociais. A proliferação do negacionismo e do anticientificismo durante a pandemia de Covid-19 acarretou em inúmeras perdas, e o mesmo não pode se repetir.

Nesse período de um século que separa as duas pandemias, ganhamos autonomia para produzir e divulgar nossas próprias narrativas, o que amplificou significativamente a capacidade de relatar as próprias experiências e o próprio ponto de vista sobre um acontecimento. Isso é essencial tanto na construção para a posteridade de registros históricos mais democráticos sobre o período, abarcando percepções que muitas vezes escapam aos registros “oficiais”, quanto para conectar pessoas a partir de experiências similares, criando assim um senso de identificação, de acolhimento e de reverberação que são muito importantes em situações de crise. As histórias publicadas na coluna *Modern Love* e analisadas nesta dissertação, além de noticiar os modos como as relações amorosas foram impactadas e transformadas pela pandemia de Covid-19, cumpriram a função de criar um senso de comunidade entre indivíduos que passaram por situações similares, mostrando que não

estamos sozinhos e que muitas das dificuldades que porventura foram vividas em silêncio durante a pandemia também foram sentidas por outras pessoas — e que elas importam.

Para desenvolver essa pesquisa, parti das hipóteses de que a pandemia afetou os modos de se relacionar romanticamente, devido ao período de isolamento social, às medidas de segurança adotadas para evitar o contágio da doença e à crescente presença virtual para manter as interações sociais, e de que os textos analisados apresentariam uma nova temporalidade nos relacionamentos amorosos. De fato, as narrativas coletadas revelaram uma mudança significativa na forma como as novas relações são estabelecidas através do digital e uma percepção aguçada da passagem do tempo, sobretudo durante o período de isolamento social. Além disso, as crônicas ilustraram as questões de gênero, que foram evidenciadas nos dados sobre as desigualdades da pandemia e na forma como o amor romântico impacta mais intensamente as mulheres, mostrando como elas estiveram mais sobrecarregadas do que os homens com afazeres domésticos, cuidados com a família e manutenção emocional do relacionamento durante esse período.

As narrativas mostram também que, mais do que uma época de grandes perdas, medo da morte, aprofundamento da solidão e conflitos nos relacionamentos, a pandemia foi um acontecimento único compartilhado pela sociedade, um período fértil para experimentações, que possibilitou uma amplitude de novas vivências. É perceptível que a pandemia criou uma sensação sem igual de recomeço, em que foi possível experimentar com menos riscos novas formas de vida e projetar a criação de um novo mundo pós-pandemia. O amor e os relacionamentos amorosos se mostraram como elementos-chave para o enfrentamento dos momentos mais difíceis, atuando como apoio, esperança e distração de viventes da pandemia. Afinal, é essencial nos sentirmos em casa no mundo e na comunidade em que vivemos, e somente através do amor é possível sonhar com um futuro melhor.

Entretanto, era esperado também que a coluna expusesse as transformações sentidas após a pandemia — ou uma visão mais distanciada do início da crise, uma vez que ainda não é possível cravar seu fim —, ao rememorar o acontecimento e apresentar as mudanças provocadas na vida amorosa que foram absorvidas ou não pelos narradores. Porém, com o passar das fases mais intensas da crise sanitária, diminuíram também as referências à pandemia na coluna, não sendo dada mais tanta importância ao tema. Isso é um indício de que, apesar de a pandemia ter afetado significativamente a vida das pessoas em um momento inicial, com o passar do tempo ela foi sendo absorvida com mais casualidade à vida cotidiana,

e seus impactos não foram mais notados com vigor. Nos acostumamos com o novo normal, não sendo mais urgente como antes produzir narrativas sobre ele.

É preciso salientar também que tenho ciência de que o recorte apresentado aqui não é fidedigno ao mundo real; há um recorte geográfico e de classe inegáveis na publicação, uma vez que ela é voltada para assinantes do jornal e espera-se que os autores dos textos publicados na coluna sejam também leitores do *The New York Times* — afinal, é preciso primeiramente ter ciência de que a coluna existe para poder submeter a própria narrativa, sendo necessário ser também público do jornal. As histórias da *Modern Love* falam de um ponto de vista majoritariamente norte americano e europeu, e sobretudo de pessoas com empregos estáveis, que tiveram a possibilidade de fazer trabalho remoto, se manter isoladas em suas casas e não precisaram arriscar a própria vida para sobreviver à pandemia — e que têm, também, as condições necessárias de consumir e produzir para uma publicação em inglês. Ou seja: a coluna *Modern Love* falha em abarcar, inclusive, o Sul Global do qual faço parte.

Três anos atrás, quando submeti o projeto de pesquisa para o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP, não imaginava que a pandemia fosse durar tanto — e nem que o mundo, do outro lado do acontecimento, seria como é hoje, ao mesmo tempo tão igual e tão diferente de antes. Olhar para trás causa um sentimento misto: vejo o confinamento vivido em 2020 como outra vida, quase suspensa no tempo e muito distante da realidade de hoje. Ao mesmo tempo, o período foi essencial para chegar onde me encontro, e não é possível imaginar uma vida em que a pandemia não tenha acontecido. Mudei de casa algumas vezes, mudei de carreira, vivi relacionamentos intensos e os transformei em arte, vivi períodos profundos de autoisolamento, necessários para melhorar minha relação comigo mesma e com o mundo, e produzi esta dissertação.

Durante a pesquisa, enquanto refletia sobre as transformações que vivi ao longo da pandemia, e sobretudo quando lia as crônicas que compõem o *corpus* de análise, o trecho que abre a versão original de *Um conto de duas cidades*, de Charles Dickens, não saía da minha cabeça:

It was the best of times, it was the worst of times, it was the age of wisdom, it was the age of foolishness, it was the epoch of belief, it was the epoch of incredulity, it was the season of Light, it was the season of Darkness, it was the spring of hope, it was the winter of despair; we had everything before us, we had nothing before us, we were all going direct to Heaven, we were all going direct the other way—in short, the period was so far like the present period, that some of its noisiest authorities insisted on its

*being received, for good or for evil, in the superlative degree of comparison only*⁸
(DICKENS, 2003, p. 5).

Imaginar um mundo que não tenha sido afetado pela pandemia de Covid-19 é criar utopias. A crise global, mesmo tendo afetado profundamente a saúde, a política e a economia no mundo inteiro, foi também um período singular para a humanidade, em que tivemos a oportunidade inédita de elaborar, juntos, novas formas de vida e de se relacionar com o mundo.

⁸ “Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos, foi a idade da sabedoria, foi a idade da tolice, foi a época da crença, foi a época da incredulidade, foi a estação da Luz, foi era a estação das Trevas, foi a primavera da esperança, foi o inverno do desespero, tínhamos tudo diante de nós, não tínhamos nada diante de nós, estávamos todos indo direto para o Céu, estávamos todos indo direto para o sentido oposto — em suma, o período era tão parecido com o período atual, que algumas de suas autoridades mais ruidosas insistiam que ele fosse recebido, para o bem ou para o mal, apenas no grau superlativo de comparação” (tradução nossa).

Referências

AGAMBEN, Giorgio. A testemunha. In: AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 25-48.

AGÊNCIA BRASIL. **Desemprego registrou taxa média de 13,5% em 2020**. 2021.

Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-03/desemprego-registrou-taxa-media-de-135-em-2020>> Acesso em: 02 mai. 2022.

_____. **ONU: pandemia reduz expectativa de vida em 3 anos na América Latina**. 2022.

Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-07/onu-pandemia-reduz-expectativa-de-vida-em-3-anos-na-america-latina>> Acesso em: 05 jul. 2023.

_____. **Em três anos de pandemia de covid-19, ciência e vírus evoluíram**. 2023a.

Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-03/em-tres-anos-de-pandemia-ciencia-e-virus-evoluiram>> Acesso em: 12 jul. 2023.

_____. **OMS declara fim da emergência em saúde por covid-19**. 2023b. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-05/oms-declara-fim-da-emergencia-em-saude-por-covid-19>> Acesso em: 12 jul. 2023.

AGÊNCIA FAPESP. **“Novas pandemias poderão ocorrer em breve e precisamos estar preparados”, diz diretor do Butantan**. 2023. Disponível em:

<<https://agencia.fapesp.br/novas-pandemias-poderao-ocorrer-em-breve-e-precisamos-estar-preparados-diz-diretor-do-butantan/41474/>> Acesso em: 12 jul. 2023.

ALVES, Gabrielle Werenicz. **Uma comparação entre a pandemia de Gripe Espanhola e a pandemia de Coronavírus**. 2021. Disponível em:

<<https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/uma-comparacao-entre-a-pandemia-de-gripe-espanhola-e-a-pandemia-de-coronavirus-por-gabrielle-werenicz-alves>> Acesso em: 23 abr. 2022.

AUJLA, Dev. Relationships Move Fast on a Slow Cargo Ship. **The New York Times**. 2020.

Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2020/04/03/style/modern-love-coronavirus-isolation-cargo-ship.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROWS, Adam. I Wanted to Love Her, Not Save Her. **The New York Times**. 2021.

Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2021/02/19/style/modern-love-i-wanted-to-love-her-not-save-her.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

BARRY, John M. **The great influenza: The epic story of the deadliest plague in history**. New York: Penguin Group, 2004.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BBC. **Coronavírus: um terço da população mundial está sob quarentena; veja 4 tipos de restrição**. 2020a. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52040808>> Acesso em: 11 set. 2020.

_____. **Why the pandemic is causing spikes in break-ups and divorces**. 2020b.

Disponível em:

<<https://www.bbc.com/worklife/article/20201203-why-the-pandemic-is-causing-spikes-in-break-ups-and-divorces>> Acesso em: 4 jul. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: 2. A experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BENNETT, Jessica; JONES, Daniel; STRZEMIEN, Anya. Alone. **The New York Times**.

2020. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2020/05/13/style/coronavirus-modern-love-living-alone.html>>

Acesso em: 12 jun. 2023.

BENNETT, J. et al. Together. **The New York Times**. 2020. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2020/06/12/style/modern-love-coronavirus-living-together.html>>

Acesso em: 12 jun. 2023.

BLASSINGAME, Haili. My Choice Isn't Marriage or Loneliness. **The New York Times**.

2021. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2021/04/02/style/modern-love-my-choice-isnt-marriage-or-loneliness.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

BOHANAN, Rebecca. A Man (and Meals) Worth Losing Sleep Over. **The New York Times**.

2020. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2020/11/06/style/modern-love-a-man-and-meals-worth-losing-sleep-over.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL DE FATO. **Brasil tem número recorde de divórcios no segundo semestre de 2020**. 2021. Disponível em:

<<https://www.brasildefato.com.br/2021/01/22/brasil-tem-numero-recorde-de-divorcios-no-segundo-semester-de-2020>> Acesso em: 07 dez. 2022.

BROWN, Meaghen. Remote Work Gave Us a Life Together. Now What? **The New York Times**.

2021. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2021/09/24/style/modern-love-remote-work-pandemic.html>>

Acesso em: 12 jun. 2023.

BROOKINGS. For COVID-19 vaccinations, party affiliation matters more than race and ethnicity. 2021. Disponível em:
<<https://www.brookings.edu/blog/fixgov/2021/10/01/for-covid-19-vaccinations-party-affiliation-matters-more-than-race-and-ethnicity/>> Acesso em: 25 abr. 2022.

CARVALHO, Carlos Alberto de. Apontamentos teóricos e metodológicos para compreender as vinculações sociais das narrativas. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de (Org.). **Narrativas e poéticas midiáticas: Estudos e perspectivas.** Belo Horizonte: Intermeios, 2013. p. 49-65.

CFR. Seven Charts That Explain the COVID-19 Pandemic in 2021. 2021. Disponível em:
<<https://www.cfr.org/article/seven-charts-explain-covid-19-pandemic-2021>> Acesso em: 09 mai. 2022.

_____. **When Will COVID-19 Become Endemic?** 2022. Disponível em:
<<https://www.cfr.org/in-brief/when-will-covid-19-become-endemic>> Acesso em: 10 mai. 2022.

CHUNG, Joyce Juhee. May We Please Just Date Without Hate? **The New York Times.** 2022. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2022/05/27/style/modern-love-may-we-please-date-without-asian-hate.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

CNN. Shanghai surprise: How I survived 70 days confinement in the world's strictest Covid lockdown. 2022. Disponível em:
<<https://edition.cnn.com/2022/06/17/asia/shanghai-covid-quarantine-lockdown-experience-dst-intl-hnk/index.html>> Acesso em: 11 jun. 2023.

CNN BRASIL. Com pandemia, demanda por videoconferências dispara em empresas brasileiras. 2020a. Disponível em:
<<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/04/15/com-pandemia-demanda-por-videoconferencias-dispara-em-empresas-brasileiras>> Acesso em: 11 set. 2020.

_____. **Quarentena movimentada: apps como Tinder e Happn têm aumento de acessos.** 2020b. Disponível em:
<<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/05/13/durante-isolamento-apps-como-tinder-e-happn-registraram-aumento-nas-interacoes>> Acesso em: 11 set. 2020.

_____. **Busca por produtos eróticos dispara na quarentena e vendas crescem até 475%.** 2020c. Disponível em:
<<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/06/08/busca-por-sex-toys-dispara-na-quarentena-loja-online-aumenta-vendas-em-475>> Acesso em: 11 set. 2020.

_____. **Quais países já começaram a vacinação contra a Covid-19 e quais são os próximos.** 2021. Disponível em:
<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/quais-paises-ja-comecaram-a-vacinacao-contra-a-covid-19-e-quais-sao-os-proximos/>> Acesso em: 03 mai. 2022.

_____. **Uso de máscara deixa de ser obrigatório em todos os estados brasileiros.** 2022. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/uso-de-mascara-deixa-de-ser-obrigatorio-em-todos-os-estados-brasileiros/>> Acesso em: 10 mai. 2022.

_____. **Três anos de Covid-19: como podemos chegar ao fim da pandemia?** 2023.

Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/tres-anos-de-covid-19-como-podemos-chegar-ao-fim-da-pandemia/>> Acesso em: 12 jul. 2023.

CNN EDITORIAL RESEARCH. **Covid-19 Pandemic Timeline Fast Facts.** 2022.

Disponível em:

<<https://edition.cnn.com/2021/08/09/health/covid-19-pandemic-timeline-fast-facts/index.html>> Acesso em: 03 mai. 2022.

COACCI, Albertina. He Seduced Me With Bread. **The New York Times.** 2020. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2020/12/11/style/modern-love-he-seduced-me-with-bread.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

COMEY, Abby. Not Every Breakup Is About Being Broken. **The New York Times.** 2022.

Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/06/03/style/modern-love-breakup.html>>

Acesso em: 12 jun. 2023.

COMFORTO, Nicole. A Marriage Stressed by Obsessions and Compulsions. **The New York Times.** 2021. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2021/08/06/style/modern-love-marriage-stressed-by-obsessive-compulsive-disorder.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

CONASS. **Painel de análise do excesso de mortalidade por causas naturais no Brasil.**

Disponível em: <<https://www.conass.org.br/indicadores-de-obitos-por-causas-naturais/>>

Acesso em: 14 mai. 2022.

CONTÁBEIS. **Auxílio Emergencial:** governo apresenta perfil dos beneficiários em 2020: 55% são mulheres. 2021. Disponível em:

<<https://www.contabeis.com.br/noticias/46336/auxilio-emergencial-governo-apresenta-perfil-dos-beneficiarios-em-2020-55-sao-mulheres/#:~:text=Esses%2067%2C9%20milh%C3%B5es%20de,socorrer%20os%20brasileiros%20mais%20necessitados>> Acesso em: 03 mai. 2022.

CORNWELL, Betsy. I'll Get by With a Little Help From My Herd. **The New York Times.** 2023. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2023/01/20/style/modern-love-domestic-abuse-ireland-help-from-my-herd.html>> Acesso em 01 mar. 2023.

CORREIO BRAZILIENSE. **Mortalidade por covid-19 dobrou em cidades bolsonaristas, mostra estudo.** 2022. Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/03/4993562-mortalidade-pela-covid-19-dobrou-em-cidades-bolsonaristas-mostra-estudo.html>> Acesso em: 25 abr. 2022.

CREATIVE WRITING NEWS. **Modern Love Essay/ How to Submit (Prize:\$500).** 2020.

Disponível em:

<<https://www.creativewritingnews.com/modern-love-essay-how-to-submit-prize500/>>. Acesso em: 09 mai. 2023.

DANN, Patty. The End of the Long-Distance Marriage. **The New York Times**. 2021. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2020/04/17/style/modern-love-coronavirus-end-of-long-distance-marriage.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

DELAPP, Erik. Feeling Lonely? Wearing Cat Ears May Help. **The New York Times**. 2021. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2021/01/29/style/modern-love-feeling-lonely-wearing-cat-ears-ma-y-help.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **PORTARIA Nº 188, DE 3 DE FEVEREIRO DE 2020**. 2020. Disponível em:

<<https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de%E2%80%9332020%E2%80%93241408388>> Acesso em: 22 abr. 2022.

DICKENS, Charles. **A Tale of Two Cities**. Londres: Penguin Books. 2003.

DITROLIO, Megan. In the Archives, Finding Love (Stories). **The New York Times**. 2023. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2023/02/14/insider/in-the-archives-finding-love-stories.html>> Acesso em 01 mar. 2023.

DORAU, Bethany Groff. Spending My Tenderness on Animals. **The New York Times**. 2020. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2020/07/31/style/modern-love-spending-tenderness-on-animals.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

DUNBAR, Carol. Loving Him More When He Walks Out the Door. **The New York Times**. 2022. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2022/02/04/style/modern-love-aneurysm-death.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

ECODEBATE. **A covid-19 no primeiro semestre de 2020 e o Brasil e a América Latina como epicentros**. 2020. Disponível em:

<<https://www.ecodebate.com.br/2020/07/03/a-covid-19-no-primeiro-semester-de-2020-e-o-brasil-e-a-america-latina-como-epicentros-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>> Acesso em: 07 ago. 2020.

EL-FAISY, Monique. Lockdown Was Our Breaking Point. **The New York Times**. 2021. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2021/01/15/style/modern-love-lockdown-was-our-breaking-point.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

FAROOQI, Myra. I Tried to Filter Him Out. **The New York Times**. 2021. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2021/04/16/style/modern-love-muslim-hindu-dating.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

FEDERER, Melody. ‘The Nutcracker’ and the Sex Tape. **The New York Times**. 2021.

Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2021/12/24/style/modern-love-nutcracker-sex-tape-ugly-christmas-sweater.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

FIOCRUZ. **BOLETIM ESPECIAL: Balanço de dois anos da pandemia Covid-19**. 2022.

Disponível em:

<https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos_2/boletim_covid_2022-balanco_2_anos_pandemia-redb.pdf> Acesso em: 23 abr. 2022.

FOWLER, Gabriela. No Longer Running From My Emotions. **The New York Times**. 2022.

Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2022/09/09/style/modern-love-no-longer-running-from-my-emotions.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FUCUTA, Brenda. “**Depois da gripe espanhola, ficamos mais hedonistas**”, diz escritor.

2020. Disponível em:

<https://nos.blogosfera.uol.com.br/2020/04/04/depois-da-gripe-espanhola-ficamos-mais-hedonistas-diz-escritor/>. Acesso em: 22 ago. 2020.

G1. **Cidades que mais apoiaram Bolsonaro em 2018 tiveram as piores taxas de mortalidade por Covid em 2021, aponta estudo na 'Lancet'**. 2022a. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/03/16/cidades-que-mais-apoiaram-bolsonaro-em-2018-tiveram-as-piores-taxas-de-mortalidade-por-covid-em-2021-aponta-estudo-na-lancet.ghtml>> Acesso em: 25 abr. 2022.

_____. **Mundo bate novo recorde diário com 4,2 milhões de casos de Covid**. 2022b.

Disponível em:

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/01/20/mundo-tem-379-milhoes-de-casos-de-covid-e-bate-novo-recorde-diario.ghtml>> Acesso em: 10 mai. 2022.

_____. **3 anos de pandemia de covid-19: o que esperar da doença daqui em diante no Brasil**. 2023. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2023/03/11/3-anos-de-pandemia-de-covid-19-o-que-esperar-da-doenca-daqui-em-diante-no-brasil.ghtml>> Acesso em: 12 jul. 2023.

GAMA REVISTA. **Daniel Jones, do ‘Modern Love’**: ‘Histórias nos fazem pensar em nossas experiências’. 2021. Disponível em:

<<https://gamarevista.uol.com.br/semana/solteiro-casado-ou-outra-coisa/entrevista-exclusiva-com-daniel-jones-do-modern-love/>> Acesso em: 14 mai. 2022.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Unesp, 1993.

GLASS, Sara. Please, God, Help Me Stop Missing Her. **The New York Times**. 2022.

Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2022/08/05/style/modern-love-orthodox-jewish-gay.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

GOLDBERG, Lily. I Bet You Think These Songs Are About You. **The New York Times**. 2022. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2022/05/13/style/modern-love-spotify-playlist-bet-you-think-songs-are-about-you.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

HAN, Byung Chul. **Sociedade do cansaço**. 2ª Edição Ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017a.

_____. **Agonia do eros**. Petrópolis: Vozes, 2017b.

_____. O vírus capitalista do cansaço incessante. **Outras Palavras**. 2021. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/o-virus-capitalista-do-cansaco-inecessante/>> Acesso em: 17 jun. 2023.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo e jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007. p. 123-142.

HERTZ, Noreena. **O século da solidão**: Reestabelecer conexões em um mundo fragmentado. Rio de Janeiro: Record, 2021.

HINDS, Jess deCourcy. Oh, Dewey, Where Would You Put Me? **The New York Times**. 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/06/04/style/modern-love-oh-dewey-where-would-you-put-me.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: Novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

HOU, Zhengkun. Lockdown Was Our Romantic Bubble. **The New York Times**. 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/08/26/style/modern-love-lockdown-in-shanghai.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

IFRC. **Least Protected, Most Affected**: Migrants and refugees facing extraordinary risks during the COVID-19 pandemic. 2020. Disponível em: <<https://www.ifrc.org/document/least-protected-most-affected-migrants-and-refugees-facing-extraordinary-risks-during>> Acesso em: 11 jul. 2023.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

IMMERGUT, Debra Jo. Making Space in Marriage, Even as the Walls Close In. **The New York Times**. 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/05/01/style/modern-love-coronavirus-burning-man-making-space-in-marriage.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

INSTITUTO BUTANTAN. **Retrospectiva 2021**: segundo ano da pandemia é marcado pelo avanço da vacinação contra Covid-19 no Brasil. 2021. Disponível em:

<<https://butantan.gov.br/noticias/retrospectiva-2021-segundo-ano-da-pandemia-e-marcado-pelo-avanco-da-vacinacao-contracovid-19-no-brasil>> Acesso em: 07 mai. 2022.

_____. **Seis fatos sobre a ômicron, a variante mais transmissível da Covid-19.** 2022.

Disponível em:

<<https://butantan.gov.br/noticias/seis-fatos-sobre-a-omicron-a-variante-mais-transmissivel-da-covid-19>> Acesso em: 10 mai. 2022.

ISTOÉ. **Plataforma promete trazer o ‘frio na barriga’ do 1º encontro.** 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/plataforma-promete-trazer-o-frio-na-barriga-do-1o-encontro/>> Acesso em: 11 set. 2020.

JACKSON-SAITZ, Tatiana. A Texting Lifeline During a Difficult Time. **The New York Times.** 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/06/17/style/modern-love-fathers-day-cancer-texting.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

JAHANI, Sahar. The Case for Being Touched. **The New York Times.** 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/07/22/style/modern-love-physical-touch-intimacy.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

JONES, Daniel. What Does Modern Love Mean in a Pandemic? **The New York Times.** 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/05/01/reader-center/modern-love-coronavirus.html>> Acesso em 01 mar. 2022.

KEHL, Maria Rita. **A mínima diferença:** Masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLORFEIN, Jenna. The Pandemic Arrived. His Text Back Did Not. **The New York Times.** 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/12/04/style/modern-love-ghosted-during-a-pandemic.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

KRUGER, Alex. My Ridiculous Dating System Totally Works! **The New York Times.** 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/04/09/style/modern-love-my-ridiculous-dating-system-totally-works.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

KUO, James. On the Front Lines of a Pandemic, ‘I Love You’ Can Mean ‘Goodbye’. **The New York Times.** 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/03/27/style/modern-love-coronavirus-seattle-kirkland.html>> Acesso em: 20 ago. 2020.

LASSWELL, Harold D. **Propaganda technique in the world war.** New York: Peter Smith, 1927.

_____. **Politics:** who gets what? when? how? New York: Whittlesey House, 1936.

LA TIMES. **COVID is still a global emergency but may be nearing an ‘inflection point,’ WHO says.** 2023. Disponível em:
<<https://www.latimes.com/world-nation/story/2023-01-30/who-covid-still-emergency-but-nearing-inflection-point>> Acesso em: 12 jul. 2023.

LEE, Miya. The Best of Tiny Love Stories. **The New York Times.** 2021. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2021/08/20/style/modern-love-the-best-of-tiny-love-stories.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

_____. ‘Too Beautiful to Be in Ruins’. **The New York Times.** 2021. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2021/12/31/style/tiny-love-stories-fresh-starts.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

LIPOVETSKY, Gilles. Amar, diz ela. In: LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Cap. 1. p. 19-50.

LIU, Patricia. Pushed Together for 48 Days, Then Pulled Apart for 49. **The New York Times.** 2020. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2020/08/21/style/modern-love-pushed-together-pulled-apart-for-49-days.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

MACK, Alyssa. Accepting Applications for a Black Boyfriend. **The New York Times.** 2022. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2022/02/11/style/modern-love-black-boyfriend-applications.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

MARRES, Noortje; GERLITZ, Carolin. Interface Methods: Renegotiating Relations between Digital Social Research, STS and Sociology. **The Sociological Review** v .64, no. 1. p. 21-46. 2016.

MAY, Simon. **Amor: Uma história.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MCALLISTER, Michael. How I Got Caught Up in a Global Romance Scam. **The New York Times.** 2020. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2020/11/13/style/modern-love-my-life-as-scam-bait.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

MCDONOUGH, Max. Why Are All the Exes Texting? **The New York Times.** 2020. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2020/05/29/style/modern-love-coronavirus-why-are-all-the-exes-texting.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

MCLAIN, Paula. Why I Took a Vow of Celibacy. **The New York Times.** 2021. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2021/03/12/style/modern-love-why-i-took-a-vow-of-celibacy.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

MCNELLIS, Jessie. If I Expect It to End, Will It Hurt Less? **The New York Times.** 2021. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2021/03/26/style/modern-love-long-distance-friend-zone.html>>
Acesso em: 12 jun. 2023.

MCPEEK, Kyleigh. This Is How We Talk About Ending Things. **The New York Times**. 2021. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2022/06/24/style/modern-love-ending-things.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

MEDICAL NEWS TODAY. **How did we develop a COVID-19 vaccine so quickly?** 2021. Disponível em:

<<https://www.medicalnewstoday.com/articles/how-did-we-develop-a-covid-19-vaccine-so-quickly>> Acesso em: 08 mai. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Como se proteger?** 2021a. Disponível em:

<<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-proteger>> Acesso em: 02 jun. 2021.

_____. **Sintomas.** 2021b. Disponível em:

<<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/sintomas#:~:text=Caracterizado%20a%20partir%20da%20presen%C3%A7a,%2C%20fadiga%20e%20Fou%20cefaleia>> Acesso em: 02 mai. 2022.

MOSKOWITZ, Bette Ann. Widow Walks Into Wall, Finds Hope. **The New York Times**. 2020. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2020/04/10/style/modern-love-coronavirus-widow-walks-into-wall-finds-hope.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **Conheça as cinco pandemias mais mortais da história da humanidade.** 2022. Disponível em:

<<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/09/conheca-as-cinco-pandemias-mais-mortais-da-historia-da-humanidade>> Acesso em: 01 jul. 2023.

_____. **"O mundo deve se preparar para enfrentar uma próxima pandemia", alerta a OMS.** 2023. Disponível em:

<<https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2023/06/o-mundo-deve-se-preparar-para-enfrentar-uma-proxima-pandemia-alerta-a-oms>> Acesso em: 12 jul. 2023.

NASSAR, Paulo; FARIAS, Luiz Alberto de; RIBEIRO, Emiliana Pomarico. Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia. In: SCHEID, Daiane; MACHADO, Jones; PERSIGO, Patrícia M. (Org.). **Tendências em comunicação organizacional: temas emergentes no contexto das organizações.** Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2019. p. 209-224.

OECD. **The unequal impact of COVID-19: A spotlight on frontline workers, migrants and racial/ethnic minorities.** 2022. Disponível em:

<<https://www.oecd.org/coronavirus/policy-responses/the-unequal-impact-of-covid-19-a-spotlight-on-frontline-workers-migrants-and-racial-ethnic-minorities-f36e931e/>> Acesso em: 11 jul. 2023.

OPAS. **Histórico da pandemia de COVID-19**. 2020. Disponível em:
<<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>> Acesso em: 02 mai. 2022.

_____. **Excesso de mortalidade associado à pandemia de COVID-19 foi de 14,9 milhões em 2020 e 2021**. 2022. Disponível em:
<<https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2022-excesso-mortalidade-associado-pandemia-covid-19-foi-149-milhoes-em-2020-e-2021>> Acesso em: 11 jul. 2023.

_____. **OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19**. 2023. Disponível em:
<<https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>> Acesso em: 05 mai. 2023.

OUR WORLD IN DATA. **Coronavirus Pandemic (COVID-19)**. 2023. Disponível em:
<<https://ourworldindata.org/coronavirus>> Acesso em: 13 jul. 2023.

OXFAM. **A epidemia de desigualdade no Brasil**. 2022. Disponível em:
<<https://www.oxfam.org.br/blog/a-epidemia-de-desigualdade-no-brasil/>> Acesso em: 11 jul. 2023.

PBS. **COVID helped make 2021 the deadliest year in U.S. history**. 2022. Disponível em:
<<https://www.pbs.org/newshour/nation/covid-helped-make-2021-the-deadliest-year-in-u-s-history>> Acesso em: 05 jul. 2023.

PENSO, Maria Aparecida; SENA, Denise Pereira Alves de. Relações amorosas em tempos de isolamento social. In: GUIMARÃES, Ludmila de Vasconcelos M.; CARRETEIRO, Teresa Cristina; NASCIUTTI, Jacyara Rochoael (Org.). **Janelas da pandemia**. Belo Horizonte: Editora Instituto DH, 2020. p. 155-164.

PRESS GAZETTE. **Top 50 news websites in the world in January 2023: CBS and New York Times see biggest growth**. 2023. Disponível em:
<https://pressgazette.co.uk/media-audience-and-business-data/media_metrics/most-popular-websites-news-world-monthly-2/> Acesso em: 04 mar. 2023.

PRO TV. **EXCLUSIV: Daniel Jones, de la New York Times, despre Modern Love, cea mai cunoscută rubrică de dragoste din lume**. 2023. Disponível em:
<<https://www.protv.ro/divertisment/exclusiv-daniel-jones-de-la-new-york-times-despre-modern-love-cea-mai-cunoscuta-rubrica-de-dragoste-din.html>> Acesso em 03 mar. 2023.

QURESHI, Sadaf. What He Hadn't Told Me. **The New York Times**. 2022. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2022/01/28/style/modern-love-muslim-dating-what-he-hadnt-told-me.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

RANELLI, Alessandra. Two Kisses We Never Talked About. **The New York Times**. 2023. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2023/02/03/style/modern-love-two-kisses-we-never-talked-about.html>> Acesso em 01 mar. 2023.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. 1982.

RINGELHEIM, Kayla. Two Wrongs Don't Make Mr. Right. **The New York Times**. 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/10/22/style/modern-love-hinge-date-not-mr-right.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

ROSEN, Sarah. When It's Either Your Ex, or Nobody, for Months. **The New York Times**. 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/04/24/style/modern-love-coronavirus-single-your-ex-or-nobody-for-months.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

RUTLEDGE, Sarah. My Quarantine Boyfriend Lost Everything (but Found Me). **The New York Times**. 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/06/05/style/modern-love-coronavirus-quarantine-boyfriend-lost-everything.html>> Acesso em: 15 mai. 2023.

SALVIATI, Maria E. **Manual do Aplicativo Iramuteq**: (versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3). Planaltina, 2017. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-e-lisabeth-salviati>> Acesso em: 11 mai. 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **A bailarina da morte: A gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 368 p.

SHEARN, Amy. How a Missing Sock Changed My Life. **The New York Times**. 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/10/15/style/modern-love-how-a-missing-sock-changed-my-life.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

SHOWALTER, Ross. A Love Language Spoken With Hands. **The New York Times**. 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/12/17/style/modern-love-deaf-sign-language.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

SIMÕES, Paula Guimarães. O amor como um valor. In: SIMÕES, Paula Guimarães. **Mulheres Apaixonadas e outras histórias: amor, telenovela e vida social**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2004. p. 71-96.

SLICE, Jessica. He Cared About Me, So I Broke Up With Him. **The New York Times**. 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/11/19/style/modern-love-he-cared-so-i-broke-up-with-him.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

SMITH, Eliza. Losing the Pregnancy, the Marriage and the Pearls. **The New York Times**. 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/07/08/style/modern-love-losing-pregnancy-marriage-pearls.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

STARLING, Heloísa. **O ano em que Belo Horizonte enfrentou a peste.** 2020. Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/o-ano-em-que-belo-horizonte-enfrentou-a-pest>> Acesso em: 23 ago. 2020.

STONE, Hillery. The Dentist Who Treated My Divorce. **The New York Times.** 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/04/01/style/modern-love-the-dentist-who-treated-my-divorce.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

SUNDBERG, Kelly. Some People Flip Real Estate. I Flip Men. **The New York Times.** 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/07/02/style/modern-love-some-people-flip-real-estate-i-flip-men.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

THE COVID TRACKING PROJECT. **The COVID Racial Data Tracker.** 2020. Disponível em: <<https://covidtracking.com/race>> Acesso em: 11 jul. 2023.

THE GUARDIAN. **US records more than 5,000 Covid deaths in single day after data audit.** 2021. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2021/feb/05/us-covid-coronavirus-death-toll>> Acesso em: 05 jul. 2023.

THE NEW YORK TIMES. **To Fall in Love With Anyone, Do This.** 2015. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/01/11/style/modern-love-to-fall-in-love-with-anyone-do-this.html>> Acesso em: 15 ago. 2021.

_____. **Live Alone? We Want to Hear From You.** 2020a. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/04/24/style/modern-love-coronavirus-alone-callout.html>> Acesso em: 05 jun. 2023.

_____. **Digital Revenue Exceeds Print for 1st Time for New York Times Company.** 2020b. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/08/05/business/media/nyt-earnings-q2.html>>. Acesso em: 09 mai. 2023.

_____. **New York Times Hits 7 Million Subscribers as Digital Revenue Rises.** 2020c. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/11/05/business/media/new-york-times-q3-2020-earnings-nyt.html>> Acesso em 04 mar. 2023.

_____. **A Timeline of the Coronavirus Pandemic.** 2021a. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/article/coronavirus-timeline.html>> Acesso em: 03 mai. 2022.

_____. **See How Rich Countries Got to the Front of the Vaccine Line.** 2021b. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2021/03/31/world/global-vaccine-supply-inequity.html>> Acesso em: 09 mai. 2022.

_____. **The New York Times Tops 7.5 Million Subscriptions as Ads Decline.** 2021c. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2021/02/04/business/media/new-york-times-earnings.html>>
Acesso em 04 mar. 2023.

_____. **‘Modern Love’ Goes Global in New Television Series.** 2022. Disponível em:
<[https://www.nytimes.com/2022/10/20/insider/modern-love-global-new-television-series.htm](https://www.nytimes.com/2022/10/20/insider/modern-love-global-new-television-series.html)
l> Acesso em 03 mar. 2023.

_____. **The New York Times.** 2023a. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/>> Acesso em 01 mar. 2023.

_____. **The Times Reports 11% Increase in Revenue as Digital Subscriptions Climb.** 2023b. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2023/02/08/business/media/new-york-times-earnings.html>>
Acesso em 04 mar. 2023.

_____. **How to Submit a Modern Love Essay.** 2023c. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/article/how-to-submit-a-modern-love-essay.html>> Acesso em: 09
mai. 2023.

_____. **W.H.O. Ends Global Health Emergency Designation for Covid.** 2023d.
Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2023/05/05/health/covid-who-emergency-end.html>> Acesso em:
12 jul. 2023.

THE NEW YORK TIMES ADVERTISING. **Audience & Insights.** 2023. Disponível em:
<<https://advertising.nytimes.com/audience-and-insights/>> Acesso em: 04 mar. 2023.

THOMPSON, Erin. If a Rat Falls Into Your Bed, Call Your Lover’s Boyfriend. **The New York Times.** 2021. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2022/04/22/style/modern-love-when-a-rat-fell-onto-my-bed-i-called-my-lovers-boyfriend.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

UGALDE et. al. A Epidemia da Gripe Espanhola e do COVID-19 no Brasil: um paralelo. 2021. **Rev Med Minas Gerais** 2021; 31: e-31303.

URY, Logan. We Needed More Significant Others. **The New York Times.** 2021. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2021/01/08/style/modern-love-we-needed-more-significant-others.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

US NEWS. **Three Years of Death — and Finger-Pointing.** 2023. Disponível em:
<<https://www.usnews.com/news/the-report/articles/2023-03-10/three-years-into-the-pandemic-who-is-dying-from-covid-19-now>> Acesso em: 12 jul. 2023.

UVA TODAY. **Alumnus Behind ‘Modern Love’ Sees A Trend Toward Kindness During Pandemic.** 2021. Disponível em:
<<https://news.virginia.edu/content/alumnus-behind-modern-love-sees-trend-toward-kindness-during-pandemic>> Acesso em 01 mar. 2023.

VOX. **Rich countries are hoarding Covid-19 vaccines.** 2021. Disponível em: <<https://www.vox.com/2021/1/29/22253908/rich-countries-hoarding-covid-19-vaccines>> Acesso em: 08 mai. 2022.

WALTERS, Gregory. I Was Done Dating. Then I Joined a Hookup App. **The New York Times.** 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/10/23/style/modern-love-its-not-easy-being-easy.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

WELLCOME. **From equality to global poverty: the Covid-19 effects on societies and economies.** 2021. Disponível em: <<https://wellcome.org/news/equality-global-poverty-how-covid-19-affecting-societies-and-economies>> Acesso em: 11 jul. 2023.

WHITE, Michelle. Please Go Shelter in Another Place. **The New York Times.** 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/02/12/style/modern-love-please-go-shelter-in-another-place.html>> Acesso em: 12 jun. 2023.

WHO. **WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard.** 2022. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 01 mai. 2022.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero.** 1978.

ZIZEK, Slavoj. **Acontecimento:** uma viagem filosófica através de um conceito. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

_____. Žižek: Sexo em tempos de coronavírus. **Blog da Boitempo.** 2020a. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/26/zizek-sexo-em-tempos-de-coronavirus/>> Acesso em: 11 set. 2020.

_____. A dialética paralisada da pandemia. **Blog da Boitempo.** 2020b. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/07/20/zizek-a-dialetica-paralisada-da-pandemia/>> Acesso em: 17 jun. 2023.

_____. Žizek: um paradoxo para o pós-pandemia. **Outras Mídias.** 2021. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/zizek-um-paradoxo-para-o-pos-pandemia/>> Acesso em: 17 jun. 2023.